Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia: Programa de Pós-Graduação - Psicologia Social e do Trabalho

Carlos Eduardo Mendes

**Conflitos sociais mediados nas narrativas de futuro para jovens negras residentes
nas periferias de São Paulo e de Goiânia**

São Paulo

2019

Carlos Eduardo Mendes

**Conflitos sociais mediados nas narrativas de futuro para jovens negras residentes
nas periferias de São Paulo e de Goiânia**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social e do
Trabalho

Orientador: Professor Dr. Luís Guilherme Galeão da
Silva.

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE
ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendes, Carlos Eduardo

Conflitos sociais mediados nas narrativas de futuro de jovens negras nas periferias
de São Paulo / Carlos Eduardo Mendes; orientador Luis Guilherme Galeão Silva. --
São Paulo, 2019. 150 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. jovens negras. 2. Interseccionalidade. 3. racismo. 4. conflitos. 5. reconhecimento. I.
Silva, Luis Guilherme Galeão, orient. II. Título.

Nome: Carlos Eduardo Mendes

Título: Conflitos sociais mediados nas narrativas de futuro para jovens negras residentes nas periferias de São Paulo e de Goiânia.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. _____

Instituição:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Dedicatória

Ao povo negro.

À jovens negras.

A minha família.

Agradecimentos

Aqui cheguei em verdadeiro deslumbre. Sim, porque tenho certeza que terminar este trabalho só possível com a colaboração de vários corações. Tenho em mim que esse trabalho não poderia ter sido realizado fruto de minha solidão. Trata-se de um caminho acadêmico que percorri aparado por mãos de dentro e de fora da USP. Por esta razão, sei muito bem que posso cometer a imperdoável injustiça de faltar alguém importante que a adrenalina e as noites de sono escrevendo fizeram não lembrar.

Sem mais delongas eu gostaria de agradecer a minha mãe e minhas tias que já partiram, porque finalizaram suas missões, mas que ainda seguram minha mão e me ajudam nas noites escura de frio. Ainda lembro de cada uma delas me agasalhando, faziam o “checklist”: Lavou direito as orelhas? Está levando documentos? Leva guarda-chuva. Juízo menino. A USP e me tornar doutor se fizeram por elas.

E por falar em USP. Gostaria de agradecer ao IP-USP em especial. Mas como o departamento de Psicologia Social e do trabalho dá trabalho não sei o que seria de mim sem a Nalva, a Selma, a Teresa e a Rosângela.

Minha imensa gratidão ao professor Luís G. Galeão Silva por ter sido grande companheiro de jornada, não só acadêmica, como de luta por um país mais justo. Minha gratidão, à Celinha Reis, Ivani Francisco de Oliveira, Éri van Cristina, Julia Malvezzi Talita Agues.

Agradeço a preocupação, a palavras de confronto e de advertências da Psicanalistas Vania Carla, Marília Rosa e Carina Ferreira. Agradeço a Simone Toji a quem eu os maiores incentivos para estudar. Por fim agradeço a pedagoga Janiere Roldão e a bibliotecária do IP-USP Maria Marta, que tem muito me ajudado.

Meu coração está em festa. Não poderia faltar neste agradecimento meu melhor amigo Severino Napoleão Silva, nosso amigo que o câncer levou Joel.

Por fim, meus agradecimentos à CAPES por ter me selecionado para a bolsa que me foi fundamental, sem ela não conseguiria.

Epígrafe

... Mas minha palavra, a minha palavra, a minha palavra é afiada e contamina.
Minha ginga, meu jeito, minha voz que vem do gueto.
Minha raça, minha cara, tua cara à tapa. O meu cabelo crespo. Não ponho na chapa, aguenta minha marra.
Teu cartão não me paga. Minha ancestralidade no peito eu não tô te vendendo. Há quem batize minha postura pura malandragem.
Mas minha superação foi com muita dificuldade. Não é contando por contar, não é por vaidade. Mas peito pra encarar a vida louca com coragem,
Não é pra qualquer um...
Minha mãe minha testemunha: o preço, o zelo, o descontentamento, Muita frustração, sem inspiração, sem passe, sem pão... É mãe... não se preocupa. Eu dou meus pulinho, eu dou meu jeito. Eu sempre me virei. E é claro, eu precisei de ajuda.
Conhece a carne fraca? Eu sou do tipo carne dura.
Tem gente boa no mundo, isso eu já sei. Também vi o lado violento dos que não temem a lei. Tanto faz lei divina. Tanto faz lei dos homi. Não importa pôr roupa chique ou dar seu sobrenome.
A mulherada já sabe o cotidiano da rua: anoiteceu? Sozinha ce não tá segura.
Suor e choro. A noite é fria. Pra esses lance ninguém nunca está preparado.
Depois de um dia duro, meu corpo foi travado. Assalto à mão armada. Levaram o violão o microfone emprestado.
Eu chorei, eu chorei.
A bandidagem não acompanhou a estereotipia... Eram Três garotos. Tipo de uns quinze anos. nunca vi na área esses garotos brancos. Duas meninas loiras com boné cor de rosa reescrevendo as linhas da conhecida história...
Andando na rua de noite muita gente branca já fugiu de mim. A minha ameaça não carrega bala mas incomoda o meu vizim. O imaginário dessa gente dita brasileira é torto.
Grita pela minha pele qual será o meu fim. Eu não compactuo com esse jogo sujo.
Grito mais alto ainda e denuncio esse mundo imundo.
A minha voz transcende a minha envergadura. Basalto que emana dos meus poros.
Minha consciência pedra nesse instante. Basalto que emana dos meus poros. A minha consciência negra.

Ellen Oléria

SUMÁRIO

RESUMO.....	09
1. APRESENTAÇÃO.....	1222
2. INTRODUÇÃO.....	
2.1. Mulheres negras falando para um homem negro: Conhecer o mundo feminino.....	16
2.2. A ideia de colonialismo e a proposta de de-colonialismo.....	19
3. CAPÍTULO TEÓRICO	32
4. MÉTODO.....	54
4.1 Objetivo geral.....	54
4.2 Objetivos específicos.....	54
4.3 Abordagem da pesquisa.....	55
4.4 Participantes da pesquisa.....	56
4.1 Procedimentos.....	59
5. ESPAÇOS E NARRATIVAS.....	69
5.1 Cidade Tiradentes.....	71
5.2 Capão Redondo.....	92
5.3 Goiânia e arredores.....	111
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	125
6.1 Conflitos.....	125
6.2 Sofrimentos.....	126
6.3 Ser Negra.....	127
6.4 Ser Mulher.....	128
6.5 Ser Pobre.....	129
6.6 Luta por Reconhecimento.....	129
6.7 Elaboração de Sofrimentos.....	130
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134

RESUMO

A proposta deste doutorado foi de compreender se os sentidos de futuros narrados por jovens negras residentes nas periferias do município de São Paulo e de Goiânia lhes servem de mediadores para o entendimento dos conflitos sociais. Neste caso, os objetivos mais específicos giraram na órbita da compreensão se elas enunciam tipos de elaboração de sofrimentos, se comunicam suas relações étnico-raciais, de gênero e de classe, assim como, se lutam por reconhecimento intersubjetivo e social. Trata-se de uma pesquisa de característica qualitativa porque tal método permite a inserção do pesquisador nos próprios espaços geográficos, lá onde vivem suas vidas, alimentam esperanças. Por meio da relação com o pesquisador seus versos e expressões edificaram coisas, consequências, tarefas, além de comunicarem desigualdades, mas principalmente, a arquitetura do futuro, a elaboração do sofrimento para que as dores não se tornem dogmas. Portanto, é oportuno lembrar que nas periferias citadas, se vive sob a atmosfera de elementos representantes da relação entre racismo, pobreza, gênero, genocídio de jovens negros, espaço urbano, entre outros, que nos possibilita o diagnóstico de que vivemos em sociedade desigual em plena barbárie, mas que por outro lado, nos permite intuir como traços predominantes entre muitos jovens moradores em tais cenários, as formações de laços de solidariedades, de lutas por direitos, por cultura, por religião, por características indenitárias, diversidade sexual, pelas memórias que nutrem sentimentos de pertença étnico-raciais, de rede de relações das comunidades locais. Tudo isso, constituíram em importantes recursos de investigação que podem auxiliar para a construção de políticas públicas voltadas ao combate à desigualdade social brasileira. Neste aspecto a tradição teórica de crítica social foi instrumento importante para a compreensão e análise das experiências, bem como, das suas expectativas para o tempo ainda por vir, como estas expectativas se tornam mediadoras para lutarem por reconhecimento. Portanto, cumpriu-se de ouvi-las com bases no enfoque pesquisa-participante sob a análise da tradição teórica de crítica à sociedade, que entende que os conflitos sociais têm origem na ausência de reconhecimento, visto que o reconhecimento pleno só se dá quando indivíduos e grupos são realmente aceitos nas relações com o próximo (amor), na prática institucional (justiça/direito) e na convivência em comunidade (solidariedade).

Palavras chaves: Psicologia social, jovens negras, periferias, expectativas de futuro.

ABSTRACT

The purpose of this doctorate was to understand if the senses of futures narrated by young black women living in the outskirts of São Paulo and Goiânia serve as mediators for the understanding of social conflicts. Therefore, the more specific aims revolved around the orbit of the comprehension if they manifest sorts of suffering, if they communicate their ethnic-racial, gender or class relationships, as well as if they strive for intersubjective and social recognition. It is a qualitative research. Such method allows the insertion of the researcher in the geographical spaces where the young black women live their lives and nourish their hopes. Through the relationship with the researcher, his verses and expressions built up things, consequences, tasks, as well as communicating inequalities, but mainly the architecture of the future and the elaboration of suffering so that the pain did not become a dogma. Thus, it is worth remembering that in the outskirts mentioned above, one lives under the atmosphere of elements that represents the relationships between racism, poverty, gender, genocide of black youths, urban space, among others, that enables us to diagnose that we live in an unequal society in full of barbarism, but on the other hand, allows us to realize the predominant traits among many young people living in such surroundings, for example: the formation of ties of solidarity, strive for rights, for culture, for religion, for identity characteristics, for sexual diversity and for memories that nourish feelings of ethnic-racial belonging, as well as the network of relations in the local communities. This constituted in important research resources that can help to build public policies aimed at combating Brazilian social inequality. In this aspect, the theoretical tradition of social criticism was an important instrument for the understanding and analysis of the experiences, as well as the expectations for the time to come, as these expectations became mediators to fight for recognition. As a final result it was carried out the listening of the young women based on the research-participant approach under the analysis of the theoretical tradition of criticism of the society, which understands that social conflicts originates from the absence of recognition whereas full recognition only occurs when individuals and groups are effectively accepted in relationships with others (love), in institutional practice (justice / law) and in community living (solidarity).

Keywords: Social psychology, black youth, peripheries, future expectations.

RESUMEN

La propuesta de este doctorado fue la de comprender si los sentidos de futuro narrados por jóvenes negras residentes en la periferia del municipio de São Paulo y de Goiânia les sirven de mediadores para el entendimiento de los conflictos sociales. En este caso, los objetivos más específicos giraron en la órbita de la comprensión: si ellas enuncian tipos de elaboración de sufrimientos, si comunican sus relaciones étnico-raciales, de género y de clase, así como, si luchan por reconocimiento intersubjetivo y social. Se trata de una investigación de característica cualitativa porque tal método permite la inserción del investigador en los propios espacios geográficos, allí donde viven sus vidas, alimentan esperanzas. Por medio de la relación con el investigador, sus versos y expresiones edificaron cosas, consecuencias, tareas, además de comunicar desigualdades, pero principalmente, la arquitectura del futuro, la elaboración del sufrimiento para que los dolores no se conviertan en dogmas. Por lo tanto, es oportuno recordar que en las periferias citadas, se vive bajo la atmósfera de elementos representantes de la relación entre racismo, pobreza, género, genocidio de jóvenes negros, espacio urbano, entre otros, lo que nos posibilita el diagnóstico de que vivimos en sociedad desigual en plena barbarie, pero que, por otra parte, nos permite intuir como rasgos predominantes entre muchos jóvenes habitantes en tales escenarios, las formaciones de lazos de solidaridad, de luchas por derechos, por cultura, por religión, por características de identidad, diversidad sexual, por las memorias que nutren sentimientos de pertenencia étnico-raciales, de red de relaciones de las comunidades locales. Todo ello se constituyó en importantes recursos de investigación que pueden colaborar para la construcción de políticas públicas dirigidas al combate a la desigualdad social brasileña. En este aspecto la tradición teórica de crítica social fue un instrumento importante para la comprensión y análisis de las experiencias, así como de sus expectativas para el tiempo aún por venir, como estas expectativas se vuelven mediadoras para luchar por reconocimiento. Por lo tanto, se cumplió el objetivo de escucharlas con base en el enfoque investigador-participante bajo el análisis de la tradición teórica de crítica a la sociedad, que entiende que los conflictos sociales tienen origen en la ausencia de reconocimiento, ya que el reconocimiento pleno sólo se da cuando individuos y grupos son realmente aceptados en las relaciones con el prójimo (amor), en la práctica institucional (justicia / derecho) y en la convivencia en comunidad (solidaridad).

Palabras claves: Psicología social, jóvenes negras, periferias, expectativas de futuro.

1. APRESENTAÇÃO

A proposta deste doutorado foi de compreender se os sentidos de futuros narrados por jovens negras residentes nas periferias do município de São Paulo e de Goiânia lhes servem de mediadores para o entendimento dos conflitos sociais. Neste caso, os objetivos mais específicos giraram na órbita da compreensão se elas enunciam tipos de elaboração de sofrimentos, se comunicam suas relações étnico-raciais, de gênero e de classe, assim como, se lutam por reconhecimento intersubjetivo e social. Para tanto, penso ser importante apresentar alguns aspectos, que acredito, auxiliarem na abrangência de como o tema se tornou investigação.

Seguindo a metáfora de que a realidade social é como uma espécie de construção de tijolos feitos de fenômenos e processos sociais, sempre atravessada por narrativas que ornamentam a representação da realidade na constituinte do mundo do qual vivemos, portanto, “um elemento necessário de mediação do significado que a realidade adquire” (Cabruja, Íñiguez e Vázquez, 2000 p, 63), apresento as linhas que contam as particularidades de uma pesquisa de doutorado construída não de alvenaria de barro, mas todavia, de narrativas de futuro de jovens negras que residem nas periferias de São Paulo e de Goiânia.

São linhas escritas com o máximo de respeito por um pesquisador de pele negra herdada do útero e da maternidade de uma jovem camponesa, que só pôde calçar os pés com sapatos a primeira vez, quando completou 12 anos de idade. Aos 18 anos ela migrou da “roça” para a cidade de São Paulo. Costumava dizer que na mala não havia quase nada e, que no peito não havia vazios, porque transbordavam as expectativas da metrópole somadas ao forte desejo de ser professora de alfabetização de crianças.

Embora, nunca tenha realizado seu sonho, minha mãe migrou porque esperava ser professora de gente em tenra idade desatando-lhes os segredos das letras. Queria ensinar como as letras do alfabeto acoplam-se para formarem palavras e como as palavras escritas em fecundo flerte com o coração infinito dos seres humanos escrevem significados, poesias e sentimentos. Redigem sentidos de vida. Contam do passado, se juntam no registro de tratados, de testamentos, às vezes afirmam acordo de paz, às vezes sentenças de morte. A serviço da inquietude humana as palavras movimentam as possibilidades de

aprendemos uns com os outros, que neste doutorado, o aprendizado provem das narrativas de jovens negras periféricas anunciadoras delas próprias nos seus desejos para o tempo vindouro.

O ímpeto de ouvir jovens negras com o que esperam do futuro, em seu impulso mais antigo, remota a experiência de menino. Filho primogênito, entre os nove e doze anos, eu tinha a responsabilidade de cuidar das mamadeiras e das trocas de fraldas das minhas irmãs bebês, enquanto minha mãe e tias se ausentavam de madrugada para providenciar nosso sustento como empregadas domésticas, babás e faxineiras de patroas dos bairros nobres. As agruras, o dia-a-dia com essas duas gerações: irmãs, mãe e tias ainda jovens, me trouxe a percepção de que eram invisíveis nas suas dores, nos seus ensejos, nos sonhos, nos seus futuros.

Tal percepção me vinha do fato de que embora vivessem um presente estagnado na administração da escassez e por horas afio dedicadas aos trabalhos fora de casa, aos afazeres domésticos, ao cuidado de nós crianças, aquelas jovens de pele negra tinham na luz dos olhos um brilho que sinalizava expectativas apenas conhecidas entre elas ali no seio doméstico, porque, segundo o que diziam, do lado de fora não encontravam ouvidos à disposição de ouvi-las.

Uma era cabelereira, maquiadora e estilista da outra. Muitas vezes pude vê-las se cuidando para ficarem mais belas sempre com uma trilha de músicas em alto volume de discos de vinil. Enquanto a mais velha das irmãs alisava com pente de ferro abrasado nas chamas do fogão os cabelos da irmã do meio, a caçula faceira desfilava, como modelo de passarela, em um vestido novinho cosido por suas próprias linhas e agulhas guiadas por memória de vitrines de lojas, de revistas de modas, de conselhos das amigas e vizinhas.

Nestes momentos pareciam embriagar-se sem álcool. A fumaça que subia dos cabelos queimando no pente de ferro quente, o vestido novo e a música norte-americana na vitrolinha embebedavam seus corações com um tipo de áurea própria dos herdeiros do banzo que parecia traduzir qualquer idioma em língua inteligível para alma daquelas jovens. Elas cantavam em coro com as janelas e portas arreganhadas dos dois cômodos que construíram de tijolos em substituição das paredes de madeira com a cobertura de lonas pretas, ali nas margens da rua sem asfalto, sem placa com nome de gente: apenas identificada por número.

O canto seguia os versos dos discos de vinil que se revezavam na vitrola. Era uma conto feminino que se embelezava para um Capão Redondo míope, violento e surdo:

Passos confiantes. Cara. Roupas da hora. Capitou? (Love Unlimited, 1979); *Eu sou muito mulher* (Chaka Khan, 1978); *Eu não tenho Lar, não tenho sapatos, não tenho grana.... Ei, então, de qualquer modo, porque eu estou viva? Eu tenho meus cabelos, minha cabeça, meu cérebro, meus ouvidos, meus olhos, meu nariz. Tenho minha boca, eu tenho meu sorriso* (Nina Simone, 1968)¹.

Nenhuma delas falava ou entendia uma só palavra em inglês, mesmo assim cantavam como se o que ouviam e cantavam ganhassem tradução na divina comunhão do pulso do coração com o pulso da música. Do modo como embalavam os corpos e alargavam os sorrisos moldura da voz, a impressão era de que toda compreensão do significado de cada palavra se traduzia por dentro. Que o adorno da cantarola vinha do lugar dos sentimentos mais íntimos. Havia um tipo de comunicação particular que viajava soprada pela representatividade positiva das artistas negras norte americanas, que para aquelas outras jovens negras brasileiras se convertia em sentimentos de perfeita autoestima quando encontra um espelho bom. Espelho este, que as refletiam em bela imagem.

Na balada da música emitida pelo disco preto de vinil, cada balbúcio de um inglês inventado, mas que com o calor do cadinho feito do que vinha de dentro, parecia ser traduzido em entendimento de se sentirem representadas e reconhecidas como pertencentes ao povo preto espalhado no mundo. A música do disco de vinil parecia traduzir-se em hinos de amor, de ternura, de pertencimento, de luta por direitos civis, por reconhecimento de almas saudosas de direitos ainda por serem respeitados para uma maioria negra. Uma maioria negra com a presença constante das implicações da migração, da diáspora, dos sonhos com freios, dos anseios sem garantias, da necessária

¹ High steppin', hip dressin' fella, you got it together (Love Unlimited, 1979);

I'm Every Woman (Chaka Khan, 1978);

I ain't got no home, ain't got no shoes, Ain't got no Money...., hey, Why am I alive , anyway? Got my hair, got my head, Got my brains, got my ears, Got my eyes, got my nose, Got my mouth, I got my smile,(Nina Simone, 1968).

resistência de cada dia, das alegrias em conta gotas, dos esquecimentos, dos achados, dos futuros, cujas narrativas carecem serem ouvidas.

Do ponto de vista acadêmico, as inspirações por narrativas de futuro de jovens negras ganhou força na graduação. Por coincidência, repetição ou sina, os caminhos da migração se fizeram exigências para eu responder o sonho de estudar em um curso superior. Diferente da minha mãe que queria pedagogia, eu migrei para o sonho de ser psicólogo. Contudo, a vida migrada não alterou, mas ao contrário, fortaleceu a ânsia para a pesquisa com foco nas aspirações, nos desejosos, nos amores de mulheres negras, exatamente como crepitou em mim quando vivia ao lado de minhas irmãs, mãe e tias em dois cômodos sem reboco que elas construíram nos tempos em que o Capão Redondo, na periferia da zona sul do município de São Paulo, ainda era um dos bairros mais perigosos do mundo.

A bolsa de estudos institucionalizada por força da Lei nº 11.096 que criou o Programa Universidade para Todos – Prouni entre os anos de 2004 e 2005, me garantiu a matrícula na turma de 2006/2 em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás enchendo os espaços da mala e dos bolsos vazios – que me eram companheiros no ônibus destinado à cidade de Goiânia – transbordarem de expectativas para os aprendizados que me formariam em psicologia.

Por sorte, em 2007 consegui a casa de estudantes como lar possibilitando a oportunidade formidável de entrar em contato com a história do surgimento da casa: um exemplo de lutas de mulheres jovens para se valerem do direito de estudar e morar, além da rara experiência de habitar ao lado de outros jovens que guardo no peito a mais pura admiração.

A experiência de morar em assembleia com jovens migrantes, ter seguro minhas projeções de futuro acadêmicos e profissionais com raízes em uma grande universidade do centro oeste, assim como dividir o teto com jovens negras como: Ana Paula Vilas Boas, hoje socióloga; Maria de Fatima, assistente social, Joela Alves, jornalista e a psicóloga organizacional Kássia Shalon, fizeram fortalecer o desejo por compreender como a juventude negra com residência em bairros de periferias arquitetam o amanhã.

A Casa de Estudantes Universitários II - CEU II surge do protagonismo juvenil feminino. Sua história é contada em meio a recortes de jornais e fotografias da época,

somados as cartas, escritos, registros e históricos dos moradores de todas os períodos, que estão guardados na sala de coordenação. Fica ali salvaguardadas as memórias do final da década de setenta, quando existiam alguns barracões abandonados de estruturas físicas precárias ao lado da então Universidade Católica de Goiás. Oito jovens do curso de enfermagem, impedidas de pagarem aluguel e saldarem os custos dos seus estudos por severas dificuldades financeiras, após empenharem inúmeras tentativas frustradas de encontrar apoio e moradia na única residência para estudantes que pertencia a Universidade Federal de Goiás – UFG inflexível ao regulamento que reservava vagas apenas para estudantes do sexo masculino, as estudantes ocuparam os galpões em uma ação que surtiu na origem da CEU II.

Fui morador regular da CEU II por estar no perfil requerido no estatuto vigente na época que tornava obrigatório ao estudante que preteiasse admissão como residente, sem exceções, que fosse procedente do interior de Goiás ou de outros Estados da Federação brasileira ou de outros países devidamente matriculado na PUC de Goiás e que vivesse dificuldades financeiras para buscar outras formas alternativas de moradia, baseado na comprovação de baixo poder aquisitivo, bem como, na necessidade de moradia subsidiada, além de que sua renda familiar não fosse suficiente para arcar com as despesas do curso na universidade e pagar aluguel simultaneamente (Art, 8º, Alineas a;b. E.R.I. AMCEU II, 1979).

A leitura desta memória me faz presumir que as oitos estudantes retinham suas energias nos conflitos gerados por falta de recursos financeiros para morar, na luta pelo direito de estudar e nas expectativas da formatura como enfermeiras. Seus futuros, pode-se dizer, foram para elas ferramentas de organização na luta contra o imperativo imposto via desigualdades de classes, de gêneros, cuja resposta organizada tornou em abrigo os galpões legando a CEU II para me receber com o coração agradecido décadas depois. Assim, legaram as minhas possibilidades de residir em Goiânia praticamente desprovido de recursos para isso. Sou confesso de que sem a CEU II a psicologia seria impossível.

Com o sonho da enfermagem que a “dama da lâmpada”², afirma ser a arte mais bela das artes por requer tão delicado aprendizado não comparável ao trabalho de quem

² Florence Nightingale (1820 — 1910) foi uma enfermeira britânica que ficou famosa por ser pioneira no tratamento a feridos de guerra, durante a Guerra da Crimeia. Ficou conhecida na história pelo apelido de "A dama da lâmpada", pelo fato de servir-se deste instrumento para na iluminação ao auxiliar os feridos durante a noite.

se aplica à tela morta para gerar a pintura ou ao mármore frio para dar forma a escultura, com o trabalho de quem se consagra ao corpo vivo, oito estudantes esculpiram um legado em talha e cinzéis capazes de serem para mim a possibilidade de um lar que garantisse alterar a minha sina, me tornando, em relação a família da qual nasci, o primeiro graduado.

Constituíamos sessenta moradores em um prédio confortável. Não tínhamos a responsabilidade de pagarmos luz, água ou aluguel, mas mesmo assim, os efeitos das desigualdades, da pobreza e de migração como principais motivos para se buscar auxílio para residir nos forçavam ao apoio comunitário inevitável nos primeiros dias. No início o morador recém chegado se via atrelado a solidariedade dos outros moradores mais antigos para se deslocar na cidade de Goiânia, conseguir emprego e, em muitos casos dividir o macarrão instantâneo de valor nutritivo e preços baixos.

Éramos trinta homens e trinta mulheres. Os negros: contando com os jovens de Guiné Bissau, Angola e Moçambique não somávamos um terço dos moradores, o que não se diferenciava dos campus das universidades da região comparado com os outros estudantes brancos. Desde então, me fiz de questionar de dentro do mundo universitário, como as condições psicossociais e socioeconômicas historicamente renovadas dia-a-dia no cenário periférico, se realizam no esquadro e compasso que desenham o futuro de jovens negros, em especial para as mulheres negras na juventude. A tese é de que o futuro, dado as condições de vulnerabilidade históricas impostas aos negros e as desigualdades entre gêneros, para muitas jovens negras, em particular aquelas que vivem nas periferias brasileiras, pode acontecer na repetição de um passado resignado nos desrespeitos de direitos, mas que as memórias e as narrativas que ateiam as projeções de futuro para elas, também podem ser uma forma de elaborarem sofrimentos e berços de lutas pela equidade, por reconhecimento, de movimentos individuais ou coletivos para produzir um melhor lugar para existirem.

Lopes (2005) reflete que mesmo que a sociedade brasileira não conviva de forma declarada com o ódio racial, com a segregação legal ou explícita, o tratamento desigual impõe e intercala barreiras que impedem ou dificultam a mobilidade social negra. Dificulta a projeção positiva do futuro. Desde dos navios negreiros, dos grilhões, dos pelourinho que juntavam negros de diferentes etnias e idiomas, muitos negros deixaram

de serem ouvidos nas suas narrativas. Por isso deixaram de serem compreendidos. Muitos perderam o tino, muitos morrem lutando, de suicídio ou pelo genocídio ao mesmo tempo que a maioria ganharam a pobreza.

Os negros e negras se traduziram historicamente nas resistências contrárias as desigualdades cruelmente imposta ao “negro drama”³ de cadeia e favela, tumulto, sangue, sirene, choros e velas. Historicamente alternando: vezes como carne, vezes como a própria navalha (Racionais MC's, 2002). Coube as mulheres negras o atroz acréscimo ao seu drama a discriminação agravada com as opressões de gênero, da cor da pele, da juventude, dos bairros onde moram, etc.. Tantas negras foram destituídas de sua dignidade, foram sequestradas, vítimas de estupros. Tantas negras deram à luz com menos anestesia, enterraram seus filhos, pais, irmãos, amigos em caixões de papelões mortos em chacinas. Tantas cometeram suicídio. Como também, outras muitas negras com suas mãos libertaram escravos, fundaram terreiro e irmandades, foram resistência e exemplo de vida.

Neste sentido de resistência e exemplo de vida, o contato com o livro “Torna-se negro” da psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza também me foi influencia a ser destacada. No trabalho citado Souza (1983) procura “elaborar um gênero de conhecimento que viabiliza a construção de um discurso do negro sobre o negro” com foco nas emoções desta gente voltada “em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca”. Continua:

Na constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, a esse nível, elaborado pelo negro, acerca de si mesmo; a descoberta de ser negra é mais que a constatação do obvio (aliás, o obvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de se descortinar vários véus. Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas submetidas a exigências, compelida a expectativas alienadas. (p. 18)

³ Negro Drama é uma canção do grupo de rap brasileiro Racionais MC's, lançada no álbum Nada como um Dia após o Outro Dia, em 2002.

Neusa Santos Souza infelizmente em um gesto extremo põe fim a própria vida aos 60 anos de idade em 2009. Ela atirou-se do edifício de classe média onde vivia no bairro das Laranjeiras no Estado do Rio de Janeiro. No entanto, sua luta e sua escrita também me foram semente para este doutorado aonde as narrativas de jovens negras são a matéria prima. Houve, portanto, o mesmo desejo de que as experiências, as narrativas de jovens negras se transformassem “o que poderia ser um mero exercício acadêmico em uma apaixonada produção de conhecimento articulada com experiências vividas por negras num saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação” (Souza, 1983 p.17).

A opção por compreender como jovens negras constroem suas narrativas de futuro se deu porque lhes estão impostas as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: racismo, patriarcalismo. O futuro de jovens negras periféricas encontram maior dificuldade de acontecer em relação às suas contemporâneas brancas, porque o gênero não é o único fator de discriminação para elas. Exatamente porque estes outros fatores atuam vezes invisíveis, vezes negados, dissimulados ou sutilmente, implicam a necessidade de estudos que levem em consideração esses fatores de discriminação juntos. Bem nos lembra Silvia Camurça (2007), implica em compreendê-las com a proposta de tomar o corpo como território onde habita a vida que é base material de existência humana nas singularidades de suas experiências e compreender o grupo social de mulheres jovens negras como tendo algo em comum, apesar de suas diferenças e desigualdades internas.

Por fim, a geografia que lhes é comum, mas que também não é igual, visto que tratamos de periferias distintas fornece sustentação para uma investigação politicamente comprometida com a valorização e a recuperação das maneiras diversas de viver a história, conforme o gênero, o pertencimento racial, idade, a sexualidade, a classe, etc., concretamente nos espaços em que elas vivem.

Há tempos, se é possível aos olhos nus perceber uma distinção em relação à ocupação do corpo negro e do corpo branco. Os corpos negros e brancos se espalham pelo Brasil à parte distintamente por espaços demarcados. Lélia Gonzalez (1982) descreve assim o que ela chamou de “divisão racial do espaço”:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente

protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ (1982, p. 15).

A demarcação dos espaços ocupados pelo povo negro podem, de fato, em muitos casos, esconderem as perspectivas que provêm do corpo da mulher negra com a alegação tácita de que já existem políticas em atenção ao povo negro de modo geral, mas que olhadas bem de perto, se percebe a tendência sutil aos homens negros.

As narrativas de como o futuro de jovens negras que impreterivelmente se relacionam e se constroem, a partir e por meio, dos espaços que elas ajudam construir, como nos argumentos de Milton Santos, são importantes para identificarmos “o conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente”, assim como, “as estruturas representadas por relações sociais que se manifestam através de processos e funções” (1978, p. 122).

Padre Jaime Crowe conhecido por seu sacerdócio dedicado ao combate à violência nos bairros afastados pertencentes a zona sul do município de São Paulo, costuma repetir a famosa frase do frade Dominicano: frei Beto: *a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam*. Por esta razão, foi importante caminhar lá onde ela vivem, lutam, sofrem, alegram-se e celebram suas crenças e vitórias. Com os pés no mesmo território que os delas, por meio da oralidade, de cada palavra, a “quebrada” emergiu neste estudo, como nos argumentos de Peter Spink (2003, p. 22): “não como um lugar específico, mas como a situação atual de um assunto, a justaposição de materialidade e sociabilidade”.

Este doutorado, portando, promulga os resultados de uma investigação que se redigiu na emergência da jovialidade de negras periféricas que imprimiram em suas narrativas a intensidade das expectativas que nutrem para o tempo ainda por vir com a aposta de que ao narrarem o que bem lhes prouvessem do tempo futuro revigorariam nelas suas energias na memória capaz de repor na ordem do dia, medos, raivas e abandonos restringindo, mas também desejos, amores, vontades, sonhos, beleza elucidando o futuro. Ao narrar seus futuros poderiam assim darem respostas de elaboração aos seus sofrimentos.

Como já dito, promulga o desejo apaixonado de ir além do simples exercício acadêmico, pois juntam-se nesta ambição algumas vivências e questionamentos sobre as jovens negras nos passos da minha caminhada biográfica, ao mesmo tempo, que trata-se de uma ambição de dimensão social significativa, visto que mulheres jovens falaram para um homem negro pesquisador sobre suas expectativas de futuro. Portanto, o capítulo que segue é introdutório dos caminhos das narrativas de jovens negras mediada por um pesquisador negro.

2. INTRODUÇÃO

Conforme já citado no capítulo anterior de apresentação, as pretensões deste doutorado foram de investigar se há conflitos sociais mediados nas narrativas de futuro para jovens negras residentes nas periferias de São Paulo e de Goiânia. Este trabalho gravitou, portanto, em torno das seguintes questões: se as narrativas de jovens negras periféricas carregam os sentidos de futuros para elas? Se enunciam, mediados por narrativas de futuro o entendimento dos conflitos sociais? Se em suas narrativas surgem relações étnico-raciais, gênero e classe? Assim como, se suas narrativas de futuro retêm experiências de desrespeitos em variadas ordens e quais são essas experiências? Se são pronunciamentos de sofrimentos e se demonstram elaboração do sofrimento social? Por fim, se descrevem padrões sociais de reconhecimento?

Dito de outra maneira, ambicionou-se compreender se ao narrem o que compõem seus planos para os dias que virão, as jovens elaborariam seus sofrimentos, do mesmo modo, se os sentidos de futuros enunciados por elas servem de mediadores para o entendimento dos conflitos sociais e se lhes são origens por lutarem por reconhecimento intersubjetivo e social. Por último, pretendia-se analisar criticamente se as narrativas lhes são intercessoras de relações étnico-raciais e de gênero.

São todas questões que serão abordadas mediante: (1) a apresentação de reflexões teóricas, (2) dos passos que viabilizaram a escuta e compilar as narrativas a partir de investigação realizada, cuja (3) análise, um aspecto primordial, será apresentada com o auxílio ilustrativo de recortes das narrativas recolhidas e com base na literatura disponível com foco no feminismo negro, de juventudes e no aporte da Teoria Crítica, – uma abordagem oriunda da chamada Escola de Frankfurt, – que para além de apenas distinguir procura enfatizar os processos sociais com potenciais de guiar à superação da opressão, assim como das “ordens sociais reificadas” (Melo, 2010). Uma abordagem que possibilita, como nos argumentos dos pesquisadores Alves e Galeão-Silva (2014), “discutir a dificuldade de tratamento da questão do preconceito e do racismo no Brasil mascarados por uma ideologia” (p. 21): que faz negar nós negros.

Neste capítulo introdutório, portanto, encontra-se uma reflexão sobre (1) a relação pesquisador e colaboradoras, isto é, a relação estabelecida entre jovens mulheres negras

falando de si para um homem negro, (2) a ideia de colonialismo e a proposta de decolonialismo; (3) corpos que vivem a presença constante da política de torná-los matáveis; a sobreposição ou intersecção de elementos opressores sobre a mulher negra, além da apresentação do conceito e as implicações práticas do lugar de fala.

2.1. Mulheres negras falando para um homem negro: Conhecer o mundo feminino.

Considerando que se trata de uma pesquisa centrada nas narrativas de jovens negras residentes em periferias, mas que a proposição e responsabilidade é de um pesquisador do sexo masculino, os questionamentos e objetivos para serem respondidos me trouxeram alguns desafios. Foi necessário o que eu chamo de alguns “deslocamentos e inserções” teóricas e práticas importantes, dos quais tratarei nesta introdução, mas que reaparecerão nos capítulos posteriores de modo a dar consistência ao espelhamento teórico no processo empírico, na análise e na conclusão desta investigação.

As narrativas de jovens negras como ferramenta de compreensão dos conflitos e sofrimentos com seus processos de elaboração, assim como, investigar suas projeções de futuro, mesmo se tratando de um pesquisador que divide com elas o tom da pele negra e a geografia periférica, trazem consigo implicações inevitáveis de me referenciar; de me inserir nos cotidianos e nos pensamentos que subjetivam o ser feminino negro, que na maioria dos casos, se dá no enfrentamento da realidade desumana da pobreza, das discriminações e dos assédios, do sexíssimo e do abandono, do racismo e do machismo.

Não se trata, absolutamente de uma inserção de condução fácil, porque como constata Rufino (1995), o machismo é um desafio de difícil transposição, pois vivemos em uma sociedade profundamente racista e patriarcal. Portanto, a busca por compreender como jovens negras narram a arquitetura de seus futuros alude inserir-se, ir ao encontro delas. Desse modo, esse movimento de ir até a jovens colaboradoras desta investigação surtiu no esmorecimento da ignorância dos privilégios masculino, que em mim se viam resistentes e protegidos no porto seguro do pensamento de que a pele negra e o endereço periférico seriam antídotos suficientes contra os pressupostos falsos ou imaginários sobre

as relações étnico-raciais particularizadas no gênero feminino. Como se, bastasse ser negro para saber tudo sobre negras ou algo semelhante.

Bell Hooks (1984) adverte que só a consciência de ser negro não basta porque somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor. Desse modo, podemos, à medida em que nos é concedido o “outro” não institucionalizado explorar ou oprimir:

[...] somos um grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/ opressor à medida em que nos é concedido um “outro” não institucionalizado o qual possamos explorar ou oprimir. As mulheres brancas e os negros têm as duas coisas. Eles podem agir como opressores ou oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexíssimo lhes permite agir como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimadas pelo sexíssimo, mas o racismo lhes permite agir como exploradores e opressores do povo negro (Hooks, 2000 p. 31). (tradução livre do autor)⁴

Foi fundamental essa advertência de que sem o devido cuidado, as jovens negras que constituíram esse trabalho poderiam ter suas feminilidades diluídas nas agruras da pele negra, sem a devida distinção do homem negro pesquisador. Contudo, Bell Hooks (2003) também ajuda na reflexão de que a produção de conhecimento, como prática libertadora, emancipatória, pressupõe o pensamento crítico, reflexivo que faz reconhecer a diversidade teórica que está intimamente ligada as experiências de vida. O reconhecimento da união entre teoria e prática, sem separação uma da outra, pavimenta o caminho de inserção ao mundo feminino negro de onde suas narrativas faz emergir, na dosagem auto ministradas, aspectos de suas subjetividades que, à medida que dão sentido à experiência vivida proporciona a reconstrução da experiência que contribuirão para a

⁴ We are the group that has not been socialized to assume the role of exploiter/oppressor in that we are allowed no institutionalized “other” that we can exploit or oppress. (Children do not represent an institutionalized other even though they may be oppressed by parents.) White women and black men have it both ways. They can act as oppressor or be oppressed. Black men may be victimized by racism, but sexism allows them to act as exploiters and oppressors of women. White women may be victimized by sexism, but racism enables them to act as exploiters and oppressors of black people. (Hooks, 2000 p. 31).

formação não só do pesquisador, como também na produção de conhecimento pertinente para ciências humanas e acadêmicas.

Paulina Chiziane nasceu em 1955. Mulher negra crescida na periferia da cidade de Maputo na África Austral, tornou-se a primeira moçambicana a publicar um romance, com o título: *Balada de amor ao vento*, em 1990. Considerada uma das mais importantes escritoras africanas insiste em dizer que suas inspirações vêm da tradição oral irrigadas por muitas histórias. São histórias grande e pequenas contadas à volta da fogueira: sua “primeira escola de arte” (2018 p. 354).

Sarnau, portanto, é a personagem principal do romance “*Balada de amor ao vento*” que envelheceu com saudades dos tempos de juventude extremamente diferentes da vida miserável do presente. Idosa questionando-se sobre a existência ou não do amor comparando a mulher com o planeta Terra e com um melão. Tal comparação, que em minha leitura, é uma espécie de aceno para inserção no mundo feminino quando se ambiciona colher frutos na ceara das narrativas de futuro de jovens negras periféricas.

Tenho uma filha crescida que ainda estuda embora já tenha estudado muito. Um dia disse-me que a terra é redonda. Por fora é toda verde e lá no fundo tem um centro vermelho. Como o melão. Que a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher. Os golpes da vida a mulher suporta no silêncio da terra. Na amargura suave segrega um líquido triste e viscoso como o melão. Quem já viajou no mundo da mulher? Quem ainda não foi, que vá. Basta dar um golpe profundo, que do centro vermelho explodirá um fogo mesmo igual à erupção de um vulcão (CHIZIANE, 2003, p.12).

Chiziane comprometida com os anseios das mulheres, principalmente aquelas esquecidas e invisibilidades por força do machismo e, pelas desigualdade que produzem pobreza no seu país promulga dignidade nas vozes daquelas mulheres que sofrem por meio das articulações ideológicas que as impossibilitam de construir uma identidade e reconhecer seu real espaço de atuação como cidadã. Seus contos, em especial, a saudosa personagem Sarnau, me possibilitaram a percepção de que não bastaria a intensão sincera de uma pesquisa sob a mediação de um pesquisador negro e periférico, sem antes entender como se configura o lugar de privilégios que me confere, mesmo não sendo um homem

branco, em uma sociedade com raízes tão enterradas nas desigualdade de gênero, sexo, classes sociais entre outras. Sem essa consciência de que há características cruciais e particulares do modo de ser jovens negras em periferias distintas, o risco seria que suas palavras não tivessem destituições que as fazem mulheres jovens negras falando para um homem negro pesquisador.

A partir do reconhecimento destas distinções que nos separam. Metaforicamente seus corações são como vários tambores de diferentes tamanhos e timbres, marcaram uma mesma percussão de narrativas. Parafraseando Paulina Chiziane, suas narrativas irromperam que nem erupções de vulcões do mundo feminino, mansões de sonhos de jovens negras periféricas, que em uma sagrada magia, só possível e puramente humana, constroem suas vidas que com aquilo que as desigualdades as infortunam.

2.2. A ideia de colonialismo e a proposta de de-colonialismo

Segundo Souza Santos (2007) a dominação colonial até hoje reflete em muitos oprimidos aspirações que não são proferíveis porque foram consideradas improferíveis ao custo de séculos de opressão. Este silêncio não se dá por consequência das pessoas não saberem o que narrar, mas suas aspirações estão indizíveis, o que significa refletir a descolonização como uma ação de confrontação ao sistema de pensamento hegemônico.

Advertidamente Correia (2014 a; b) argumenta que as narrativas de jovens negras periféricas muitas vezes encontraram algumas dificuldades impostas pelo racismo, que desde os tempos da colônia produz um discurso hegemônico de normalidade das diferenças entre os seres humanos atribuindo a responsabilidade das desigualdades aos que mais sofrem o peso de suas mãos de ferro. Segundo a autora, se reportando a Bell Hooks, faz com que para um grupo enorme de mulheres dar opinião, falar delas e de suas projeções para o futuro, que parece ser coisa simples, não o seja para pessoas subalternizadas como as mulheres negras periféricas (Correia, 2014 a; b).

Para Hooks (1992) a comunidade negra, em especial as mulheres possuem poucas maneiras de nomear suas dores e poucas palavras para articular seus prazeres. O colonialismo significa refletir o dever de sempre repensar tudo o que nos é dado. Neste sentido, a *descolonização* é uma ação de confrontação aos sistema de pensamento

hegemônico. É, portanto, um processo de considerável libertação cultural e histórica; a contestação de todas as formas e estruturas dominantes, sejam elas linguísticas, discursivas ou ideológicas.

Neste sentido, a descolonização é uma ação de confrontação aos sistema de pensamento hegemônico porque como nos ensinam Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) reconhece a dominação colonial nas margens e nas fronteiras externas dos impérios nas Américas, no sudeste da Ásia, no norte da África. Reconhece a dominação colonial nas margens e nas fronteiras internas dos império, por exemplo, negro e latino nos Estados Unidos, paquistaneses e indianos na Inglaterra, magrebinos no França, negros e indígenas no Brasil etc. Dessa forma, não está alicerçado em um projeto acadêmico, portanto, sem a obrigação sumária de quem escreve citar seus autores e conceitos chaves. Por outro, também não se constitui numa espécie universalismo abstrato onde um particular ascende à condição de um desígnio universal global (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016).

Investigar as narrativas de futuro para jovens negras, implicou não só os deslocamentos de ir ao mundo feminino, de compreender as dificuldade para as narrativas e casos de silêncio e desistências por não dar conta do conteúdo narrados, como também o deslocamento de empreender esforços em reconhecer que as experiências dessas jovens não poderiam serem investigadas separadamente das categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero, como ensina a professora Kimberle Crenshaw (2002).

Para Crenshaw (2002) ressalta o impacto do sistema complexo social sobre a formação de identidades, como por exemplo, o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe, que criam desigualdades empurrando as mulheres negras frequentemente para espaços cuja a gerência do racismo, da xenofobia, da classe social e do gênero as atingem com intensidade do dinamismo do cruzamento destes sistemas. A sobreposições do machismo, do racismo, sexismo, patriarcalismo, homofobia, lesbofobia, além das barreiras de acesso da mulher negra para oportunidades profissionais, econômicas e educacionais que estruturam posições sociais formando um sistemas de dominação, opressão e marginalização que determinam identidades vinculadas aos efeitos da subordinação social.

O conceito de interseccionalidade vem se mostra importante para identificar e abordar diferenças dentro da diferença porque envolve o entendimento de consequências

estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe criam desigualdades básicas sociais. Para Crenshaw (2002) “não podem ser tratadas como variáveis independentes” porque a opressão de cada uma destas variáveis “uma está inscrita dentro da outra, uma está constituída pela outra e é constituída dela”. Continua:

A interseccionalidade é uma conceituação que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, 2002 p. 177).

Davis (2013) em seu livro “Mulheres, raça e classe” faz a reflexão de que a sobreposição do racismo, do patriarcalismo, da opressão de classe e de gênero provoca estereótipos negativos atribuídos a negras e negros. As opressões direcionadas às mulheres que entrelaça a negação das identidades raciais, afetivo-sexuais, geracionais ou de classe impedem a visualização de sua humanidade de negros e negras como sujeito contraditório, diverso, subjetivo, entre outras características intrínsecas à natureza humana.

Davis (2013) denuncia que tais estereótipos imperam na cabeça da branquitude que não consegue enxergar os negros e negras para além da pena, da compaixão pelas situações que viveram no período escravocrata, sem se quer considerar que a escravidão também não plasmou vivências universais para todos os negros e negras. Dificilmente a população negra é colocada como sujeito político, com gerência e determinação de suas pautas. A maioria da população negra, em grande medida, garante o lucro capitalista, e perpetua o racismo e os silêncios.

Na época dos grilhões da escravidão, segundo Davis, as mulheres negras eram vistas como unidades de trabalho lucrativas, portanto, elas poderiam ser desprovidas de gênero e de suas palavras. Nos argumentos da autora, ao olharmos para ideologia da feminilidade do século XIX percebe-se uma verdadeira ênfase no papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis com seus maridos, ao passo que as mulheres negras eram, praticamente, anomalias. Portanto, a dominação colonial como

raízes do silêncio tem um história antiga, cuja face ainda mais obscura expos aos negros a diáspora e a escravidão que forçou às mulheres negras a necessidades ininterruptas ofuscando-lhes as palavras, as condicionando ao silêncio mesmo nos dias de hoje (Davis, 2103).

Davis (2013) nos impele à compreender que classe informa a raça e vice e versa. Que gênero informa a classe e está na raça a maneira como a classe é vivida. Que gênero é a maneira como a raça é vivida. Nos impele refletir muito para não deixarmos escapar a percepção de as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mutuas e outras que são cruzadas.

Djamila Ribeiro (2017) avalia que no Brasil habita uma sociedade organizada nos princípios da branquitude, masculinidade e heterossexualidade e, que a violência é quase sempre naturalizada. Neste cenário social, uma infinidade de mulheres negras quando se posiciona em falar de sua rotina, de seu cotidiano, as pessoas tendem trata-las como se estivessem exagerando em suas narrativas. Questiona sobre quais sujeitos têm o direito à voz. A autora com base no reconhecimento da multiplicidade de vozes problematiza que na sociedade brasileira as pessoas não partem dos mesmos lugares de direito à fala.

Ribeiro (2017) parte do ponto de vista do feminismo negro para ressaltar que as realidades dos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros e Homens Trans) e da maioria esmagadora das mulheres negras permanecem subentendidas no interior da normatização hegemônica que se sustenta por um tipo de epistemologia que valoriza e universaliza a ideia de que ciência é somente aquela produzida pelo homem branco, eurocristão e patriarcal. Denuncia e critica essa hegemonia que faz uso da hierarquização do saberes se revestindo do poder de permitir quem fala e impor ao silêncio outros. Fruto da hierarquização dos saberes se tem a classificação racial, as desigualdades e o discurso da universalização da categoria mulher.

Todavia, Ribeiro (2017), também defende que há possibilidades ser mulher levando em conta “intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero” (p. 21), o que garantiria o lugar de fala. Para tanto, deve-se marcar esse lugar de falar. Um dos instrumentos para fortalecer o lugar de fala são as narrativas das mulheres negras como ato de restituir humanidades negadas.

Desse modo, me ficou negritado que investigar as narrativas de futuros de jovens negras implica considerar o efeito que raças, etnias, classes e outras categorias, como conflitos e elaboração de sofrimentos devem ser analisados relacionados com o todo da realidade social e, que o aporte teórico deveria ter base na crítica social. Para evitar a primazia de uma categoria sobre as outras, além de trabalhar com a literatura disponível sobre decoloniedade, interseccionalidade e juventudes.

O aporte teórico da Teoria Crítica foi interessante porque, segundo Melo (2011) busca não só o diagnóstico social, mas também a práxis por meio de conceitos sistêmicos e institucionais, que transcendem as meras relações intersubjetivas. Graças à sua complexidade do diagnóstico da sociedade, com a ideia de que a vida social é marcada por paradoxos, antagonismos e antinomias fundamentais, faz uma crítica engajada. Além da estratégia de definir a justiça como uma fórmula contingente e transcendental, se valendo da crítica imanente e, não externa, de fundo moral, como uma atitude de transcendência para cumprir o objetivo de emancipação social. Realizar uma sociedade com indivíduos livres e iguais em direitos efetivos.

No terceiro capítulo, um capítulo teórico, problematizo um ufanismo de que vivemos em um país exuberante por natureza com harmonia entre as raças está de volta que que negar as desigualdades de raça-etnia, gênero e classe cada dia mais evidentes na sociedade brasileira. Trarei argumentos de que tal ufanismo atrelado à uma suposta exuberância natural do Brasil, que ambienta a harmonia entre as raças brasileiras, quer recuperar a ideia de democracia racial, cuja a falsidade fora descoberta e denunciada por pesquisas e pesquisadores patrocinado no anos da década de 1950 pela UNESCO, além, da psiquiatra negra Neusa Souza Santos.

Abordarei alguns fundamentos da Teoria Crítica e luta por reconhecimento e como esta tem dialogado com os conflitos característicos das lacunas provenientes de um tipo de discurso feminista que foi apropriado pelo neoliberalismo (Fraser, 2013), cujo qual, recai a crítica de enxergar as mulheres de modo universal sem considerar que as demandas das mulheres negras, em parte, foram historicamente invisibilizadas por um processo de constrangimento à autodeterminação que configura a abrangência da injustiça e a opressão sobre delas (Young, 2009), visto que estão estruturalmente na posição imposta entre diversas estruturas de poder que relega dinâmicas sociais que as atingem simultaneamente e repetidamente por marcadores sociais além da raça e identidade de

gênero (Patricia Hill Collins, 2000; Ângela Davis, 2013; Bell Hooks, 2000; 2013; Kimberle Crenshaw, 2002; Djamila Ribeiro, 2011).

A ideia do quarto capítulo é de apresentar o método, assim como, sua abordagem epistemológica, o número de jovens participantes e os locais de onde elas são. Este capítulo descreve os procedimentos que foram adotados e as justificativas dos mesmos.

Por sua vez, no quinto capítulo procuro contextualizar os cenários geográficos que serviram de cenário para as entrevistas: Cidade Tiradentes, Capão Redondo e Goiânia e arredores, com trechos das narrativas das jovens. No capítulo de número seis promovo as análises do material proveniente das narrativas organizadas em categorias.

3. CAPÍTULO TEÓRICO

Parece-me que o ufanismo de que vivemos em um país exuberante por natureza com harmonia entre as raças está de volta. A ufanía presente na letra do Hino Nacional Brasileiro onde o país “tem mais flores” é “um gigante pela própria natureza”, local de “lindos campos” que repousam sob um céu “formoso, risonho e límpido” (Sant’Anna, 2016); abençoado por Deus como nos versos da canção “País tropical” de Jorge Bem Jor, está hodierna na proclamação mimética de que nenhum outro país possui tantas florestas ou preserva mais o meio ambiente do que nós. Reinaugura-se, no entanto, amasiada da concepção de que a cor do país e o Brasil no slogan em camisetas amarelas com os dizeres “minha cor é o Brasil”.

A representação de que “minha cor é o Brasil”, em um país naturalmente lindo com harmonia entre seus povos traz resgatada a ideológica democracia racial que parecia não estar mais em voga desde da década de 1950. Desde então, parecia ter sido denunciada por força de inúmeros trabalhos empírico e acadêmicos que compravam a nossa história repleta de episódios constantes de desigualdades e discriminações, especificamente contra negros, indígenas e mulheres, impedindo, desta forma, seu pleno desenvolvimento econômico, político e social, como causas indelévels de conflitos, dores, sofrimentos, além de trazerem consigo, como argumenta Neves (2016), a exaltação e a singularidade de uma sociedade brasileira que nega, de tantas formas a existência do racismo.

Todavia, se a ideia de democracia racial amarrada aquela outra concepção de um país naturalmente excelso volte e meia retoma força, é exatamente esse exercício de vai e volta que reforça a importância de ouvir as narrativas das “minorias sociais” no Brasil. Neste caso, é fundamental atentarmos às narrativas de jovens negras em relação aos seus desejos e expectativas em construção, sobretudo quando residem em bairros periféricos com diversos problemas na ordem dos desrespeitos de direitos. Suas narrativas importam porque tem o potencial de produzir conhecimentos em psicologia social potentes, exatamente por noticiar vidas sendo vividas envoltas por um sutil imaginário racista e perverso que disfarça ininterruptamente suas configurações ferozes de impedimentos, de diferenças e desigualdades, de silêncios, de constrangimentos e desamparos, de coerção, de violência, de risco e presença de mortes confundidos com harmonia.

A raça e o racismo nas reflexões de Achille Mbembe (2018) não são de agora. Ambos se conceituaram no tempo em que o europeu os inventam ao nomear de “Negro” o africano. Exatamente por isso, se estabeleceu que entre os dois: quem nomeou e o nomeado, abalizarem-se mais por vias das diferenças do que das semelhanças.

Nas palavras de Mbembe (2019):

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. [...] em proveito do tráfico atlântico (século XV ao XIX), homens e mulheres originários de África foram transformados em homens-objecto, homens-mercadoria e homens-moeda. Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, que se puseram hostilmente a seu cargo, deixando assim de ter nome ou língua própria. Apesar de a sua vida e o seu trabalho serem a partir de então a vida e o trabalho dos outros, com quem estavam condenados a viver, mas com quem era interdito ter relações co-humanas, eles não deixariam de ser sujeitos ativos.

A partir da nomeação que fez criar o negro, o etnocentrismo europeu, em larga medida, por séculos nutriu a naturalização da inferioridade dos negros em relação aos brancos. Segundo Mbembe (2018) foi sendo constituindo o subsolo inconfessado e muitas vezes negado a partir do qual o projeto moderno de conhecimento e de governo se difundiram possibilitando a exclusão, a discriminação e a seleção em nome da raça que permanecem em fatores estruturantes: “ainda que muitas vezes negados, da desigualdade, da ausência de direitos e da dominação contemporânea, inclusivamente nas nossas democracias”, (p. 10). Aos negros coube e, ainda lhe é fundamental, a pertinente procura sem data de término da própria identidade, da sua razão de viver e das causas pro futuro cujos impulsos estão para se revelarem por via da oralidade, das narrativas de si mesmos e do que esperam do tempo vindouro.

A ideia retomada de que a “cor” do Brasil é harmonicamente constituída por diferentes grupos étnico-raciais que o modelam, tem por assim dizer, berço e raiz na

interpretação sem críticas do multiculturalismo por Gilberto Freyre (1957). Freyre concebeu a sociedade brasileira colonial fundada na formação particular da família patriarcal e composta da união do colono português com a mulher indígena que eram economicamente sustentados pela monocultura agrícola intensamente mantida através do trabalho escravo, ao mesmo tempo que era abençoada por Deus na liturgia católica.

Na análise de Jessé de Sousa (2000), Freyre centrou na figura da família patriarcal toda a sociedade em si, não apenas através dos elementos dominantes vinculados ao senhor colonial português e sua família nuclear, como também por causa dos elementos intermediários constituídos, em grande medida, por um enorme número de bastardos, de escravos domésticos e dos escravos da lavoura, ainda mais inferiorizados, caracterizando assim, a forma peculiar em que uma sociedade singular centrada em si vinculava a enorme distância social no quebra-cabeças multicultural de Gilberto Freyre.

As desigualdades entre negros e brancos no Brasil tem certidão de nascimento datada no período colonial escravocrata (Florestan Fernandes, 1972; Heringer, 2002; Osorio, 2004; Maggie e Fry, 2004; Mattos, 2004; Guimarães, 2004; Soares, 2008). No entanto, já por força das atrocidades promovidas na segunda guerra mundial, o Brasil pós-guerra passa estudar esta desigualdade de maneira mais sistemática do ponto de vista acadêmicos movido, em seus primeiros momentos, pela suposta democracia racial que se apregoava aos quatro cantos do país como sendo mais uma de nossas riquezas naturais.

Maio (2000) reflete que o impacto do Holocausto promove esforços ao combate da ideologia racista que serviu de suporte para estruturar a operação da “máquina infernal nazista” (p.117). Para tanto, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) que fora reunida em novembro de 1945 com a missão de estabelecer a “solidariedade intelectual e moral da humanidade” no intuito de evitar uma nova guerra mundial, no ano de 1950 coordena uma investigação comparativa sobre as relações raciais em diferentes regiões brasileiras. A finalidade era de oferecer ao mundo lições de civilização à brasileira em matéria de cooperação entre raças (Maio, 2000).

Com isso, o Projeto Unesco promove em termos metodológicos de pesquisa, na concepção de Maio (2000), o deslocamento do paradigma cultural para o paradigma sociológico da estrutura social que emerge da obra de Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Donald Pierson. O negro passou a ser objeto de reflexão na construção simbólica do Brasil, o que fez surgir uma intelectualidade compromissada com os

destinos da nação, mas centrada na figura do negro para o entendimento dos dilemas brasileiros.

Por esta razão, a autora considera senso comum na literatura sobre as relações raciais no Brasil conceber o ciclo de estudos patrocinado pela Unesco no início dos anos 50, como a ruptura com a tradição “culturalista” em relação das interações entre brancos e negros, que eram “incentivadas por obras na linha interpretativa de Gilberto Freyre, especialmente expostas em Casa-Grande & Senzala que concebiam a sociedade brasileira como singularmente conformada sob a égide de uma democracia racial” (Maio, 2000 p. 116).

Não é pretensão explorar as pesquisas que compuseram o citado Projeto Unesco, mas salientar a importância destas pesquisas e dos intelectuais envolvidos neles, porque em seus trabalhos além de desmitificar as relações étnicas-raciais no Brasil, a partir da década de 1950, estabeleceram como indispensável para compreensão da sociedade brasileira conceitos como: “raças e classes sociais”, do mesmo modo, que promoveram concepções de como o racismo teve fundamental importância para legitimar e sustentar o sistema mercadológico escravocrata da época colonial (Furtado, 1959; Fernandes, 1975). Na concepção de Neves (2016) foram pesquisadores com alvo no antagonismo promulgado por Gilberto Freyre, Luiz Viana Filho e Thales de Azevedo. Trata-se de pesquisadores que de alguma forma mantinham uma vertente marxista socialdemocrata onde o negro ao ascender socialmente, ao entrar na instigada competição capitalista com os brancos ficaram frente a frente com preconceito antes oculto pelo mito da democracia racial.

Sangiovanni (2015) argumenta que nesse horizonte acontece uma espécie de deslizamento epistemológico. De uma perspectiva inicial em que as tensões raciais aparecem como mínimas e residuais frente a um contexto brasileiro peculiar e supostamente harmônico entre as raças com prova na mestiçagem, passa-se à outro momento de investigações empíricas que demonstraram a hierarquização social como causa do contraste entre brancos, negros e mestiços fazendo girar a roda do preconceito de raça e classe em uma escala cromática do claro ao escuro. Porém, apesar dos avanços intelectuais e acadêmicos o preconceito racial permanecesse afetado por uma espécie de contaminação do antigo regime escravocrata que limitava a ascensão dos negros no novo esquema de classes os mantendo repousos na condição de inferioridade.

Embora, participantes da sociedade de classes eram reinventadas novas modalidades de discriminação e hierarquização nas quais os negros seguiam em um lugar estruturalmente marginal. Apesar disso, o deslizamento epistemológico em franco processo de reprodução social cevou o entendimento e as denúncias de que o preconceito racial no Brasil era fortemente enraizado, cristalizado e sistematicamente ocultado.

Por sua vez, Alberto Guerreiro Ramos ao lado de Abdias do Nascimento no teatro experimental negro fizeram críticas a iniciativa da Unesco. Em sua análise faltavam objetivos políticos e definições contundentes na maneira de conceberem as pesquisas. Justamente por causa da reinvenção constante das modalidades de discriminação e hierarquização relegando a maioria negra no lugar marginal, acreditavam que os proponentes das pesquisas deveriam considerar as experiências do movimento negro que tinha um riquíssimo conhecimento acumulado e que, portanto, poderia colaborar com os estudos em sociologia, assim como, em psicologia social dando-lhes o complemento da prática de negros e negras no combate dos modos operantes do racismo.

Segundo Guerreiro Ramos, ao se valerem da colaboração dos negros organizados, além de desmistificar a democracia racial poderiam não só crepitar aspirações dos negros objetos de suas pesquisas, como também fortaleceriam outros negros, em especial aqueles politicamente reunidos que colaborassem nas investigações, conseguirem fazer vitoriosa uma teoria sobre relações de raça no Brasil representada na indução de uma ‘práxis’:

A nova teoria sobre relações de raça no Brasil, que consegui fazer vitoriosa em nosso meio, representa a indução de uma práxis. O Teatro Experimental do Negro me possibilitou a práxis do “problema” e depois dela é que cheguei à teoria. Quem não age, quem não participa do processo societário não compreende a sociedade (Guerreiro Ramos, 1957, p. 210).

As preocupações metodológicas de Alberto Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento sem a dissociação do pensamento e ação, da posição política e prática para o combate direto às causas sociais e políticas do racismo não foram considerada pela UNESCO, mas não ficaram sem multiplicação. Segundo Abdias do Nascimento (2004) por meio do Instituto Nacional do Negro que estava sob a coordenação de Guerreiro Ramos a ideia de pensamento e ação em dialética de forma concreta se realizou por meio de seminários de grupo terapia com raízes no psicodrama:

“[...] visando a desenvolver uma terapia para a consciência dilacerada do negro vitimado pelo racismo Fiel à sua orientação pragmática e dinâmica, o Teatro Experimental Negro (TEN) evitou sempre adquirir a forma anquilosada e imobilista de uma instituição acadêmica. A estabilidade burocrática não constituía o seu alvo. O TEN atuou sem descanso como um fermento provocativo, uma aventura da experimentação criativa, propondo caminhos inéditos ao futuro do negro, ao desenvolvimento da cultura brasileira (p. 223).

A produção intelectual antirracista fora importante para o entendimento de que o preconceito racial no Brasil cravado na forma de hierarquização da sociedade capitalista combina o racismo em todos os campos da vida social da população negra. No entanto, os olhos que se voltaram para a situação dos negros de modo geral não enxergou a mulher negra, ainda que também estivessem, tanto quanto os homens negros, mobilizadas politicamente.

Desse modo, mesmo fora da elite acadêmica. Arrebatados na lida com a vida vivida em plena prática cotidiana os negro e negras, diferente do que estava sendo proposta até então, passaram reivindicar que no processo de produção de conhecimento o foco não fosse somente na identificação e descrição das causas do racismos, mas que olhassem também para as relações estabelecidas conflituosas e de sofrimentos provenientes das desigualdades e dos desrespeitos de diretos acometidos aos negros, mas com o cuidado de promover-lhes elaboração desses conflitos e sofrimentos. Passa ser reivindicações dos negros e negras, que considerassem assim, as emoções, os sentimentos e a forma de subjetivação dos negros.

Tauana Olívia Gomes Silva e Gleidiane de Sousa Ferreira (2017) ao nos chama atenção para o fato de que os anos de 1950, também foram marcados por uma grande mobilização das mulheres brasileiras em torno de associações e conselhos, congressos nacionais e internacionais. Elas estiveram de forma fundamental envolvidas em muitas campanhas cívicas como as campanhas pela paz, pela infância e contra a carestia. Contudo, a forma oficial de contar a participação guerreira dessas mulheres não narram as mulheres negras. Elas ficam a margem.

As autoras supra citadas para demonstrarem que as lutas por conquistas civis travadas por mulheres, quando foram visibilizadas, a participação das mulheres negras que igualmente se puseram à luta, acabou que ficaram escondidas e silenciadas, por esta razão, resgataram narrativas históricas de mulheres negras que serviram na posição de liderança e mobilização femininas dos anos 50. Em um trabalho sensível e belo frisam o quanto é importante explorar as experiências narradas por mulheres negras à luz da luta pelo reconhecimento, porque revelam garra em nome da sobrevivência. Revelam que muitas sujeitas sociais negras precisam se dispor invisíveis frente aos sofrimentos de conflitos sociais, com possibilidades muito restritas de serem ouvidas em seus sofrimentos para estes sejam elaboradas. Ficam guardados no silêncio a espera de serem narrados

Neusa Santos Souza (1983) ressalta que mesmo: “contra a maré da dominação o negro, foi aos poucos, conquistando espaços que integravam a ordem social competitiva e lhe permitiam classificar-se no sistema vigente de classe sociais” (p. 21). No entanto, está na sociedade de classe como um projeto cuja realização estaria na emancipação do trabalhador como um classe única deixou de fora sua emocionalidade, os sentimentos. Não houve olhos na direção da experiência de ser-se negro numa sociedade branca, Já que “saber-se negra” no Brasil é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas (Souza, 1983 p. 19). Portanto, as mulheres negras nas suas trajetórias de lutas e resistência na superação do racismo e das discriminações são ainda menos ouvidas no que têm para narrarem.

A retomada, se bem que nunca deixou de existir, do discurso de que a cor do Brasil é o Brasil e que, portanto, em nosso país pelo por natureza vive-se uma democracia étnico-racial, como já foi dito, faz confundir com harmonia e boa convência aspectos como o silêncio, o velado, o paternalismo, a opressão característicos desta ideologia. Para Fernandes e Souza (2016) a fabulação da democracia racial dissimula tensões raciais e cria a ilusão de inclusão. Por sua vez, a ilusão de inclusão tem o efeito nefasto de silenciar vozes que denunciam a violência real e simbólica que edifica muitas formas e lugares de privilégios, assim como de exclusão e discriminação.

Desse modo, as possibilidades de elaboração dos conflitos e sofrimentos estão no investimento de possibilitar narrar experiências. O que para jovens negras periféricas surte profícuo porque por vias do discurso de si, das narrativas de suas trajetórias pessoais

se possibilitam caminhos aos pressupostos e as consequências dos processos difíceis de serem negras em uma sociedade marcada pela branquitude. Por meio da possibilidade de falar de si sob o respaldo de ouvidos de cuidado, se pode colher furtos benéficos de voltar-se à experiência de ser-se negras, porque o investimento na experiência emocional narradas responde positivamente ao apelo da elaboração dos conflitos da ascensão social e sofrimentos desta ascensão (Souza, 1983).

Porque narrar é uma arte (Benjamim, 1994; Ricoeur, 1996; 1997). É a única das artes no entendimento de Ricoeur (1996), que possui a cravelha de reconciliação com machucados inevitáveis provenientes das experiências humana. Em seu pensamento, trata-se de uma arte em que a reconciliação não é para sempre. Não é definitiva porque também não somos definitivamente acabados, mas o poder de reconciliar feridas das narrativas, mesmo que nunca definitivo, é benfazejo porque a elaboração está na atualização dos sentidos que se reserva para cada ferida em uma história que se espicha em desdobramentos sem repetição.

[...] Esta ação retroativa, do olhar intencional do futuro sobre a apreensão do passado, encontra então um apoio crítico no esforço por contar de outra maneira e do ponto de vista do outro os acontecimentos fundadores da experiência pessoal ou comunitária (Ricoeur, 1996, p. 5).

Isto porque ao narrar ocorre uma espécie de configuração onde a realidade histórica se integra à consciência de modo que o presente, o passado e o futuro se totalizam de modo aberto, inacabado e sem perfeição em uma rede de perspectivas que trançam as projeções do futuro, as experiências do passado e as ocorrências do presente. A narrativa entrelaça e possibilita a descoberta de participantes de um mesmo enredo na formação de cada biografia (Ricoeur, 1997).

Para Walter Benjamim (1994) a narradora (o) retira da experiência o que conta, seja a dela (e) própria ou a relatada por outrem promovendo ao que se narra incorporar-se à experiência dos seus ouvintes. O foco principal não é transmitir a coisa narrada o mais “puro em-si” como quem faz um relatório ou transmite uma notícia, mas de outra forma submerge o que conta na própria vida a encharcando do que se vive para em seguida retirá-la dela. “Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 205).

Porém, analisa que na modernidade a experiência está fora da pessoa. Está no experimento, na comprovação, nas técnicas porque ao tentar dominar a natureza a humanidade se fez escravo de suas próprias invenções. Em tal escravidão a humanidade viu-se servil aos mandos e desmando da técnica. Se prostrou sem discernimento à fugacidade das notícias impressas em jornais, assim como, aos conceitos artificiais em sobreposição das experiências naturais. A busca por dominar a natureza a base da técnica cobrou seu preço em devastação e desesperança. Segundo Benjamin (1994) o comprometimento da narrativa se exemplificava no silêncio dos soldados que voltavam da primeira guerra mais pobres em experiência comunicável.

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano (Benjamim, 1994 p. 198)

No diagnóstico de Walter Benjamim o silêncio do frágil corpo humano encolhido em um trincheira testemunha e vítima da devastação da esperança é a amostra de que a humanidade na ânsia de domesticar a natureza se viu no abismo sem o progresso que a técnica lhe fizera crer. Por desesperança são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar. Por conta da devastação da esperança “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável” (p. 121). A humanidade ainda se ressentia pelo otimismo mortalmente leso por bombas, metralhadores e trincheiras de tantas guerras. A tecnologia faz produzir em tempo acelerado alimentos abundantes, no entanto, milhões expiram-se sem ter o que comer. Se é possível visitar planetas, porém, ainda abaixo das nuvens nada permanece inalterado em um campo de forças de torrentes e explosões em que o frágil e minúsculo corpo humano queda silenciado. Como

consequência “quando se pede em um grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza” (p. 121). Porém, é bom que se frise, que para Benjamin é exatamente a incomum faculdade de intercambiar experiências por narrativas: que aumenta o peso de sua importância.

Adorno (1986):

[...] uma tendência contrária se tornam visíveis, especialmente em grupos dos mais diversos da juventude: resistência contra a cega acomodação, liberdade para metas racionalmente escolhidas, nojo diante do mundo enquanto embuste e mentira, atenção para a possibilidade de mudança. Se, frente a isso, o instituto da destruição, que socialmente se amplia, chegar a triunfar, isso é algo que ainda terá de ser demonstrado (p.73).

A crença de Adorno está na juventude em que os horrores da segunda guerra mundial lhes assombravam. Resguardadas as diferenças, no cenário atual em que o discurso de ontem retorna em manifesto de que não há diferenças entre negros, indígenas e brancos, assim como, que pobres e ricos são iguais perante a lei com justiça sem distinção para todos e todas, as narrativas de jovens negras periféricas traz o potencial de suscitar suas vidas cercadas de histórias que contam as tendências contrárias frente a naturalização dos seus conflitos e sofrimentos que afetam as possibilidades de garantirem o presente, de planejarem o futuro, de realizarem sonhos, de satisfazerem necessidades. O potencial de narradoras em jovens negras periféricas, se estimulado, tem a vantagem de suscitar suas vidas cercadas de histórias que as individualizam e as coletiva diante do nojo, diante do mundo enquanto embuste e mentira que tem que ser narrado.

A retórica de que a cor do Brasil é o Brasil, de certo não promove a crítica necessária diante do diagnóstico real das condições da maioria dos negros. O instinto de destruição socialmente que resistente ao tempo e se amplia por traz da ufania que declara um país sem distinções entre os povos que o compõe ainda carece de ser demonstrado. Ainda carece da oralidade de jovens negras das periféricas narradoras de alguns conflitos e algumas feridas que doeram até serem cicatrizes, mas que volte e meia sangram. Suas narrativas de jovens quando estimuladas prenas de experiências parem tendências de resistências contra os desrespeitos de direitos que plasman futuros sem futuros, que caprichosamente insistem reproduzirem passados que desde dos tempos do cativo, dos

grilhões, do pelourinho, com maior crueldade para as negras, se repetem materialmente na obrigação de começarem do zero a cada nova geração.

Neste sentido, a Teoria Crítica enquanto uma vertente filosófica de intervenção político-intelectual que traz como pauta a emancipação a partir da lógica da organização social vigente é interessante para este doutorado. Contudo, o aporte teórico da Teoria Crítica fica aqui ainda mais ajustado com a opção de também resgatar o conceito de luta por reconhecimento desenvolvido por Axel Honneth, que entende as experiências de desrespeitos como a gramática de conflitos sociais. A luta por reconhecimento entendida como um processo intersubjetivo colabora com a tese que defendo de que as narrativas de jovens negras periférica aludem a peleja por serem reconhecidas, que no seu processo intersubjetivo resultam em reelaboração de significados de conflitos e aludem práticas identitárias: seja na esfera individual e coletiva, seja na esfera da reestruturação societária.

Segundo Honneth (2009) uma relação de reconhecimento ocorre de fato quando a pessoa ou grupo é visível em suas características próprias. Uma pessoa somente é percebida socialmente por meio das suas livres expressões, gestos e ações positivas. Apenas ocorre a constatação social de alguém no momento em que suas reações, ações e expressões suscitam manifestações positivamente nas outras pessoas em resposta de que fora percebido. A falta destas manifestações em um ou vários indivíduos provoca a sensação de invisibilidade.

Por esta razão Honneth (2003) considera que as pessoas e grupos sociais se inserem na sociedade contemporânea por meio de uma luta por reconhecimento intersubjetivo e não por autoconservação como propõe o pensamento de Thomas Hobbes (1588 – 1679). Cabe ressaltar que Hobbes, nos argumentos de Limongi (2002), destaca a autoconservação como uma expressão puramente analítica do desejo, pelo qual se visa um bem para si mesmo. A pessoa humana tem o direito de empreender qualquer ação em conformidade com seu desejo, visto que todo desejo é por um bem, ou por algo que a auto razão indica como um bem para ela. Considerando que todo bem tem por natureza contribuir para a própria conservação ou para a conservação da própria ação de desejar, Hobbes defende que é passivo de ser uma transgressão qualquer ato contrário ou de impedimento à própria conservação.

Hegel discorda de Hobbes. Para Hegel, segundo Kojève (2002), um desejo apegado ao mundo natural se satisfaz apenas com o consumo. Com isso, nega a natureza

se convertendo em uma espécie de prisioneiro da vida natural, porque se envolve em um tipo de vinculação com o que o cerca de maneira corpórea (biológica) imediata. Tudo isso, acaba por constituir um ciclo vicioso de dependência da pessoa com o mundo natural. Nos argumentos de Hegel (2011) o desejo prisioneiro do mundo natural a cada satisfação e gozo se enraíza e se afunda cada vez mais na natureza do mundo, se enfia na vida natural que desejava abolir. Isto porque o objeto de desejo é inábil para mediar a consciência-de-si para que realize o seu retorno dialético a si, uma vez que o desejo se dá em um movimento no qual o objeto é consumido, todavia, imediatamente surge outro objeto independente com a ânsia de ser consumido novamente em um sem fim.

Hegel (2011) então, entende que para que ocorra a identidade concreta de si, o desejo da consciência-de-si não deve se voltar para um objeto do mundo natural, não deve se referir a um objeto sensível fornecido independente pela vida. O desejo deve, assim, se referir a outro objeto além desse que fora fornecido pela vida. Deve se conduzir para uma outra consciência-de-si. Com isso, o desejo passa a desejar um outro desejo que desinstala o desejo do reino animal: natural e mecânico, o recolocando devidamente no reino humano que estritamente social porque está configurado para os fins éticos e teleológico. “[...] a consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de-si. Eu, que é Nós, Nós que é Eu.” (p. 142).

Na dialética do reconhecimento a consciência-de-si deixa de ser aprisionada no mundo natural na busca de si como fim em si mesmo quando se relacionar com outra consciência-de-si. O desejo passa a não aguentar mais viver a vida de algo particular, mas quer agora uma outra consciência-de-si. Portanto, o reconhecimento é intersubjetivo visto que se abre para possibilidade de ir para além da natureza, que significa sair da prisão dos desejos imediatos corpóreos. A dialética do reconhecimento requer uma pluralidade constituinte das consciências de si, uma relação entre eu e você ou entre nós e eu.

Axel Honneth (2003), então, reatualiza o reconhecimento de Hegel aparelhado também da psicologia social de George Herbert tendo em mente a tese de que a identidade dos indivíduos se determina por um processo intersubjetivo mediado por mecanismos do reconhecimento que ausentes se tornam origem dos conflitos sociais. Os mecanismos de reconhecimento estão dispostos em três dimensões: nas interações com o próximo (amor), na prática institucional (justiça/direito) e na convivência em comunidade (solidariedade).

Honneth (2003) destaca que o termo amor refere-se “as relações amorosas primárias, ligações emotivas fortes entre pessoas determinadas, segundo o padrão de relações eróticas entre dois parceiros, de amizade e de relações pais/filhos.” (p. 159). Explica que para criança em tenra idade o amor simbiótico predomina. Por esta razão a família é a base de relação social porque paulatinamente a experiência simbiótica do amor é substituído pelo afeto recíproco. Assim, lista os maus tratos corporais na infância como a primeira experiência de desrespeito que a pessoa pode vivenciar.

Portanto, todo o processo de individualização que acontece ao mesmo passo em que o amor simbiótico se vê substituído pelo afeto recíproco, também faz existir a gramática moral dos direitos afetivos no seio familiar. O reconhecimento, então, ganha fundamentos no respeito cognitivo e não apenas na afetividade, o que possibilita a aceitação do outro como alguém de direitos. Ter o acesso precário ou impedido à justiça, afeta sensivelmente o autorrespeito moral da pessoa. A pessoa tem, assim, a sua integridade social ameaçada, Ameaça que surte em estopim para o processo de luta por reconhecimento.

Segundo Honneth (2003) somente inserido em uma comunidade de valores, em um espaço de significações partilhadas que uma pessoa pode encontrar a devida valorização de suas idiossincrasias. Por meio da adoção das normas sociais que regulam as relações de cooperação da coletividade a pessoa aprende suas obrigações, mas somado a isso, conhece também aquelas obrigações que precisa cumprir em relação aos membros da sociedade, tudo isso ao mesmo tempo em que “adquire um saber sobre os direitos que lhe pertencem” (p. 136).

Inserido na comunidade ressaltam-se para a pessoa suas características pessoais, como reflexo num espelho, presentes ao mesmo tempo nos valores que o grupo estima. No espaço de comunidade de valores o reconhecimento não se determina por meio das ligações afetivas naturais, ou até mesmo por vias dos imperativos societários da sociedade civilizada, mas se dá no grupo por meio das relações de estima social. O problema é que na esfera das relações de estima social os diversos grupos procuram elevar através da força simbólica o valor das capacidades associadas as suas formas de vidas, o que acaba por gerar uma luta incessante (Honneth, 2003).

O rebaixamento, a desvalia da estima social resvala de forma considerável no modelo de vida. A pessoa por não desfrutar ou não ter seus valores sociais reconhecidos

em suas características culturais, de status em uma determinada sociedade tem gigantescas possibilidades de resultar no retardamento ou no impedimento para a sua autorrealização promovendo a luta por reconhecimento.

Iris Young (1990) entendi que para se produzir uma investigação com crítica social consistente deve-se direcionar o olhar e ouvidos que ultrapasse os muros do modelo de poder instituído como “soberania”, uma relação díade entre governante e sujeito, mas sim, buscar referências nos procedimentos normais da vida diária. São nas experiências da vida cotidiana que “diversos questionamentos sobre o que ocorre em uma sociedade e por que, quem se beneficia e quem é lesado” (p. 5) pode ser investigados.

São nas experiências do cotidiano que se pode enxergar de forma influente nos conflitos e sofrimentos sócias como a dominação, a lógica da identidade, a opressão e a violência se articulam para a manutenção do poder de alguns e da dor e invisibilidade de tantos. Portanto, reafirmo a importância e quão me são caras as narrativas de jovens negras periféricas, porque como veremos, seus depoimentos tratam do jeito de existirem e como as experiências de desigualdades materiais e simbólicas na estruturas sociais brasileira as afetam.

Young (1995) salienta que por inspiração e posicionamentos feminista muitas sociedades contemporâneas, como nos Estados Unidos da América, por exemplo, têm-se questionado em relação ao paradigma do raciocínio moral. Essa reflexão provocada pelas feministas de várias áreas da sociedade criticam especialmente o discurso da justiça e dos direitos que se utilizam de uma espécie de princípio ou de lei universal que totaliza fenômenos atando elementos que são diversos àquilo que os unifica. O paradigma do raciocínio moral versa um ponto de vista dito imparcial e impessoal em relação à uma situação, mas ao contrário disso, sem se apartar da conformidade com os princípios gerais da justiça e dos direitos aplicados imparcialmente ao caso em questão, expurga o domínio de quaisquer interesses particularizado que queriam se sobressair indagando igualmente todos os interesses.

Essa “ética dos direitos” não corresponde, ou se o faz, corresponde mal às relações sociais típicas da vida familiar e pessoal, isto porque a orientação moral expõe não o raciocínio moral como tal, mas o raciocínio moral específico recorrente em contextos públicos caracterizados impessoais do direito, da burocracia e da regulamentação da concorrência econômica, ao passo que as relações sociais peculiares do cotidiano familiar

e da vida pessoal não se apraz do distanciamento, mas diferente disso, requer envolvimento e solidariedade para com as partes específicas de uma situação. As relações sociais típicas da vida familiar e pessoal não se ajeitam aos princípios aplicáveis universalmente, sem distinção à todas as pessoas da mesma maneira, mas sim, requerem compreensão matizada das particularidades do contexto social e das necessidades que pessoas determinadas possuem e expressam. Young resgata, para tanto, alguns dos argumentos de Adorno. A própria autora ressalta que se baseou neste teórico para nominar a lógica universal que totaliza fenômenos atando elementos que são diversos àquilo que os unifica, de “lógica da identidade”.

Para Adorno (2009) a concepção da universalidade da pessoa meramente transcendental está na funcionalidade da conexão funcional da sociedade:

O domínio universal do valor de troca sobre os homens, que a priori recusa aos sujeitos serem sujeitos, rebaixa a própria subjetividade a uma mera objetividade e relega à não-verdade esse princípio de universalidade que afirma instaurar a predominância do sujeito. O mais do sujeito transcendental é o menos do sujeito empírico, reduzido ele mesmo ao extremo. (p. 115)

Adorno (2009) compreende que paralelamente ao processo de dominação da natureza das coisas, do objeto, cujo final é a libertação do sujeito, há um processo de dominação do próprio sujeito, mantida pela autoconservação. Sendo assim, a determinação do transcendental está posta como sendo necessário porque associada a funcionalidade e a universalidade exprime o processo social da dominação onde a divisão do trabalho serve à autoconservação do todo dominado. A dominação defronta o indivíduo como o universal, como a razão na realidade efetiva. Sem encontrar outra saída, o poder de todos os membros da sociedade sintetiza-se na divisão do trabalho imposta, com a justificativa de ser a realização do todo em uma espécie de unidade formada por coletividade. Entretanto, acontece que o espírito do mundo se embebede em sofrimento e em falibilidade o que faz da experimentação do espírito do mundo, como um todo, experimentar também sua negatividade. Por esta razão, mesmo que todas as atividades humanas remetam à sua perpetuação física e, por mais que se autonomizem

organizacionalmente, as pessoas em ações inconscientes, muitas vezes, rompem contra o sofrimento. Dito de outra maneira, sua particularidade total se volta contra o sofrimento.

O sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema (p. 232).

As palavras de Adorno supracitadas permite antecipar a reflexão de que, ainda que as consequências do processo psicossocial dos conflitos sociais que vivem as populações negras sejam nefastas, essas mesmas condições, no entanto, não se configuram estáticas e, nem impressas com carga imutáveis à humanidade dos negros, dos índios, das mulheres, são na verdade, resultado de um processo histórico de dominação construída sobre os ombros, preferencialmente de desvalidos, particularizadas, no caso, dos bairros periféricos de Goiânia e de São Paulo onde jovens negras se valeram do seu direito à expressão por meio de narrativas como uma à uma têm dado sentido aos conflitos que as interpelam, ao tempo vindouro, aos seus interesses individuais e sociais, porque assim como bem argumenta Marcuse (1997): “ é no interesse do indivíduo que se exprime as suas necessidades e, a satisfação destas corresponde a esse interesse” (p. 189).

Para Young (1990), no seio da dominação se reforça por uma lógica de identidade expressa na teoria moral que reduz diferenças em única categoria sob o ideal da imparcialidade. Porém, o ideal da imparcialidade somente alcançaria tal posição de distanciamento e ausência de paixão, supostamente geradores de imparcialidades, se este fosse capaz de abstrair-se das particularidades de situação, de sentimento, de filiação e de ponto de vista. Exatamente por se tratarem de particularidades que não se podem apartar e que atuam fortemente no contexto real de ação, o ideal da imparcialidade, além de ser impossível, uma vez que as particularidades de contexto e filiação não são passíveis de serem excluídas e, mesmo que houvessem tais possibilidades, não deveriam ser excluídas do raciocínio moral, traz como consequência dicotomias entre universal e particular, público e privado, razão e paixão, o que acabam por cumprirem com as funções ideológicas que mascara as formas pelas quais as perspectivas particulares de grupos dominantes reivindicam universalidade e colabora para justificar estruturas hierárquicas de decisão onde a pessoa se vê sob a concepção meramente transcendental despojada de “particularidade sensual da experiência” (1990, p. 98).

Young (1990) compreende a lógica da identidade como construtora de sistemas totalizantes em que as categorias unificadoras são, elas próprias, unificadas sob princípios, onde o ideal é reduzir tudo a um único princípio inicial. A lógica da identidade a serviço do tradicional domínio público da cidadania universal faz excluir pessoas ou grupos associadas ao corpo e ao sentimento, com especial predileção às mulheres, ativistas negros, índios, pessoas que compõem grupos sociais emancipatórios como os grupos socialistas, as feministas, os LGBT, entre outros. A lógica da identidade nega ou reprime a diferença. Esta, no meu entender, designa tanto o lúdico dos eventos concretos quanto a diferenciação mutante da qual depende a significação. A razão e o discurso já estão sempre inseridos em um mundo plural, heterogêneo, que ultrapassa a compreensão totalizante, exatamente por esta razão é que se deve buscar a justiça pública, em um contexto de heterogeneidade e discurso parcial.

Cabe ressaltar que Young não pretende desenvolver uma teoria da justiça no sentido estrito, por isso, pensa a justiça para além do entendimento clássico de distribuição equitativa de recursos e bens. A justiça seria, por assim dizer, as respostas satisfatórias às necessidades expostas às instituições que possibilitem o pleno desenvolvimento e exercício das capacidades de cada pessoa, da comunicação e da cooperação coletiva.

Considerando que o ideal universalista ainda se encontra no papel de ameaçar e excluir pessoas, Young (1990) argumenta que o sentido de “público” deve ser reconfigurado com a energia de demonstrar toda positividade das diferenças de grupo, da paixão e do lúdico. Para tanto, propõe, um exame socioestrutural com foco direto nas categorias de opressão. Tal exame, envolve um olhar fenomenológico da experiência dos oprimidos. Porque a injustiça está na promoção da incapacidade ou invalidez das vítimas no processos de tomada de decisão e no acesso a postos de trabalho e à cultura.

Ao provocar está reflexão de justiça que desloca, no meu entender, a referência inicial do conceito de justiça ancorado em uma concepção refém de princípios racionais fundamentais, e traz como ponto de partida a análise de instâncias cotidianas de injustiça como uma variável fundamental nos argumentos em prol de um ideal normativo de sociedade, Iris Young reafirma as identidades e capacidades individuais sem cair nas armadilhas de uma conceituação essencialista de grupo social.

Young (2005) considera ainda que imparcialidade não só impossível, mas tem consequências ideológicas porque ajuda a reproduzir relações de dominação ou de opressão, na medida em que as justifica ou obscurece possíveis relações sociais mais emancipatórias. A imparcialidade cumpre três funções ideológicas: sustenta a ideia do Estado neutro; legitima a autoridade burocrática e processos decisórios hierárquicos e reforça a opressão apresentando o ponto de vista dos grupos privilegiados como se correspondessem a uma posição universal. Esta última, a “opressão designa as desvantagens e as injustiças que algumas pessoas sofrem, não por causa de um poder tirânico que as obriga, mas por causa das práticas diárias de uma sociedade liberal bem-intencionada” (Young, 1990 p. 15).

O fim da opressão, dessa forma, não se realizaria, por exemplo, com a eliminação dos governantes ou na criação de novas leis, porque as opressões são reproduzidas sistematicamente nas principais instituições culturais, políticas e culturais, além do que as ações conscientes de muitas pessoas contribuem diariamente para manter e reproduzi-la apenas por realizarem seus trabalhos ou simplesmente viverem suas vidas cotidianas, o que acaba por possibilitar que essas pessoas não se vejam como agentes de opressões porque o “véu da ignorância remove quaisquer características distintivas entre indivíduos, assegurando que todos discutam racionalmente a partir de pressupostos idênticos e do mesmo ponto de vista universal” (p. 101).

Iris Young (1991) argumenta que uma das faces da opressão é a violência sistemática. Assim, muitos grupos sofrem com a opressão da violência sistemática a ponto de alguns de seus membros viverem ativamente o medo de ataques aleatórios e espontâneos a si ou à sua propriedade que afetam, humilham ou destroem a pessoa. Em sociedade como a Norte Americana mulheres, negros, homossexuais vivem sob tais ameaças de violência. Nos Estados Unidos são catalogados um grande número de incidentes de violência racista, assassinato ou estupro, além de dezenas de espancamento promovidos por agentes da segurança pública contra os negros.

A autora defende que o que promove e faz a violência ser um fenômeno de injustiça social e não, simplesmente, um erro da moral é seu caráter sistêmico, sua existência como uma prática social, visto que a violência é sistêmica é direcionada a membros de um grupo, simplesmente, porque são membros daquele grupo. A violência é

uma prática social considerando que existem pessoas que praticam a violência juntas, que procuram outras pessoas para espancarem, estuprarem ou insultarem.

Young (1990) analisa a violência contra determinados grupos como aproximada da legitimidade porque muitos casos de violências que faz de vítimas esses grupos são quase tolerados. São raras a apreensão dos indivíduos que realizaram algum tipo de violência à grupos, ainda que sejam capturados por infringem atos de violência ou abuso direto a grupos, muitas vezes, recebem uma punição leve ou nem são punidos. Sem exigir a devida punição a sociedade faz com que esses atos se tornem aceitáveis. Em muitos casos, inclusive, governantes se utilizam da violência contra grupos específicos como uma ferramenta coercitiva para manter seu poder.

Avtar Brah (1996) afirma de forma categórica que o poder opera sobre e por meio dos corpos. Em minha avaliação trata-se de uma afirmativa importante porque vários outros autores comungam da mesma proposição considerada correta por uma maioria dos corpos negros. Destaco o sociólogo camaronês Achille Mbembe (2018) porque apresenta uma reflexão epistemológica substancial referente ao conceito de Biopoder de Michel Foucault. Para tanto, revista tradição teórica da crítica política, em especial da biopolítica produzida na modernidade tardia.

No entendimento de Achille Mbembe (2018) o processo de produção de pensamento crítico dentro da modernidade tardia se preocupou intensamente às teorias normativas da democracia, logo, o conceito de razão emerge como um dos elementos mais importantes na constituição do projeto da modernidade e do projeto da soberania, cuja expressão máxima foi a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais. Na modernidade tardia homens e mulheres são sujeitos completos munidos da capacidade de se autoconhecerem, autoconsciência e autorrepresentação. O que permite a afirmação de que a política tem dupla defesa considerando sua bases na distinção entre razão e desrazão (paixão, fantasia). Nesse paradigma, a razão é a verdade do sujeito na equivalência do exercício da liberdade: um elemento-chave para a autonomia individual, e a política é o exercício da razão na esfera pública. Desse modo, a soberania floresce na crença de que o sujeito é o principal autor controlador do seu próprio significado no processo de “autoinstituição” e “autolimitação” (fixando em si os próprios limites para si mesmo).

Na releitura de Mbembe (2018) Foucault na formulação do biopoder distingue as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Por meio da distinção entre quem deve viver ou que deve morrer tal poder se define em relação a um campo biológico que pressupõe a repartição humana em grupos, assim como, a subdivisão da população em subgrupos e o “estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) ‘racismo’ ”(17). O racismo, é portanto, uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder. Na economia do biopoder o racismo tem a função de regular a distribuição de morte. É também cargo do racismo possibilitar a condição para a aceitabilidade do fazer morrer e dos assassinatos do Estado.

Desse modo, é oportuno destacar que não é de agora que a nação brasileira convive com números de mortes por homicídios que superam índices comparativos aos de conflitos de guerra internacionais sendo que a população negra tem sido sua maior vítima. Segundo Prof. Dr. Juarez Xavier de Paula Xavier (2010), esse cenário insinua a existência de um processo permanente de violência que está no padrão de ação de nossa República escorado nas questões raciais como elemento central.

Para o professor Xavier as opções para a construção do Estado Nacional criaram as bases para a lógica do “extermínio programado das populações pobres e negras”. Essa lógica governa e condiciona as condições de vida e morte dessas populações já dos construtores do estado nacional, no período determinante de 1850 a 1930, pautadas pela eugenia e pela exclusão radical, trouxeram embutidas mecanismos e instrumentos que caracterizam uma forma sistemática de “genocídio programado das populações afrodescendentes” no Brasil.

Desse modo, o Estado Nacional Brasileiro foi fundado em bases excludentes tendo no seu DNA códigos da intolerância à alteridade e pluralidade raciais, a violência social contra os segmentos subalternos, e a criminalização das comunidades empobrecidas. O combate contra essa lógica implica romper com as bases culturais, sociais, políticas e econômicas que deram origem a esse modelo de estado, que pune a alteridade e diversidade raciais, com todos os mecanismos de coerção à sua disposição, materiais e imateriais notórios nos números de violência social, e os altos índices de morbidade das populações não brancas do país (Xavier, 2010).

A análise dos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, dos registros policiais publicadas no 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública do FBSP, os dados do Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA) e dos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FPSP), permite a trágica constatação de que 59.627 mil homicídios ocorreram em solo brasileiro no ano de 2014. O atual Atlas da Violência expõem o absurdo fenômeno de boca gigantesca alimentando-se de mortes por homicídios.

As mortes por homicídios no Brasil atingiram um recorde histórico. O recente mapa da violência permite reconhecer que a juventude negra periférica e pobre está sendo devorada por tamanha atrocidade. A pesquisa revela que jovens negros com baixa escolaridade, com baixos recursos socioeconômicos são as principais vítimas (IPEA e FPSP, 2016).

Para Alves (2011), a partir de análise da distribuição desigual de mortes violentas no espaço urbano da cidade de São Paulo sugere que há padrão mórbido de governança espacial que elege determinadas geografias urbanas e determinados corpos como os alvos de controle e produção do medo. Para o autor, há um aspecto despótico da gestão da ordem urbana, herdado do período militar, que elege, evoca e justifica o extermínio de “inimigos internos” como forma de pacificação social e a política da violência com: “a distribuição calculada da morte e da punição como instrumentos políticos de controle territorial” (Alves, 2011, p. 109).

A periferia aparece como lugar da desordem e do crime, na disciplina espacial a partir do trabalho “pedagógico” de conselhos comunitários de segurança e das ONGs com foco nos jovens tidos como “problema social”, e nas intervenções estatais letais, como dão conta às as ações policiais resultantes nos famigerados “autos de resistência” ou “resistência seguida de morte” (Alves, 2011).

O Atlas da violência 2016 confirma as denúncias das condições históricas que tem feito da carne preta o alvo majoritário de uma insana barbárie com artimanhas espaciais do racismo e suas consequências letais para os grupos que carregam “o sacrilégio da cor”. Como concluem Batista e Col. (2004).

Genocídio significa o extermínio sistemático de pessoas sob a motivação com base nas diferenças, entre outras, étnicas/raciais. É um triste termo de morte de um povo

criado por Raphael Lemkin, que diante das atrocidades que abrigam uma grande parcela da população negra de hoje e de ontem infelizmente pegamos emprestado. Genocídio é um termo que nos permite, diante da inercia de boa parte da sociedade brasileira, irmos além de um crime apenas de importância nacional, visto que é impraticável tratar o genocídio como um crime nacional, uma vez que por sua própria natureza é cometido pelo Estado ou por grupos poderosos, que têm o apoio do Estado. A cada dia vamos tendo certeza que o Estado brasileiro se nega e, portanto, apresenta dificuldades reais de processar um crime instigado ou apoiado em seu seio, mesmo com o tamanho dos rastros histórico que este crime esteja deixando.

4. MÉTODO

4.1. Objetivo Geral:

Compreender criticamente se os conflitos sociais são mediados nas narrativas de futuro para jovens negras residentes nas periferias de São Paulo e de Goiânia.

4.2. Objetivos específicos

- a) Compreender se as narrativas de jovens negras periféricas carregam os sentidos de futuros para elas;
- b) Analisar se enunciam, mediados por narrativas de futuro o entendimento dos conflitos sociais;
- c) Investigar se em suas narrativas surgem relações étnico-raciais, gênero e classe;
- d) Como as suas narrativas de futuro retêm experiências de desrespeitos em variadas ordens e quais são essas experiências;
- e) Perguntamos o quanto são pronunciamentos de sofrimentos;
- f) Demonstram elaboração do sofrimento social;
- g) Como descrevem padrões sociais de reconhecimento

Para Marcuse, como cita Gil (1989), a realidade tem sua riqueza maior do que aquilo que está codificado na lógica dos fatos e que, para se compreender como as coisas verdadeiramente são, torna-se necessário recusar sua simples facticidade. Assim, para compreender além da lógica factual dos conflitos e sofrimentos, mas também entender como e, se as jovens negras periféricas os elaboram, a aposta deste trabalho esteve nos enredos de suas vidas. O que pareceu-me, portando, impudente optar por um processo de investigação que não valorizasse suas narrativas.

Do mesmo modo, julgo eu, seria tão imprudente quando, se o processo intencionado de investigação não respaldasse a importância de inserção nos espaços geográficos que elas ajudam compor, visto que lá nestes espaços, direta ou indiretamente colocam suas juventudes de mulheres negras nas engrenagens que movimentam sem

interrupção o fluxo vívido da história de onde residirem. Penso ser importante lembrar, que os espaços geográficos inscrevem dinâmicas sociais extraordinárias nas estruturas da vida social. Dinâmicas estas, que produzidas por mãos humanas, nas mais variadas escalas sociais, abrem os espaços geográficos para os mistérios inevitáveis do futuro.

Neste capítulo, portanto, pretendo expor os procedimentos, assim como, as etapas e as técnicas que possibilitaram apreender as informações que as jovens forneceram para a articulação posterior destas informações com a dimensão teórica que alinhavou todo o processo investigativo: do planejamento à análise, da discussão à conclusão.

4.3. A abordagem da pesquisa

As páginas da história científica desde muito tempo atrás vem acumulando diversos modelos de investigar, de produzir respostas ou de encurtar as consequências de problemas que vão surgindo ao longo da existência humana. Em meio ao universo de processos de pesquisas que hoje a literatura acadêmica disponibiliza, o método de pesquisa social de caráter qualitativo se mostrou mais apropriada para responder aos objetivos de suscitar dados, ou melhor dito, suscitar informações que não ficassem restritas ao processo descritivo dos mesmos.

Flick (2009), argumenta que a opção por uma pesquisa qualitativa tem o ponto fundante na ideia da estruturação social do objeto estudado. Parte-se do interesse de compreender as pessoas, seus hábitos rotineiros e seu saber relacionado ao que está em estudo. Possibilita investigar os significados dos dados, das questões relacionadas à subjetividade, às particularidades, o contexto, os processos que formam os fenômenos investigados. Em suma, a pesquisa qualitativa envolve uma conduta interpretativa do mundo.

A possibilidade interpretativa do mundo insuflada por meio da investigação de cunho qualitativo foi de fundamental importância para traçar o perfil, a forma de seleção das jovens colaboradoras e as cinco etapas deste estudo: 1) o levantamento e análise da literatura sobre o tema; 2) realização de entrevistas semiestruturadas; 3) análise crítica e discussão dos resultados obtidos a luz da teoria disponível do tema e da Teoria Crítica da Sociedade; 4) a análise de conteúdo; e 5) conclusão da tese e devolutiva a comunidade de referência.

A pesquisa qualitativa estimulou, digamos, reflexões fundamentais para a análise, além de possibilitar às colaboradoras não serem apenas objetos, mas pessoas ativas na produção de conhecimento proposto.

4.4. Participantes da pesquisa

Foram selecionadas 20 jovens colaboradoras por meio dos seguintes critérios:

- a) Estarem na faixa etária entre 17 a 29 anos;
- b) Serem declaradas negras independente de sua identidade de gênero (CIS ou TRANS⁵) ou sua orientação sexual;
- c) Jovens declaradas negras independente da nacionalidade, escolaridade ou classe social;
- d) Serem residentes na região dos bairros Capão Redondo e Cidade Tiradentes no município de São Paulo e, no caso de Goiânia, residirem em setores periféricos ou da grande Goiânia (Aparecida de Goiânia, Anápolis ou Trindade);
- e) Que aceitaram o convite de colaborarem de forma voluntária e que assinaram o Termo Livre esclarecido.

Seguindo os critérios de inclusão acima descrito deixaram de serem selecionadas jovens que não se declararam negras, que não aceitaram colaborar com a pesquisa de forma voluntária, que se recusaram assinar o termo livre esclarecido, que não tinham disponibilidade para as entrevistas, que não falavam português e que não moravam nos espaços geográficos previstos para o campo empírico da pesquisa ou que ali moravam menos de um mês.

O processo de seleção se dividiu em três momentos. Primeiro me dediquei ao levantamento de possíveis atores sociais que tivessem disponibilidade e atuassem, sem distinção de bairros no primeiro momento, em espaços periféricos das cidade de São Paulo, Goiânia e grande Goiânia.

Em média nove agentes associas se disponibilizaram voluntariamente. A equipe de articuladores ou mediadores fora formada por uma líder comunitária feminista negra

⁵ Identidade de gênero é a forma como a pessoa se enxerga, ou seja: homem cis ou trans, mulher cis ou trans, travestis, hijras, não-binários ou qualquer outra identidade que esteja para além do binarismo homem ou mulher a qual nossas identidades historicamente foram submetidas. Por sua vez, Orientação Sexual diz respeito a quais identidades de gênero a pessoa se atrai, seja física, romântica ou sexualmente falando.

de 36 anos, com ações na defesa de mulheres vítimas de violência doméstica na Zona Leste da cidade de São Paulo. Somaram na composição do time de facilitadores na Zona Sul do município de São Paulo, uma psicóloga clínica de 38 anos, moradora da região do Capão Redondo, uma educadora social de 37 anos, que trabalha como técnica na área de medida sócio educativa residente na região do Jardim Ângela e uma assistente social de 40 anos, professora universitária e coordenadora de um cursinho popular pré-vestibular no Jardim Irene onde morava.

No Estado de Goiás a ajuda veio de cinco agentes sócias. Uma assistente social de 35 anos que atua no movimento negro, além de trabalhar em um Centro de Referência da Assistência Social – CRAS e uma ONG na região da grande Goiânia. Outra colaboração importante em Goiânia se deu por parte de uma segunda assistente social de 32 anos, atuante no feminismo negro do Estado de Goiás e na área da cultura juvenil. Tive ainda a grata satisfação de contar com a ajuda de uma professora universitária na área das ciências químicas de 33 anos e outra professora do ensino médio da rede pública de 40 anos. O único homem que participou auxiliando na seleção das jovens pesquisadas foi um assistente social que trabalha com crianças em vulnerabilidade social e com movimento Hip-Hop.

A relação com todos os agentes sociais se deu por telefonemas, e-mails e mensagens de texto via celular. Para além disso, me reunir pessoalmente com cada um deles, por pelo menos duas vezes, com a ideia de deixá-los cientes dos detalhes da pesquisa e solicitar que me ajudassem na indicação de jovens e dos espaços para o campo que expressassem a diversidade de fenômenos que influenciam nas vidas sociais delas e em seus futuro, além da memória étnica-racial, objetos culturais, movimentos artísticos, religiosos, de resistência cultural, amor, solidariedade, direito e justiça.

Desse modo, por meio do empenho generoso dessas lideranças comunitárias e respeitando indicações de locais que os favorecessem a seleção, assim como, possibilitassem a minha inserção nos três espaços distintos onde foram realizados os trabalhos de campo. Por intermédio desses agentes sociais consolidei a decisão de pesquisar na Cidade Tiradentes, extremo leste do município de São Paulo seis (6) jovens com nomes fictícios que elas mesmo escolheram: Roberta 17 anos; Maria 18 anos; Dandara Ambrósio 24 anos; Preta 24 anos; Carina 22 anos e Ana 29 anos. No bairro do Capão Redondo, que se localiza na região sudoeste do município de São Paulo outras seis (6) jovens: Isa 17 anos; Sumaia 25 anos; Ângela 18 anos; Catarina Elisabete 21 anos; Indiara 24 e Juliana 30 anos.

A diferença em Goiânia foi que considerando que se trata de dimensões territoriais menores em relação com São Paulo, os facilitadores me sugeriram não trabalhar como bairros específicos, mas selecionar as jovens de maneira mais espalhada. Foram 8 jovens cada uma residente em um bairro distante um do outro. A relação de jovens com os nomes que elas escolheram são: Ebony 19 anos; Joana 19 anos; Oldre 21 anos; Simone 22 anos; Olivia 24 anos; Joana 19 anos; Rainha das matas 23 anos; Angélica 28 anos, Maysa 30 anos conforme o quadro nº 1 ajuda ilustrar.

Ficou perceptivo ao leitor que tanto a Juliana que mora no Capão Redondo e a Maysa de Goiânia as duas jovens já se encontravam com 30 anos, o que contraia os critérios de inclusão acima descritos. Portanto, creio ser pertinente para compreensão explicar que entre os primeiros contatos com a jovens e a efetivação das entrevistas gravadas houve um tempo em média de cinco à seis meses. Desse modo, no momento das primeiras conversas com as jovens em questão elas ainda estava com 29 anos, porém, no momento das entrevistas gravadas já haviam completado 30 anos. Considerando a diferença de meses julguei não atrapalhar nos resultados finais abrir a exceção de participarem acima da idade estabelecida.

Quadro 1.

Nome	Idade	Bairro	Município	Indicação
Roberta	17	Cidade Tiradentes	São Paulo Z/L	Coord ^a . Casa de proteção as mulheres vítimas de violência domestica
Maria	18			
Dandara Ambrósio	24			
Preta	24			
Carina	22			
Ana	29			
Isa	17	Capão Redondo	São Paulo Z/S	T. m. S. Educativa
Sumaia ⁶	25			Psicóloga Clínica.
	18			
Ângela	24			Sumaia
Indiara	24			Indiara
Catarina Elisabete	25			
				Prof. ^a Univers. de Serviço Social

⁶ A cor azul é para realçar quando as próprias jovens indicaram outras delas

Juliana	29			
Ebony	19	Jardim D Fernando I	Goiânia Z/L	Prof. ^a
Antônia	28	Grande Goiânia	Ap. de Goiânia	Universitária
Joana			Anápolis	Assist. Social e
Oudre	19	Grande Goiânia		Rapper
Olivia	21	Grande Goiânia	Ap. de Goiânia	Assist. Social e
Simone	24	Grande Goiânia	Trindade	Cult. Jovem
	22	Grande Goiânia	Trindade	Assist.
Rainha das Matas				Social/assistência
	23	Parque Tremendão	Goiânia Z/NEST	Assist. Social e
Maysa	29	Vila Nova	Goiânia Z/L	Rapper

4.5. Procedimento

Todo o processo investigativo, como veremos desde agora, se deu em quatro etapas, sendo que algumas dessas etapas se subdividem. O desenvolvimento da primeira etapa seu no processo de preparação intelectual da pesquisa. Desde cedo, se sabia da necessidade de trabalhar com um aporte teórico robusto com base na crítica social considerando, que no Brasil à olhos nus, suscitam contextos de reinados desiguais de pobreza e diversas forma de desigualdades envolvendo grupos marginalizados, criminalizados, que vivem em situação de vulnerabilidade em sistemática presença de ocorrências de violações de direitos, da mais sutis ao rompimento definitivo do direito à vida.

Deste modo, a primeira etapa se subdivide em duas.

- (1.1) Ligada as disciplinas estudadas no instituto de psicologia da USP – IPUSP, que torceu uma bibliografia interessante que se somou as sugestões de leitura fruto das reuniões com meu orientador, além de uma revisão bibliográfica densa em relação ao tema da pesquisa que começava a deixar de ser um projeto no papel.
- (1.2) O intuito não era abandonar o fortalecimento intelectual, mas promover um colorido político e prático ao que se estudava na academias. As

orientações eram mais que uma simples sugestões de leitura, porque se convertiam também o lugar de pensar a pesquisa no seu teor prático.

Nas reuniões de orientação se viu a importância, por mais que eu fosse morador da periferia, de uma “reocupação da periferia”, conduzido por agentes locais preocupados com a manutenção da vida no mais amplo da palavra vida. Então, na segunda subdivisão da primeira etapa estive muito atento ao que se era discutido nas reuniões do grupo de estudos de psicologia comunitária com a coordenação do Professor Luís Guilherme Galeão Silva, do núcleo de pesquisa INCIDIR no departamento de Psicologia social e do IPUSP com parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santa na Bahia e UNESP, como também, do fórum em Defesa da Vida, do Fórum de Pesquisadores, da Caminhada pela Vida e pela paz no bairro do jardim Ângela em São Paulo e nos encontros culturais de Rappers e poesias que ocorrerem itinerante em vários bairros de Goiânia.

A bem da verdade, neste locais as pautas não eram diretamente ligadas às narrativas de jovens negras periféricas, mas me foram excelentes para ampliar a visão teórica e prática de integração entre universidade e comunidade. Desse modo, a primeira etapa foi riquíssima porque sua característica principal foi a colheita de valiosas sugestões e apoio de colegas dos grupos de estudo, de colegas e professores da USP, Fundação Getúlio Vargas, PUC-SP, Universidade Federal de Santo André.

Não poderia ficar de fora desta lista a participação mais que valiosa dos amigos e amigas do fórum em defesa da vida, do fórum de pesquisadores, do movimento negro e feministas negras, do movimento Hip-Hop, da capoeira, dos saraus de Goiânia, porque todas estas pessoas mencionadas ao discutirem e buscarem soluções para as mazelas das periferias me foram verdadeiros mestres e mestras da arte de fazer da vida imperfeita, ou nas palavras de Adorno: “em face da vida danificada” (1995 p. 18), motivo de utopia e solidariedade. Me ensinaram que na comunidade não existe a homogeneidade de anjos celestes jocosos no algodão das nuvens, mas que existem sim contradições, antagonismos, racismo e muita opressão passíveis de combate com debates aberto. Me possibilitaram compreender que a aproximação do cotidiano das populações urbanas que vivem a marginalização, especialmente aquela com maior grau de vitimização da pobreza, da violência e da morte, permanece importante “para a correção das violações e para a realização progressiva dos direitos humanos” (Albuquerque e Burity, 2008 p. 148).

A relação entre universidade e comunidade estabelecida na primeira etapa foi de ímpar importância para a decisão por um tipo de investigação de metodologia participativa onde o conhecimento de cada jovem que fosse entrevistadas futuramente fosse reconhecido e valorizado já da concepção do processo de pesquisa.

A primeira etapa foi também fundamental para minha ambientação nos cenários parecidos ou nos próprios cenários onde mais tarde as jovens selecionadas narrariam suas projeções de futuro. O que possibilitou que juntos, orientador e eu, delineássemos a bibliografia básica dialogando com as questões de raça e etnia, juventude, gênero, opressão, dominação, espaço, território e periferias, além de interseccionalidade.

A riquíssima experiência das reuniões e participações nos coletivos da primeira etapa abriu portas para o segundo momento da pesquisa porque possibilitou uma espécie de Network que resultaria no time de agentes sociais que mediarão meu contato com as jovens e possibilitaram minha inserção nos espaços geográficos nos quais elas residem.

Os finais de reuniões ou de encontros sempre eram momentos de bate-papo, um lanche comunitário com vasta fertilidade para a troca de ideias e estreitamento de laços entre pesquisadores, professores, sacerdotes e comunidade. Desses momentos então surgiram os nomes que mediarão minhas entrevistas e inserção no campo de pesquisa.

Nas reuniões do Fórum em defesa da vida e de pesquisadores frequentava um professor sociólogo da Unifesp que tinha uma orientanda de mestrado que se dedicava ao Plano Juventude Viva⁷ que visam a ampliação dos direitos da juventude, a desconstrução da cultura de violência, a transformação de territórios atingidos por altos índices de homicídios e o enfrentamento ao racismo institucional, além da sensibilização de agentes públicos para o problema. Então, na ocasião eu apresentei minhas pretensões de pesquisar a elaboração de sofrimentos e conflitos sociais por via de narrativas de jovens negras periféricas para essa mestranda que de pronto se voluntariou em colaborar e sugeriu a

⁷ O Plano Juventude Viva foi uma iniciativa estimulada pelo do governo federal em 2014, coordenada pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), vinculada à Secretaria de Governo da Presidência da República (SG/PR) e pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). O Plano reúne ações de prevenção para reduzir a vulnerabilidade de jovens negros a situações de violência física e simbólica, a partir da criação de oportunidades de inclusão social e autonomia para os jovens entre 15 e 29 anos.

região da Zona Leste onde morava com especial atenção para a Cidade Tiradentes. Assim surgiu o primeiro campo e a primeira mediadora.

As reuniões do Fórum em defesa da vida tinha entre os frequentadores alguns educadores e educadoras que trabalhavam com medida sócio educativa. Então, uma deles se interessou pelo tema e me indicou uma de suas técnicas. Dias depois eu liguei para a técnica que se prontificou em ajudar. Na mesma reunião do Fórum em defesa da vida dois meses depois foi a vez de uma professora universitária que coordenava um cursinho na região do Capão Redondo aderir a pesquisa.

Goiânia sempre esteve no roteiro de minhas visitas a passeio depois que voltei a morar em São Paulo assim que coleei grau em psicologia. Porém, meu orientador foi convidado em participar de uma banca de doutorado na PUC de Goiás que falava sobre violência policial contra jovens periféricos. Neste dia conheci um rapaz rapper e assistente social que se me convidou para participar de vários eventos culturais a base da poesia, da capoeira, da dança de rua, do teatro e a música produzidas por periféricos. Em um destes encontros ele se interessou em colaborar e além disso, me passou o contato de uma outra assistente social, que mais tarde se tornaria sua esposa, que também se dispusera em colaborar com a pesquisa em Goiás.

Minhas ida até Goiânia eram constantes porque lá também mantenho relações afetivas de amizade, sendo que a maioria se firmaram no tempo em que eu vivi na Casa dos Estudantes Universitários II – CEU II. Duas dessas amigas, uma formada em química e outra em serviço social foram as últimas a se juntar ao grupo de agentes sociais que me prestaram auxílio.

Figura nº 1.

Alavancado através das disciplinas acadêmicas, das orientações, das reuniões e encontros culturais nas comunidades periféricas, assim como, do entusiasmo e sabedoria dos agentes locais que se disponibilizaram em indicar e mediar os primeiros contatos com as jovens iniciou-se a terceira etapa (3), que também se divide em duas:

(3.1) primeira reunião com as jovens selecionadas nos seus respectivos espaços geográficos; os encontros onde se realizaram as entrevistas.

A primeira aproximação com as jovens se deu em uma única reunião agendada com a presença dos agentes sociais de cada local que indicaram as jovens. O intuito fora de me apresentar e explicar os detalhes da pesquisa e como cada ator participaria da

pesquisa. Como resultado esperado era de resolver dúvidas, minimizar os feitos da relação assimétrica: academia e comunidade; pesquisador homem e pesquisadas jovens mulheres e quem é de fora e quem é de dentro.

Cabe dizer, que estas reuniões se deram, cada qual, no bairro específico onde ocorreram as entrevistas individuais com as jovens residentes ali. A lista com os nomes das jovens e os locais onde ocorreriam os trabalhos de campo foram chegando simultaneamente enviados pelos agentes sociais mediadores em um processo dialogado. Entretanto, o primeiro encontro em que eu pude falar às jovens pela primeira vez foi na Cidade Tiradentes.

(3.2) Depois veio o encontro com as jovens do Capão Redondo e por último as jovens de Goiás.

Quadro nº. 2

Primeiro aproximação	<i>Reunião com a presença das pessoas que indicaram as jovens com o intuito de apresentar o pesquisador e explicar os detalhes da pesquisa e da participação de cada ator envolvido</i>
Público alvo	<i>Agentes sócias e jovens selecionadas para a pesquisa</i>
Resultados esperados	<i>Minimizar os efeitos colaterais das assimetrias da relação: comunidade X academia; Pesquisador homem X pesquisadas mulheres e comunidade de dentro X comunidade de fora</i>

Com exceção do primeiro encontro onde além de todas as jovens selecionadas estava presente a agente, ou o agente social local que mediu a aproximação, todos os outros encontros foram individuais com cada jovens da pesquisa. Em média foram quatro encontros seguindo os seguintes critério: um lugar de disponível acesso para ambos: pesquisador e pesquisada; horários que não atrapalhassem muito a rotina das jovens; estarem conscientes que poderiam desistir da pesquisa em qualquer momento que desejassem sem prejuízo algum; que a participação de um ou mais encontros não as

obrigava a voltar no encontro seguinte; a ciência que duas de nossas conversas seriam gravadas, que não haveria sobre hipótese alguma extração de imagens de nenhuma delas em vídeo ou fotografias de minha parte, mas elas se assim desejassem fazer os registros com imagens ou gravação de áudio para seu próprio registro não haveria problemas; que as conversas fossem em locais que elas escolhessem com amplas garantias de segurança, de integridade tanto física e emocional e que não fosse confinado.

Em todos os encontros individuais as jovens eram reorientadas para a liberdade de responder ou falar somente o que lhes fossem de vontade, apagar ou reconsiderar qualquer coisa dita que julgassem não estar adequada e desistir da pesquisa em qualquer momento que lhes viesse o desejo, sem que com isso sofressem qualquer tipo de prejuízo exatamente como escrito no Termo de livre esclarecimento que receberam no primeiro encontro com o compromisso de assinarem em casa e me que entregasse no segundo encontro, isto é, que me entregassem assinado no primeiro encontro individual.

O porquê de apenas o conteúdo das conversas do segundo e da terceiro encontro com cada jovem fora gravados se justifica porque, embora na primeira reunião elas já tenham previamente contado um pouco delas, como por exemplo, idade, porque resolveram participar da pesquisa, havia o fato de estarem em grupo e ainda tímidas. No segundo encontro, que já era em uma escuta individual, e de alguma forma já nos conhecíamos, isso facilitava a narrativa, retirar dúvidas e trabalhar eventuais receios em relação aos seus depoimentos.

No final do segundo encontro, o primeiro individual, as jovens eram avisadas do tema do terceiro encontro que era a linha do tempo. Elas eram instruídas, se assim desejassem, se munirem de fotos, objetos de estimação, peças de roupa, músicas, ou qualquer coisa de apreço que sentissem ajudar nas palavras que contassem sua linha do tempo.

Cabe explicar também que no quarto encontro elas receberam as transcrições de suas falas com o compromisso de em um quinto encontro fazerem a devolução com a permissão ou não da permanência de trechos das entrevistas. Entretanto, esse encontro de número cinco (5) não ocorreu por disparidade de agendas, algumas jovens mudaram, outras alteraram suas dinâmica diárias. Por estas razões a retomada das transcrições se fez por e-mails ou por terceiros.

Quadro nº 3 Encontros

<i>Cronograma</i>	Objetivo	Duração média	Material	Resultado
<i>Primeiro encontro</i>	Apresentação coletiva da pesquisa	Uma hora e meia	Diário de campo	Adesão voluntária das jovens na pesquisa com a entrega do TLE.
<i>Encontro de reconhecimento da pesquisa</i>	Apresentação individual da pesquisa; retomada de dúvidas e revisão dos procedimentos; fortalecer as primeiras narrativas pessoais das jovens	Uma hora	Diário de campo Gravador	Assinatura do termo livre esclarecido; as primeiras narrativas
<i>Linha do tempo</i>	Motivar as narrativa em uma ordem afetiva	Uma hora	Diário de campo Gravador	Ter contato com as lembranças mais significativas na ordem afetiva
<i>Contextualização</i>	Conhecer a rotina das jovens	Sem definição	Diário de campo	Ter contato com a memória geográfica. Ter contato físico com alguns cenários que molduras as narrativas como ruas, vielas, casas, escolas, hospitais etc.

A quarta e última etapa se deteve confecção da escrita da tese e nas articulação do processo de devolutivas para as jovens e para a comunidade na qual elas pertencem respeitoso das dinâmicas específicas dos espaço geografia e necessidade pessoais das jovens envolvidas. A sugestão é que as devolutivas aconteçam nos espaços geográficos das jovens em um prazo máximo de seis meses após ter ocorrido a defesa da tese em comum acordo com os agentes sociais mediadores, jovens e comunidade.

4.3. Justificativa do método

Ana Van Meegen Silva (2007), na introdução do seu trabalho de pesquisa com a comunidade quilombola Kalunga em Goiás, ressalta que de modo geral um estudo científico tem sua origem em hipóteses e teorias acadêmicas, mas que existem casos de pesquisas em que a inspiração é um grupo, como se este constituísse uma fonte mística convidada à descoberta. Assim, como autora citada o estudo que se apresenta centrou

olhares e ouvidos em um grupo como foco principal. A diferença é que neste caso, a fonte convidada à ser descoberta não está em um grupo localizado em um quilombo, mas se espalha. Trate-se de jovens negras residentes em espaços urbanos e periféricos que apesar das dessemelhanças suas narrativas sugerem uma identidade étnica-racial que aproxima diferentes corpos.

A fonte mística convidada à ser pesquisada, neste caso, jorrava da juventude periférica com os adjetivos da negra pele que colore o feminino que elas declaram e experienciam. Trata-se de tipo de feminino que para se compreender os conflitos, os sofrimentos e como cada jovem os elaboram, se é preciso caminhar na mesma velocidade da vida delas, visto que em diversos casos, quase como regra de poucas exceções, de tão rápido e acelerado o cotidiano não se distinguem para elas as infâncias da juventudes, não se distinguem serem irmãs mais velhas da maternidade, não se distingue brincadeira de trabalho ou de trabalho com escravidão.

Qualquer pesquisa que queira desvendar a mística de tal fonte que se convida à ser descoberta tem que ter em mente um tipo de metodologia que contemple o fato que em muitos casos não podem falar porque não podem parar. Não podem parar para falar exatamente porque a vida as empurra sem respeito ao cansaço. Por isso, para compreender se há elaboração destes sofrimentos e conflitos e como se dá tal elaboração a pesquisa precisa ir lá aonde o modelo de urbanização desigual encontra maior sucesso em forjar perfis aparentemente silenciados por força da pobreza, do acesso difícil à saúde, da precariedade e corrupção dos serviços públicos, da violência, da morte.

Há de se ir até lá buscar essas informações porque os mecanismo oficiais de escuta tem cera nos ouvidos. A incapacidade de escuta ou o não querer ouvir o que essa gente tem para dizer se reveste de violação sumaria de direitos. No entanto, um voz contrária que resiste e grita por ser ouvida está em pleno movimento da vida que precisa ser vivida porque é abreviada em até vinte cinco anos comparada com outras partes da cidade de São Paulo, por exemplo.

Desse modo, a opção pelo método teve que considerar o diálogo entre pesquisador e colaboradoras nos próprios espaços geográficos; lá onde vivem suas vidas, alimentam esperanças as narrativas se deram em um processo vívido de tal modo dinâmico comparável ao dinamismo que Walter Benjamin (1984) se refere como um fôlego que nunca se exaure e, por ser assim infatigável promove ao pensamento começar sempre novamente meticulosamente voltado para as próprias coisas do cotidiano. É empurrado pelo o dia-a-dia que um mesmo objeto nos seus vários estratos de sua significação que o

pensamento se vê estimulado para o recomeço sem fim embalado pelo o ritmo do próprio ato de contar.

Tendo em mente o que nos lembra Gamboa (2007) de que a questão central na demarcação uma opção metodológica está na epistemologia que guia as técnicas da pesquisa pretendida, me vi assim, conduzido na direção de um tipo de investigação qualitativa, porque existem frações ou aspectos de enfrentamento, resistência e de elaboração de angústias, que a condição desigual relega, que carecem ser compreendidas por meios acadêmicos que segundo Monteiro (2004), prima não por fazer para a comunidade, mas fazer junto com a comunidade em um esforço comum envolto da concepção de uma psicologia social focada na sociedade, em grupos sociais e seus membros, com a compreensão do ser humano em seus aspectos individuais como um ser ativo, construtor dinâmico da sua realidade, bem como suas necessidades e expectativas.

A justificativa da opção está na própria ideia de que a abordagem qualitativa, como estabelece Flick e cols. (2000) se caracteriza por um espectro de métodos e técnicas adaptados ao caso específico ao invés de um método padronizado único. Tem-se aí um detalhe que julgo ser importante, porque um tipo de método flexível ao diverso em vez do restrito padrão único carrega consigo as possibilidades de ampliar as dimensões técnicas de análise das narrativas das jovens negras, como argumenta Cristina Novikoff (2010) via referentes instrumentos de investigação científica, que neste caso, se constituíram por meio da literatura disponíveis sobre feminismos negro, de-colonial, interseccionalidade e do aporte teórico da teórica crítica que possibilitaram suscitar a descrição e crítica social do fenômeno estudado, das jovens colaboradoras, do lócus da pesquisa e do conhecimento adquirido.

Por esta razão, a pesquisa qualitativa se justifica porque possibilitou a compreensão dos significados das narrativas, além da compreensão de questões relacionadas à subjetividade, às particularidades, ao contexto, às territorialidades, ao corpo feminino negro interseccionalizado que somados formam um conjunto complexo que amalgamam as projeções de futuro que envolve uma conduta interpretativa do mundo disponível neste método de investigação.

Por vias da pesquisa qualitativa as narrativas de um tempo ainda por vir pôde ser construída em uma concepção de que seus depoimentos habitam a mansão da experiência pessoal, isto é, provem de episódios do cotidiano, do dia-a-dia, como verdadeiros motores de propulsão de cada lembrança, de cada memória, de cada recontar.

Por meio da relação com o pesquisador, mediada pela pesquisa qualitativa, seus versos e expressões edificaram coisas, consequências, tarefas, além de comunicarem desigualdades, mas principalmente, a arquitetura do futuro, a elaboração do sofrimento para que as dores não se tornem dogmas.

Axel Honneth tem se pronunciado em favor de que todo projeto que venha realizar-se com base na teoria crítica precisa desenvolver um arcabouço de reflexão conceitual com a capacidade de abranger os recursos sociais necessários à superação prática tanto das estruturas de dominação social quanto da opressão. Assim, é pungente o entendimento de como a dominação e opressão estão intimamente ligadas a interseccionalidade entre classe, gênero, racismo na produção e reprodução das relações sociais que modelam a posição social, política e consequentemente de reconhecimento do feminino em nossa sociedade, que de modo mais particular para jovens negras que residem nas periferias dos municípios de Goiânia e de São Paulo a pesquisa qualitativa possibilitou serem narradas pelas próprias jovens.

5. ESPAÇOS E NARRATIVAS

Manoel Fernandes de Sousa Neto logo no início de seu belíssimo artigo chamado “Os ventos do norte não movem moinhos” publicado no ano de 2008 expõe a pintura “The Geographer”⁸. Trata-se de uma obra datada de 1668-1669 do artista Johannes Vermeer:

A imagem que a tela enquadra é a de um homem cercado de objetos no interior de uma sala. A sala possui uma estante sobre a qual se vê um globo, uma mesa onde encontra-se aberto um grande livro, um pequeno compasso repousa à espera de uso. O homem olha para fora através de uma janela e é por essa janela que adentra a iluminação que se derrama sobre tudo aquilo que se encontra no

⁸ The Geographer, Johannes Vermeer, datada de 1668-1669. Imagem extraída do texto: “OS VENTOS DO NORTE NÃO MOVEM MOINHOS” de Manoel Fernandes de Sousa Neto – USP publicado em 2008 página 16. poesiamano@uol.com.br

interior da pequena sala. O que o Geógrafo olha está fora e não sabemos que paisagem sua visão encontra, mas o pintor parece dizer que mira-se o mundo e o mundo refletido na retina de quem olha se derrama com a luz do sol pelo diminuto ambiente de trabalho (Sousa Neto, 2008 p. 17).

Para Sousa Neto (2008) o quadro de Vermeer parece uma “metáfora em cores quentes” retratando o papel do geógrafo em sua busca de compreender a vastidão do mundo alastrado gigante do lado de fora contemplado pelo geógrafo de sua janela, que representa o que admirou “sempre de maneira muito limitada nos mapas, nos globos, nos atlas”. Tal limitação, se revela por meio do fato de que o espaço não é facilmente desvelado e nem algo natural e definitivo fornecido. O autor ressalta que para a melhor compreensão e retrato exige-se que se olhe a riqueza do espaço com suas simultaneidades e se suspenda a forma comum de “vê-lo como morto, fixo, petrificado, imóvel”. Apoiado nas palavras de Foucault e de Edward Soja, faz a advertência de que o espaço no âmbito da teoria social crítica necessitar ter “seu devido lugar e pensar a dialética não só a partir do tempo e da história, mas também do espaço com sua riqueza de processos simultâneos, paralelos, intercambiastes e mutáveis (p. 18).

Justamente por considerar fundamentais as riqueza de processos simultâneos, paralelos, intercambiastes dos bairros do município de São Paulo e do município de Goiânia e arredores, este capítulo tem como objetivo apresentar trechos das narrativas que compuseram o trabalho aqui construído com seus respectivos cenário geográficos. Os dados, ou melhor dito, as informações aqui contidas têm suas fontes na percepção que as jovens retrataram de si mesmas e dos espaços em que se inserem.

Cada jovem é diferente uma da outra, o que exigiu serem vistas em sua heterogeneidade as reconhecendo como atores sociais que manejam um determinado modo de ser jovem na sua negra pele em espaços geográficos também diferenciados, o que demandou firmar pé na concepção diferente daquela de juventude no singular, mas de juventudes no plural, assim como, rejeitar a concepção singular de periferia, mas entender que há pluralidades entre as periferias, exatamente porque as jovens representam um segmento da sociedade heterogêneo cuja a distinção também é fruto das distinções dos bairros selecionados.

Creio, portanto, que a melhor maneira de expor as informações que compuseram esta investigação se daria por meio da aproximação panorâmica e distinta dos cenários

geográfico que emolduram as narrativas das jovens negras deste lugares. Julgo que por essa maneira de organização: apresentação dos espaços geográficos em um primeiro momento e, logo em seguida expor alguns trechos das narrativas das jovens separados por subcapítulos com o nome de cada região pesquisada, se respeita as diferenças de sotaques, de biografias sem desconsiderar os espaços geográficos, onde tudo isso faz morada de forma dialética. Por meio desta dinâmica de apresentação descrita as jovens as informações serão melhores visualizadas, porque são diferentes periferias onde residem diferentes juventudes.

5.1. Cidade Tiradentes

Segundo Alves e col. (2010) o distrito de Cidade de Tiradentes: uma porção do extremo leste do município de São Paulo, é uma das representações dos processos de periferização e crescimento de áreas periurbanas na Região Metropolitana de São Paulo, cuja característica principal está na presença de grupos populacionais de baixa renda espalhadas em áreas sem infraestrutura urbana e expostos a risco e degradação ambiental. A dinâmica de dilatação de assentamentos precários em áreas de risco ambiental, como por exemplo, as margens do rio Tietê, córregos e localidades de altas declividades sujeitas a enchentes e deslizamentos onde se localiza o distrito de Cidade Tiradentes permite classifica-la como área de alta vulnerabilidade social.

Alves e col. (2010) afirmam que o distrito de Cidade Tiradentes fora planejado como um grande conjunto periférico tipo “bairro dormitório” com a finalidade de realocar população sem moradia de outros bairros do município de São Paulo, assim como, combater e diminuir o déficit habitacional. Com essas concepções acabou-se gerando, o que se considera atualmente, o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina.

Trata-se de um gigantesco complexo habitacional com cerca de 40 mil unidades habitacionais construídas, em sua esmagadora maioria, na década de 1980 por iniciativa da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab) em parceria com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) e com grandes construtoras privadas.

Tabela nº 1 Conjunto Habitacionais de interesse social da COHAB- SP, segundo localização, etapas das obras e tipo de unidade (1965-1999).⁹

Região	Distrito	Conjunto (Denominação Oficial)	Ano	Tipo de unidade	Total
Município de São Paulo Região Leste	Cidade Tiradentes			260 ap. ¹⁰	
		Prefeito Prestes Mia	1995/1980	1.000 ce	1.260
		Juscelino Kubitschek Oliveira	1979/1986	3.060 ap. 1.434 ce	4.994
		Santa Etelvina I/IV – A	1981/1986	3.760 ap. 1.395 ce	5.155
		Santa Etelvina IV – A	1981/1984	1.440 ap. 1.263 ce	2.703
		Santa Etelvina V – A	1982/1984	936 ap. 688 ce	1.624
		Castro Alves/Barro Branco I	1983/1986	960 ap. 1.224 ce	2.184
		Santa Etelvina III – A	1984/1986	2.080 ap.	2.080
		Inácio Monteiro	1986/1998	844 ap. 1.228 ce 261 lu	2.333
		Barro Branco II	1987/1998	660 ap. 865 ce 1.324 lu	2.849
		Sítio Conceição	1987/1989	576 ap. 502 ce	1.078
		Santa Etelvina II – A	1988/1992	7.024 ap. 417 ce	7.441
		Santa Etelvina II – B	1988/1992	2.480 ap.	2.480
		Santa Etelvina VII	1988/1995	5.088 ap. 154 ce 856 lu	6.098
		Jardim dos Ipês	1995/1998	600 ap.	600
					42.379

⁹ Tabela extraída tese de doutorado com o título A Construção da Habitação Popular no processo de acumulação capitalista no Brasil: O caso do Complexo Habitacional Cidade Tiradentes na periferia paulistana (1975-1998). Autor: Edimilson Peres Castilho apresentada na PUC-SP em 2015. Pagina 18

¹⁰ Legendas: ap. Apartamentos; ce – Casa/embrião e lu – lotes urbanos

A socióloga Ana Paula de Santana Correia (2014) é enfática em considerar que o terreno que sustenta a Cidade Tiradentes já fora em tempos passados uma região de fazenda escravocrata com senzalas e pelourinhos. Este espaço que reteve escravos no passado foi comprado na década de 1970 do século 20 pela prefeitura de São Paulo. Na década seguinte começa, então, a construção dos conjuntos residências que hoje somam a região. Correia (2014) afirma ainda, que o distrito comporta 55,7% de negros que começaram a chegar ali vindos dos bairros do Bixiga, Casa verde; bairro do Limão, Vila Prudente, Ipiranga, Vila Formosa e Jabaquara. O interessante, como ressalta a autora, é que esses dados ajudam reconstituir a história de resistência do povo negro em São Paulo por meio da cultura e da tradição do samba. Chama atenção para a memória de que tratam-se de bairros que foram berço das tradicionais escolas de samba paulistanas, tais como: Rosas de Ouro, Peruche, Camisa Verde e Branca e Vai-Vai.

Na composição das estatísticas lamentáveis e inaceitáveis estão a baixa escolarização, a falta de emprego, mas principalmente, a violência da região. Segundo Correia (2014) o homicídio é a principal causa de morte entre as mulheres de 15 a 29 anos considerando os índices de toda a cidade de São Paulo. Contudo, na cidade Tiradentes centra-se a maior taxa de homicídios dos corpos feminino do município paulistano.

Afastada da praça da Sé, marco zero da cidade de São Paulo, trinta e cinco quilômetros Cidade Tiradentes está entre os últimos distritos da Zona Leste com pouca oferta de trabalho formal o que expõem a população em um desgastante difícil de transpor que se compõem do deslocamento diário de mais ou menos de três horas expendido no percurso casa-trabalho-casa feito na sua maioria das vezes por ônibus, trem, metrô e van (Alves et al., 2010).

A travessia que liga o Capão Redondo à Cidade Tiradentes leva em média três horas e quinze minutos para ser feita. O deslocamento é concluído basicamente por trilhos. Do metrô Capão Redondo (linha Lilás Metrô) se chega na estação Santa Cruz (linha Azul do Metrô). De lá segue-se até a estação Luz da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), de onde segue o trem com destino à estação Estudantes. Na estação Guaianazes troca-se o trem pelo ônibus

parado na plataforma (A) de ônibus que fica parte superior da estação de trem de Guaianazes com destino ao terminal de ônibus da Cidade Tiradentes.

Longo quando se desembarca no terminal de ônibus já se tem noção da grandeza do bairro e que lá representa um mundo a ser descoberto. A praça do terminal de ônibus é dinâmico com vendedores ambulantes, passageiros em busca da melhor opção de transporte entre ônibus e vans, cachorros, muitos cachorro passando de um lado pro outro que na época do inverno estão vestidos com agasalhos que a população doam.

A praça está cheia de jovens e desempregados. Dandara Ambrósio, uma das jovens que fez parte da pesquisa ao caminhar comigo pelo bairro me disse que por haver um sistema de sinal de internet gratuito os jovens gostam da praça porque no local podem visitar suas redes sociais, além de estarem envolta de outros jovens possibilitando troca de ideias e alargar seus ciclos de amizades reais e virtuais. Para os desempregados é a chance de enviar ou preencher cadastros das empresas que disponibilizam suas vagas através da internet.

O terminal de ônibus está acoplado à praça e à principal via pública da Cidade Tiradentes. Preta, outra jovem da pesquisa me revelou o nome a tal avenida majestosa: avenida dos Metalúrgicos. Carina, também jovem da pesquisa, fez questão de me guiar em meio a uma infinidade de gente passando, por quase toda extensão da avenida dos Metalúrgicos, endereço do pelotão da polícia militar logo no início e depois vai se

enfileirando lojas, supermercados, o hospital, um a escola de saúde, uma escola de ensino fundamental e médio da rede pública estadual, um pronto-socorro e também um centro cultural Arte em Construção. As ruazinhas com suas gente simples, vielas e lojinhas feitas em garagens uma quarta jovem me fez conhecer e duas delas me apresentaram o centro cultural Arte em Construção por dentro e em atividades teatrais.

Roberta tem 17 anos de idade. Gosta muito de estar entre seus familiares e muitos amigos. Não terminou o ensino médio e não sabe quando vai voltar estudar porque tem pretensões de cursar manicure ali mesmo no bairro e não pretende parar de ajudar sua mãe nas vendas diárias de lanches em um dos espaços públicos da Cidade Tiradentes. É filha do meio de um casal formado por uma mulher negra retinta com um homem “branquelo” nas palavras de Roberta.

Tem um irmão de vinte e três anos, um irmão de doze anos, outro irmão de nove anos e uma irmã de seis anos. Na verdade, seu irmão mais velho não é filho biológico de sua mãe com seu pai como os outros irmãos. Segundo as narrativas de Roberta, sua mãe quando se uniu com seu pai já tinha tido esse filho de um relacionamento anterior. Disse amar seu pai e que não se dá muito bem com a mãe. No entanto, tem feito muito esforço para se aproximar da genitora e, por isso que considera importante não deixar de ajudar a mãe no trabalho dela.

Ama o pai, mas confessa ter muita dificuldade com ele porque, embora seja casado muitos anos com sua mãe: uma mulher negra retinta é homofóbico e racista. O pai não gosta e não deixa seus amigos homossexuais frequentarem sua casa e implica com seus namorados negros.

Carlos Eduardo: *Como é ser jovem negra?*

Roberta: *Eu vejo meio complicado. Porque eu sou meio moreninha né? Quando eu penso em me envolver com alguém mais moreno que eu, meu pai tem lá a intriga dele. Ele diz: vai ficar lá com aquele “neguinho” e tudo mais. Então, eu digo não importa a cor da pele pai. O que importa é ele me fazer feliz e eu fazer ele feliz, certo? Porque minha mãe, ela é morena. Ela (mãe) falou que jamais iria se casar com um branquelo e meu pai é branquelo. Eu falei para ela que de tanto a senhora falar acabou pagando com a própria língua.*

Carlos Eduardo: *Então sua mãe é casada com uma pessoa mais branca que ela? Ele é casado com uma pessoa negra e tem problemas de aceitar você se relacionar com uma pessoa negra também?*

Roberta: *Da última vez que eu fiquei com um menino mais moreninho, porque eu não sou de ficar sem falar com meu pai e fiquei duas semanas sem falar com ele. Eu achei muito difícil ficar sem falar com ele. Aí ele ficou mandando indireta: “vai lá ficar com seu neguinho”. E aí minha mãe fica falando deixa ele para lá. Não rebate. Não retruca para não ficar pior.*

Na época da pesquisa Roberta estava namorando com um jovem branco de vinte e cinco anos que controlava suas amizades masculinas, os lugares que devia frequentar, mas o que mais incomodava a jovem é que o namorara também estava restringido suas roupas.

Roberta: *meu relacionamento está meio fica e não fica sério. Porque ele (namorado) me conheceu de um jeito e está querendo mudar tudo em mim. É uma coisa que eu não gosto!*

Carlos Eduardo: *O que ele está querendo mudar?*

Roberta: *Eu saí no sábado com ele. Ninguém vira para falar isso para mim não. Tipo ele falou: “Roberta veste uma calça”. Eu perguntei. Por que? Ele respondeu. “Ah! Porque você vai de shorts? Eu respondi. Tá bom! Então, vesti a calça. Cheguei à noite lá na festa e estava muito calor. Tinha uma par¹¹ de gente de shorts. Ai eu falei com raiva com ele sobre isso. Eu não acreditei que eu fiz isso. Se eu for sair para algum lugar veste uma calça não usa shorts, usa só dentro de casa. Ai juntou ele e minha mãe. Ela também quer que eu mude de visual.*

Quando comecei as entrevistas com Maria ela havia acabado de fazer dezoito anos.

Carlos Eduardo: *Nome bonito. Minha mãe e tias, todas se chamavam Maria. Mas porque Maria?*

¹¹ Uma expressão entre os jovens que significa muito ou muitas.

Maria: Porque acho que toda mulher, tipo batalhadora, que sofreu, tipo assim, chama Maria. Aí eu escolhi esse nome.

Maria nasceu na cidade de Santo André no A. B. C. D paulista. Mora na Cidade Tiradentes por volta de dois anos em um apartamento da COHAB, mas seus pais pagam aluguel. Tem dois irmãos mais novos. Pretende um dia deixar de morar no bairro, mesmo gostando muito do lugar. Quer sair porque acha que a Cidade Tiradentes não oferece muitas oportunidades. Acha que tudo fica muito longe, inclusive os postos de trabalhos. Seu sonho para o futuro é fazer intercâmbio no Canadá. Na tentativa de conseguir viajar para o Canadá frequenta feiras de intercâmbio e fez inglês. Disse que está enfrentando muitas dificuldade porque as pessoas a sua volta não a incentivam. Sempre, segundo Maria, as pessoas dizem para ela está sonhando muito alto e, que é difícil estudar no exterior.

Maria diz não sei portar com que dizem para ela em relação ao Canadá porque vai se esforçar para chegar lá um dia. Gosta muito de computadores, de estar conectada, de assistir vídeo pela internet. Fez curso na área de informática e adora tentar arrumar celulares que param de funcionar. Em suas narrativas ela relata que sua infância fora muito feliz. Mas, confessa ter apanhado muito de seu pai para aprender as lições que era dadas na escola.

Segundo, Maria não terminou o ensino fundamental, por isso não sabia como ajudá-la nas tarefas escolares, mas não admitia que Maria e seus irmãos voltassem para casa depois da escola sem terem aprendido ou com dúvidas, então todas as vezes que voltavam para casa sem saber realizar as tarefas de casa seu pais dava-lhes uma surra porque confundia o fato de não saberem com preguiça. Desse modo, ele batia nela e nos seus irmãos porque achava inconcebível alguém ir para a escola e não aprender a lição. Mas não foram só as surras do pais que fez Maria considerar os primeiros anos na escola como muito traumático. Responsabiliza a escola por ser introspectiva hoje. Ela relata com lágrimas um episódio de racismo na quarta série do ensino fundamental.

Maria: Eu já apanhei muito para aprender a ler, pra aprender fazer matemática, porque ele (pai) não sabia como ensinar a gente, e ele achava que se a gente ia pra escola agente tinha a obrigação de aprender tudo que passavam pra gente. Aí quando chegava em casa ele pedia pra gente ler alguma coisa e a gente não conseguia. Então, a gente apanhava até aprender, eu aprendi muita

coisa assim. Na quarta série eu era a única menina negra da sala. A professora sempre me privava de fazer tudo. Tinha um menino na sala que era bem branquinho. Uma vez a gente ia dançar na festa junina. Aí ele falou que só ia dançar se fosse comigo. Ela (professora) falou que não ia dançar com ele porque eu era feia pra dançar com ele e ficava falando coisas pra mim sabe?

Carlos Eduardo: *A professora falou isso? Mas ele não queria dançar com você?*

Maria: *Sim, ele queria dançar comigo. Só que ela não queria deixar. Aí ela falava pra mim que eu não ia participar da festa junina. Ela dizia que ia ter teatro na escola, mas eu não podia participar porque nenhuma princesa que existe era parecida comigo. E ela sempre falava essas coisas e machucavam. Aí eu aprendi a não ligar, apesar de doer, eu fingia que nada estava acontecendo. Aí ela me reprovou no quarto ano e falou para minha mãe que eu falava muito porque eu era amiga de todo mundo da sala. Eu conversava. Eu gosto de conversar. Ela falou para minha mãe que eu falava muito e que não dava pra ela me passar de série e, que ela ia me deixar. Aí minha mãe disse que já tinha comprado o vestido de formatura, mas ela disse não, ela não vai fazer nada. E ela não deixava eu participar de nada. Tudo que acontecia ela falava não, você não vai participar.*

Continua Maria:

Eu tinha medo de ir na escola. Eu tinha medo de expor a minha opinião. Porque eu achava que tudo que eu ia falar estava errado: ela tinha me ensinado assim. Ela me ensinou que eu não tinha nada a acrescentar. Que eu era feia. Que eu era diferente e, que o diferente era ruim. Acabei me fechando muito por isso. Aí depois na adolescência eu fui estudar fora do bairro, né? Fui estudar em Itaquera. Então, conheci várias pessoas parecidas comigo e que tinham uma boa auto estima. Tipo, tinham coisas boas para acrescentar. Aí eu parei para pensar, ah! Posso ser assim também, né? Aí conheci umas meninas que me ajudavam, que ficavam falando toda hora que eu era bonita sim. Que meu cabelo era bonito, e que eu tinha que falar sim sem me preocupar, porque eu falava coisas que interessava. Mas foi só assim, pra mim, sabe? Pra eu ir me liberando, porque eu tinha muita vergonha.

Preta chegou ainda criança na Cidade Tiradentes. Filha de pai nigeriano e mãe mineira. Seus pais se conheceram e se casaram na Cidade de Franca no interior do Estado de São Paulo. Ainda em Franca tiveram três filhos sendo que Preta é a mais velha. Quando Preta completou sete anos a família se mudou para um outro bairro a Zona Leste e depois chegaram na Cidade Tiradentes.

Preta estava com 24 anos quando iniciamos nossas entrevistas. Se considerava muito tímida. É muito apegada ao nome seu pai lhe deu por isso relutou um pouco em ser chamada de outra maneira. Mas depois que reexpliquei os motivos de não usarmos seu nome verdadeiro por questões de ética, ela então, concordou em se dar um apelido, mas não mudar de nome. Narrou que adora morar na Cidade Tiradentes, porque no seu entender, ali não falta nada. Ser mulher negra no bairro para ela é viver uma história comum entre as jovens com a mesma idade que moram no bairro.

Preta: Olha ser mulher negra aqui, eu vou falar pra você que acaba sendo comum porque são muitas mulheres com a mesma situação que a minha, sem trabalho, sem escolaridade, mas com filhos. Por isso eu acabo identificando com muitas jovens daqui principalmente por causa do mercado de trabalho, porque você morar na Cidade Tiradentes, você está muito longe. Você acaba não conseguindo progredir pelo fato da pouca escolaridade, por ter filhos e tudo isso. Você vai procurar um emprego no centro, sei lá, longe daqui, quando ficam sabendo que você mora na Cidade Tiradentes, pronto, não te aceitam porque é muito longe.

Preta avalia que as jovens do seu bairro deixam cedo a escola. Perguntada sobre os porquês das jovens deixarem cedo a escola, Preta respondeu que acha que é porque as jovens costumam, como no caso dela, engravidarem aos 14, 15, 16 anos. Se sente arrependida por ter estudado pouco. Acredita que o fato de passar humilhações e não conseguir emprego é porque não estudou. Deixou os estudos no segundo ano do ensino médio, então planeja fazer supletivo para realizar o sonho de fazer faculdade. Quer fazer faculdade de enfermagem ou de psicologia.

Preta: Não ficam na escola justamente, eu acredito, por causa de engravidar na faixa dos 15 anos, dos 16 anos. Muitas já são mães ainda criança o que acaba afastando elas da escola. Diante da gravidez, de ter filhos a escola fica por último plano. Diferente, eu acho, da maioria das meninas daqui, eu paraí de estudar cedo, não porque fui impedida. Nunca foi impedida de estudar. Minha

mãe nunca existiu nada. Nunca me forçou à cuidar dos meus irmãos mais novos. Mesmo com o incentivo de minha mãe eu sei lá Carlos, não sei o que me acontecia, sei lá o que me dava, mas eu não me sentia com motivação para ir pra escola. A escola não me motivava, então, muito cedo cai no mundão com as outras meninas. Nossa eu fiz tanta coisa Carlos. Vige eu dei muito trabalho por ai. Fui mãe a primeira vez aos 17 anos e a segunda aos 20 anos, mas aos 13 já tinha abandonado escola.

Com duas filhas que seguia criando sem qualquer apoio dos pais delas, uma de sete e outra quatro anos segue, Preta se declarava muito preocupada por não ter emprego. Embora, se sentia amada no seio familiar trazia consigo certa ansiedade para arrumar uma ocupação remunerada, porque com isso, poderia alugar uma casa em busca de ter privacidade e poder dar mais espaço para suas filhas, já que dividia um pequeno quarto na casa de sua mãe com as filhas e uma irmã.

Não se julga feminista, mas entende que filhos atrasa ou impede o desenvolvimento profissional da mulher periférica, no entanto, em seu depoimento narrou que o fato de ter sido mãe em tenra idade, se por um lado trouxe limitações, por outro lado considera que a gravidez a salvou de uma vida inconsequente. Suas filhas foram a razão para se sentir potente e importante para alguém.

Preta: Na periferia a gravidez impede as mulheres de seguir suas carreiras. Quando eu ainda.... sabe? Antes de eu ter minhas filhas, eu só pensava em me divertir, em passear. Então, foram elas que me salvaram. Elas me deram um foco, Talvez...não. Eu tenho certeza que se eu não tivesse elas eu estaria aí nas drogas, na vida louca, até mesmo na prostituição, quem sabe? Olha Carlos eu te digo, meu, que antes delas eu fiz muita coisa errada. Muita coisa mesmo viu? Minha mãe vive me dizendo que minhas filhas, elas se parecem comigo até no gênio. (Risos). Eu reclamo as vezes, mas na verdade eu tenho certeza que se não tivesse elas eu estaria pior. Me mudaram muito. Então, eu penso no futuro delas e é claro que no meu também né? Eu penso na nossa felicidade, na minha felicidade porque se a gente não for feliz não tem como fazer o outro feliz. É o que penso.

Considera sua infância a melhor fase de sua vida, pois seu pai ainda estava vivo. Seu pai era um homem muito cuidador e presente na sua vida. No encontro da linha do

tempo ela trouxe várias fotos dela menina ao lado do Pai. As fotos de um dia de churrasco era que Preta mais mostrava carinho. Disse que seu pai falava muito na Nigéria e que um dia iria levá-la para conhecer o país, seus tios e sua avó.

Preta: Eu pareço com minha mãe, mas com a cor de meu pai. Eu sempre fui muito apegada a meu pai. Ele me faz muita falta. Meu pai morreu eu tinha 12 anos. Deixa eu ver aqui....hum já faz 8 anos que eu perdi meu pai. Ele contava sobre a Nigéria. Ele falava sobre os meus avós, tios e que tinha uma lá na Nigéria. Eu queria que a gente conhecesse minha vó, mas ela também já faleceu infelizmente. Foi sem eu conhecer.

Segurando a foto do pai na churrasqueira com ela do lado em um vestidinho azul com detalhes branco Preta se recente da morte do pai e lembra que ele costumava ensinar e cozinhar as comidas típicas do seu povoado na Nigéria, que ensinou sobre a cultura e, que só não ensinou: “a gente a falar idioma”.

Preta até nosso último encontro não havia arrumado emprego, mas estava esperançosa porque tinha terminado um curso de controladora de acesso. Estava também muito orgulhosa de sua irmã de 18 anos que passara no vestibular de uma faculdade. Quer retomar a vida afetiva e encontrar um bom companheiro, mas tem receios porque tem duas filhas que estão crescendo o que dificulta a ideia de voltar a se relacionar com alguém porque tem medo de que molestem suas filhas.

Preta: Eu gostaria de construir uma família, de viver em paz em uma casinha que fosse minha e das minhas filhas. Mas eu tenho um pouco de medo, uma preocupação com a relação amorosa porque hoje em dia é muito complicado isso. Tem acontecido muita coisa ruim sabe? Então, eu fico preocupada com minhas duas filhas se eu me casar porque tenho que alguém fazer mal para elas entendeu? Eu quero uma casa. Eu espero conseguir alguém pra minha vida.

Luciana tinha 29 anos no momento das nossa conversas. As entrevistas eram sempre muito dinâmicas marcadas por bom humor e risos. Morava na cidade Tiradentes desde que deu seu primeiro suspiro de vida. Era mãe de três meninos sendo que o mais velho estava com 10 anos, o filho do meio completara 5 anos e o caçula tinha 1 ano e meio de vida. Narrou que depois que teve seus filhos o corre-corre da vida fez esquecer de quem ela foi e pouco refletir como será mais para frente na sua vida. No início do curso

de pedagogia já tinha dois filhos e no final da graduação ficou gravada pela terceira vez. O genitor do seu último filho desapareceu quando Luciana ainda estava grávida e nunca mais voltou sequer para conhecer o bebê. No sentido de poder voltar às suas experiências relatou que a pesquisa foi bom, porque as narrativas haviam surtido em um efeito bom de possibilitar que recordasse e até voltasse a vontade de repor antigos planos de vida na ordem do dia.

Luciana: voltado as pergunta de como eu me sinto em relação a ser negra, eu vejo que após ser mãe a gente se esquece de como a gente era e os nossos sonhos, desejos, porque a gente vive em função do filho. De buscar filho na escola, tem que levar pra passear, tem que buscar no curso. Então, a sua preocupação e a sua atenção é o bem estar da criança. Eu me esqueci de como eu era antes né? Às vezes eu tento resgatar dentro de mim aquela Luciana, cheia de vigor, cheia de sonhos, cheia de projetos, e eu não consigo porque eles (filhos) me ocupam. São três meninos. São a paixão da minha vida, mas eles me tomam todo o tempo. Eu consegui concluir a minha faculdade. Lembro que comecei com dois (filhos) e, no finalzinho ainda arrumei mais um filho. Pensei em desistir, mas minha mãe falou, não. Ela disse: “seu marido foi embora, o que vai te garantir são seus estudos, você vai continuar”. Então assim, ela (mãe) me ajudou. Eu tive uma cuidadora dos meus filhos que me ajudou também. Até sair daqui às quatro horas da manhã deixar os meninos nessa cuidadora e pegar eles às dez horas, onze horas da noite, porque do trabalho já ia direto pra faculdade. Essa foi a minha rotina durante os quatro anos de faculdade aí no finalzinho faltando um ano e meio pra terminar a faculdade, engravidei, o cara foi embora, não conhece a criança até hoje, mas conclui a faculdade com três não parei. Estou exercendo minha profissão, ainda não estou ganhando o que eu gostaria, mas início de carreira assim mesmo mas, falar pra você que eu sou a mesma de antes não. Assim, está sendo bom este momento dessa pesquisa, de poder voltar nessas histórias sabe? Então pra mim eu me sinto honrada de participar deste projeto. Saber que minha história vai ser escrita em algum lugar é importante. Porque às vezes a força que eu tive, a garra que eu tenho, outras meninas pode não ter entendeu? Porque você vai ouvir muitas histórias e dentre elas você vai ouvir a história de meninas que não continuaram, que não tiveram apoio. Entraram num mundinho, num ciclo vicioso e não conseguiram sair. É então, muito bacana saber

que a minha história vai ser escrita e divulgada em algum lugar. Então, assim, pra mim é uma honra participar desse projeto. Eu não tenho vergonha de abrir a minha vida, de falar, Eu não tenho vergonha. Minha mãe sabe da minha vida e meu pastor também sabe e não me julga, me aceita me abraça.

Um dos projetos que votou a pensar foi o de fazer uma tatuagem que representassem fazer uma tatuagem de três menininhos representando os filhos e entre na academia de ginástica. Seus pais são separados e a separação deles foi um momento difícil para Lucina, mas já está superado ao ponto de visitar seu pai e seu irmão de 9 anos na cidade de Santos no litoral paulista e receber em sua casa a nova mulher do pai. Reclamou do serviço da saúde da Cidade Tiradentes. No seu depoimento o atendimento nos postos de saúde e no hospital local é muito seco no lugar de serem espaços mais acolhedor. São lugares que as mulheres levam seus antes, são lugares predominantemente frequentado por mulheres que revelam a estrutura social mais amplas de como as mulheres pobres estão inseridas. Outras questões de dificuldades para as mulheres são a distância entre a Cidade Tiradentes e o centro de São Paulo e o machismo transfigurado de ciúmes extremos.

Luciana: A gente fica mais nos grandes centros do que no bairro. É uma loucura. SPTV¹² agora está mostrando. Agora Guaianases existe pra Rede Globo. Sempre tem um repórter filmando o horário de pico. Quando eu saía às quatro horas da manhã para ir pro trabalho era um contra fluxo também. Então, não ia tão lotado, mas, se eu perdia a hora, ter que pegar o trem as sete horas da manhã, meu Deus do céu, já era o castigo por sair atrasada e viajar esmagada! Agora sou formada em pedagogia e estou trabalhando como professora de reforço num instituto perto da minha casa. Está perto de casa me favorece muito, porque antes eu tinha que ir pro centro e sair daqui às quatro horas da manhã pra tá às sete horas no serviço, agora eu já tenho, eu digo assim esse bônus, trabalhar a trinta minutos da minha casa, conseguir pegar meus filhos na escola, conseguir estar mais tempo com eles. Não deixa de ser uma correria, uma loucura. Quando você disse em acompanhar nossa rotina, segura! Vem mas tem que ter fôlego. (Risos).

¹² Programa jornalístico da Rede Globo de televisão transmitido através do sinal de televisão aberto sob concessão do governo brasileiro à emissoras privadas.

Narrou que embora, não tenha ninguém em vista, gostaria de se relacionar novamente com alguém mas tem medo. Disse que pensa muito no pai do seu segundo filho, mas ainda que da parte dele haja constantes manifestações do desejo de que voltem a conviver juntos, inclusive por trabalhar na construção civil tenha construindo uma casa dos sonhos, Lucina não pretende reatar esse relacionamento porque sofreu muito com o ciúmes e o machismo do seu ex-companheiro.

Luciana: eu me separei do pai do meu filho do meio porque ele era extremamente ciumento. Às vezes eu penso nessa possibilidade de voltar com ele porque é um cara, assim que me fez muito bem quando estávamos juntos, mas também me fez muito mal quando nos separamos. Eu penso muito nele ainda. Às vezes naqueles momentos de carência eu penso muito nele, mas não penso em reconciliar nosso casamento porque ele é uma pessoa muito ciumenta. Tipo de homem extremamente ciumento. Não aquele ciumento normal, que às vezes é até bom, mas o ciúmes dele é muito exagerado. É o tipo daquela pessoa que acha que é dono da outra sabe? Que tem ciúmes até da sombra. Se ele pudesse me deixaria só dentro de casa sem contato com qualquer outra pessoa. A gente terminou por uma interpretação errada dele. Por causa dessa ciumenta da pessoa. Ele fica cego. Acredita em qualquer coisa que vem na sua mente como se fosse uma verdade absoluta. Na mente da pessoa ele foi traído, ele foi enganado, passado para trás e acabou. Vivemos por anos juntos. Quando a gente se separou eu estava grávida de sete meses e eu assim mesmo voltei pra casa da minha mãe grávida e ele voltou pra casa dos pais dele. Mesmo que nós tínhamos comprado um terreno, já estávamos construindo a casa, ficou tudo para trás. Foi uma perda assim grande. Perdemos muito dinheiro. Tenho certeza que não dá porque nesse tempo que estamos separados a gente até teve umas idas e vindas, mas na primeira oportunidade ele mostrou quem era, que não havia mudado. Na mente ele cria um monte de situações. Uma vez eu fui ao banco lá em Itaquera. Até hoje eu não esqueço disso porque eu fiquei horrorizada. Então, eu fui ao banco e a agência fechou só que tinha os caixas vinte quatro horas, mas como tem aqueles vidros transparentes eu vi que se corresse daria para ter acesso aos caixas do banco. O segurança estava do lado de dentro da agência e eu entrei na aquela porta giratória pra usar aqueles caixinhas. Então o segurança olhou para mim. Na hora que eu entrei no banco eu estava de costas. Então, ele (ex-marido) pensou

eu estava conversando com o segurança. Eu só entrei na agência pra usar o caixa. Quando eu sair do banco ele (ex-marido) me segurou no braço forte e disse você estava conversando com seu amante né? Você estava rindo pro seu amante? Sei lá o que, sei lá o que. Começou a falar um monte de coisas, de absurdos. Eu respondi que eu nunca tinha visto aquele homem na minha vida. Que nem tinha visto que ele havia olhado pra mim. Então, ele (ex-marido) disse: ele olhou sim pra você e você olhou pra ele e os dois sorriram um para o outro que eu vi. Eu vi tudo! Ah eu falei. Meu Deus do céu não tem jeito mesmo. Não ter condições. Isso é pra você ver o nível.

A forma que Luciana elaborar suas dificuldades é estar envolvida com inúmeras coisas, como nos coletivos ligados à sua igreja.

Luciana: Eu sou muito proativa. Gosto de estar envolvida com projetos com coletivos como é o grupo de mulheres. Estar envolvida com a banda, porque eu canto na banda. Tem os eventos na igreja que é o Black gospel, que se reúne uma vez por mês. Eu ajudo nos afazeres para os eventos acontecerem. Escolhi uma igreja que..., que tem as minhas preferências, eu gosto muito de Samba e lá tocar Samba, eu gosto muito de rap lá toca rap, e lá tem um coletivo de mulheres que eu me encontro ali. É o momento que eu falo, agora eu não sou mãe agora sou. Eu até falo pros meninos: “agora o meu momento”. Então, eu discuto questões do meu dia-a-dia com mulheres que tem a mesma vivência, experiência. Lá tem várias formações. Então, eu digo que é o meu momento Luciana. Não sou mãe nesse momento. Agora sou eu. Um pouco assim pra não deixar as minhas vontades sumir, porque some mesmo. Some. Quando eu estou nessa roda eu meio que me encontro naquela Luciana do passado e vai dando aquele gostinho de liberdade, aquela independência né?

Dandara Ambrósio tinha 25 anos na época das entrevista. Com o nome duplo que ela escolheu, ela queria prestar uma homenagem para duas mulheres que ela admirava muito.

Diz ela: Dandara é o nome da mulher guerreira que foi a esposa de Zumbi. E eu acho esse nome muito forte. Eu gosto muito desse nome. Ambrósio por conta da minha avó. Eu não tenho Ambrósio no meu nome e eu acho tão forte sabe? Eu gosto desse nome! Eu sempre falava que de

alguma forma eu iria homenagear minha vó. Porque para mim ela é um símbolo também de representação ser mulher negra lutadora.

Dandara Ambrósio chegou à Cidade Tiradentes vinda do Bairro paulistano da Freguesia do Ó localizado na Zona Oeste. Disse que participar da pesquisa foi uma excelente oportunidade de refletir e relembrar de muitas questões e de muitas mudanças que ocorreram ao longo dos seus vinte e cinco anos. Muito humorada, sorrindo o tempo todo, ela relembra que a cinco ou dez anos antes de nossa conversas não se via como uma criança negra que sofria preconceitos raciais na escola e na vida. Por isso, a questão do seu auto reconhecimento como mulher negra é recente e deve-se muito ao espaço teatral.

Dandara Ambrósio: Aí eu chego nessa questão de me reconhecer mulher dentro do espaço de fazer teatro. Eu começo a fazer teatro com 15 anos de idade. Eu acho engraçado que meu pai obrigou a gente fazer teatro. Sempre que eu vou fazer alguma coisa, eu sempre falo eu fui obrigada a fazer teatro. Meu pai obrigou! (Risos). Porque, né? Na nossa criação meu pai sempre falou que a televisão, a mídia é uma bosta. Ele vivia falando que a gente nunca deveria ser influenciados pela mídia. Então ele falava: “eu tenho que ocupar vocês alguma coisa. Na época eu fazia escoteiro né? Aí surgiu o teatro. Ele colocou a gente para fazer teatro e eu digo, desculpa o termo, que ele se ferrou. (Risos). Porque ele colocou os três; eu sou a mais velha, tenho mais dois irmãos. Eu e meu irmão do meio gostamos muito de fazer teatro. Estou no teatro até hoje. Dentro do espaço teatral comecei me reconhecer como mulher e como mulher negra.

Dandara Ambrósio repetiu várias vezes que gosta muito da Cidade Tiradentes porque ela sente muito representada ali. Isto porque o bairro é formado, segundo ela, em sua maioria por negros e nordestinos, além de uma população muito grande de jovens como ela que na sua visão é bem mais empoderada que a geração de seu pai, ainda que reconhece no genitor um traço importante na luta pelo reconhecimento negro.

Outro ponto positivo que ela vê, são os espaços culturais, os Centros de Formações, os coletivos que já estão atuando no bairro por volta de trinta anos, assim como, o movimento hip hop que trabalham com a literatura marginal, que privilegia os textos clássicos de autores negros, e autores da atualidade periférica que escrevem sobre as questões dos negros. No entanto, lembra que nem sempre o bairro fora assim. Ela

lembra com muito um episódio de violência que marcou sua infância. Talvez tenha sido esta parte das suas narrativas que seu sorriso se despede.

Dandara Ambrósio: Lá na rua que a gente morava era perigoso. Tinha a boca e o chefão do tráfico morava lá perto. Então, a minha rua por muito tempo foi um lugar que morria muita gente. Lá perto e sempre um homem morria. Sempre tinha confronto lá, tanto com a polícia, quanto com o pessoal do tráfico lá. E era sempre isso, eu tenho muita lembrança disso. Um dia à noite e meu pai não tinha chegado do trabalho. Era umas nove horas da noite e começou um tiroteio, minha mãe mandou a gente se abaixar e era um tiroteio que ficou rolando por quase uma hora. Depois, eu não lembro. A gente foi dormir e meu pai chegou depois. Quando foi no dia seguinte, eu lembro que a gente ia acordar seis horas da manhã para ir pra escola. A gente saiu na rua e via um movimento assim, porque tinha acabado de matar um cara, que não era meu vizinho nem nada. A polícia tinha acabado de matar. Tava lá num confronto com a polícia e aí ele morreu bem na porta do meu vizinho. A imagem era um corpo no chão que ficou com lençol em cima e o sangue passando assim no chão. Tinha um monte de gente vendo. A gente que era criança passando olhando o corpo e as mães falavam assim: “não olha, não olha”! Eu me lembro da gente voltando da escola e tinham acabado de tirar o corpo, mas tinha lá a marca do sangue ainda lá.

Dandara Ambrósio disse que ainda cenas como estas que o jovem negro aparece morto ainda acontece na Cidade Tridentes, mas que diminuiu.

Por sua vez, nas narrativas de Carina a escolha desse nome foi em decorrência de ter esquecido o nome lindo que ela havia pensado no primeiro dia que conversamos sobre a pesquisa reunidos em grupo.

Carina tem 22 anos. Nasceu na Cidade Tiradentes, mas por questões financeiras e de adaptações dos pais migrantes dos nordeste teve que viver entre os cinco aos oito anos no Estado de Pernambuco na casa de sua avó por um tempo e na casa da tia, ambas da parte materna. Narrou que sempre teve medo de crescer porque sempre soube que o crescimento traria sofrimento. Nas próprias palavras dela: “sempre soube que crescer seria horrível”. Não tem sonhos. Nunca teve ídolos a vida toda. Embora tenha estudado por um ano História em uma universidade particular, que não concluiu porque perdeu a

bolsa por reprovação em algumas disciplinas, nunca havia sonhado em fazer faculdade ou coisa parecida.

Carina: Eu comecei a vender cosméticos de revista. E aí eu comecei a vender Natura e a Hinode, sabe? Eles oferecem umas formações e tal. Eles falaram pra fazer um quadro dos sonhos. Era um quadro dos sonhos pra você por seu nome e pra você colocar seus sonhos. Aí eu estava pensando. Eu até comentei com algumas pessoas: “mano, eu não sei qual é meu sonho eu já falei do meu sonho pra você”?

Eu estava pensando eu nunca tive sonho assim. Eu estava pensando gente nunca tive sonho. Nunca tive um sonho assim. Nunca idolatrei ninguém. Eu nunca fui fã de nada. Nunca! Nunca teve aquelas coisas de criança, de adolescente né? Ter um cantor que amava. Eu nunca tive isso sabe? “Eu amo esse desenho, eu amo esse cantor, coisas preferidas”. Até tem muitos desses questionários no Facebook. Eu não tenho nada preferido. Eu nunca idolatrei nada. Também eu nunca sonhei. Quanto a questão de faculdade? Eu nunca pensei em coisa de faculdade. Então, eu comecei a pensar agora, na verdade, não agora, comecei pensar faz alguns anos, mas bem recente. E tem jovens que já pensam há muito tempo né? Eu nunca pensei nisso eu nunca pensei ter família também. Talvez um filho, mas tenho medo da dor. Deve doer muito. Eu sempre quis ser criança a vida toda, por isso que sou menina ainda e para sempre porque eu sempre soube que crescer seria horrível.

Carina apesar da resistência em se tornar adulta, pode-se considerar que sua rotina não é de uma criança. Por muito tempo foi cuidadora do seu irmão que hoje tem 12 anos de idade para sua mãe trabalhar fora de casa. Conta que por muitas vezes teve que levar seu irmão para o trabalho. Ela trabalhava em um quiosque de camisetas temáticas no centro de um grande shopping da Zona leste. Como os proprietários nunca apareciam e a gerente era uma amiga de infância, Carina conseguia levar o irmão pequeno com cinco ou seis anos de idade para seu trabalho. Quando o menino adormecia ela o colocava para dormir escondidinho no chão da lojinha envolto em um cobertor.

Ama sua mãe. Aliás, sua mãe é seu único ídolo de todas as épocas. Narrou que quer ser igual a mãe na coragem e na força, mas não na submissão e nem na forma que aguenta as agressões que seu pai lhe investe. Relatou em prantos que uns dias antes da

nossa última conversa, na conversa de encerramento das atividades da pesquisa, disse que estava muito mal porque ouvira seus pais discutindo e que a discussão por muito pouco não chegara à agressão física. Mas não foi a discussão que deixava Carina se sentindo triste e revoltada.

Contou que estava com muita raiva do pai. Segundo Carina ela se escondeu enquanto os pais discutiam para tentar ajudar sua mãe caso seu pai tentasse agredi-la. Sem que soubesse que Carina estava em algum lugar da casa e no calor da discussão sua mãe relembra ao marido que este havia lhe rasgado em trapos seu vestido e forçado o sexo com ela que ficaram muda até que se saciasse porque não queria gritar para não acordar seus filhos e que se ela não cuidar deles e de não engravidar eles morreriam de fome por ele não estava nem aí. Por causa de cenas como estas no passado Carina havia saído de casa para morar no quintal de uma amiga porque pensou que se saísse de casa sua mãe a seguiria com seu irmão, mas voltou porque chegou à conclusão que sua mãe não sairia de casa e que sozinha ficava mais vulnerável à violências doméstica.

Carina: E eu moro com minha mãe. Atualmente eu moro com meu pai, com minha mãe com meu irmão. Teve uma época que eu já morei num quintal de uma amiga também durante dois anos porque eu queria... queria ajudar minha mãe. E nesse tempo que eu saí de casa foi porque eu queria que minha mãe saísse de casa por causa do meu pai. A gente morava numa casa e mudou para outra agora. O meu pai sempre foi muito violento. Meu pai bebe né? Ele bebia muito. Aí ele sempre foi esse cara que chegava em casa bêbado. Essa casa que a gente mudou agora ele tem um bar. Agora eu fico: “como que pode uma pessoa que bebe pode ter um bar”? Na verdade, a gente comprou uma casa que tinha um bar. O bar ficava embaixo e a gente morava em cima. Tinha uma cara que morava embaixo no bar. Só que esse cara que morava no bar, ele era dono do bar, ele era alcoólatra. Ele usava também droga e também guardava droga lá dentro. Tipo a gente morava em cima, então as vezes gente chegava em casa, até a pouco tempo, mesmo agora que meu pai pegou o bar acontece isso também, de chegar em casa e ter várias pessoas bêbadas. Às vezes os caras vinha falar com a gente e ter pó no nariz dele. Ter pino no chão. Ter pino na escada.

Carlos Eduardo: Pino? O que que é pino? Pino? Eu não sei o que que é?

Carina: Pino é...Pino é o que tem o pó dentro

Carlos Eduardo: *Ah, tipo uma cápsula onde coloca o pó dentro?*

Carina: *É! Vários pinos. Tipo vários não. À vezes tem um ou dois, mas só de ter um eu já fico assim. Mano o que está acontecendo nesta casa? E meu pai também ficava incomodado com o cara lá. Então eles brigavam e tal. E aí ele (pai) pegou e chamou um outro cara, que é tipo o mandante lá da rua pra tirar o “Magrão” de lá de dentro do bar. Ah eu posso ficar contando qualquer coisa assim da minha vida?*

Carlos Eduardo: *Pode, pode. Pode sim. Se você não se sentir incomodada em me contar.*

Carina: *É que eu fico pensando: uai, será que eu tenho que falar alguma coisa assim específica. E... hum...o que eu estava falando mesmo?*

Carlos Eduardo: *seu pai chamou um cara para tirar ele (Magrão).*

Carina: *É ele chamou um cara para tirar ele (Apache). E ele sumiu do bar e a gente ficou assim pensando: “o que ele fez com o cara que ficava lá? Ele (Magrão) era uma pessoa muito zoadada mas também...não sei.*

Carlos Eduardo: *Você tem medo dele ter feito alguma coisa mais drásticas com ele?*

Carina: *De ter levado ele... sei lá. Ele sumiu. Sumiu esse cara. Aí meu pai é muito hipócrita. Meu pai falava assim eu não vou ter um bar, não sei o quê, não sei o quê. Falava assim eu não vou ser igual ele (Apache) e tal né? Aí pegou e montou um bar. A minha mãe sabia que não ia dar certo ela falava pra ter um mercadinho. Minha mãe, ela tem muita esperança ela acha que....*

Carlos Eduardo: *A sua mãe tem muita esperança?*

Carina: *É minha mãe tem muita esperança né? As mulheres sempre são assim. Elas acham que o homem sempre vão se transformar em um deus. Porque ele é assim, ele não vai mudar. Às vezes ele fica bêbado. Ele não sabe nem passar o troco e aí ele briga com as pessoas. Lá no bar continua indo drogados. Lá tem um monte de nóia. Meu pai, ele vende de tudo. É maior saco ter um bar dentro de casa.*

Como me referia, Carina tem um vida de muitas ocupações mesmo querendo ser “menina a vida inteira”. Ela faz parte do grupo de mulheres do movimento de moradia, de um grupo de Sarau, de um grupo de maracatu, um grupo de circo, de oficinas artística no centro cultural. Faz parte do grupo de feminista e se considera feminista, mas faz uma crítica porque se sente em uma bolha. Ela acha que embora as feministas do bairro se sintam multiplicadoras das ideias de emancipação feminina, Carina considera que faz parte um grupo mulheres que só falam umas para outras e que na verdade não chegam a atingir outras pessoas da Cidade Tiradentes.

Carina: E aí é uma situação muito difícil, porque eu vivo pensando nisso. Ah porque a gente, tipo, nesse meio, é muito difícil, quando você está, assim, inserida nesse ambiente, tipo de tantas das pessoas cultural e que todas são as militantes e tal. Assim eu, eu me considero tudo isso, mas às vezes a gente não quer se considerar, porque a gente fica numa bolha. É uma bolha tipo assim, sei lá, de todos eles serem assim militantes e desconstruídos parece que eles não conhece outras pessoas sabe? As pessoas que não sabem disso e... Até o grupo que a gente tá agora, que é o grupo das feministas do projeto da Dandara que vai falar dos corpos femininos, a Maira ela está falando do feminismo negro, ela fala que é para gente ser multiplicadora, mas o pessoal não é multiplicador não, porque eles conhece as mesmas pessoas, eles não conhece gente tipo as pessoas da minha rua pra falar sobre isso. Mas enfim.

Um dado que se pode computar é que paras as jovens selecionada na Cidade Tiradentes todas se posicionaram dizendo que não se sentiram com dificuldades ou constrangimentos por estarem narrando suas biografias para um pesquisador homem.

Todas as jovem, sem distinção declaram gostar muito da Cidade Tiradentes sendo a cultura o carro chefe do bairro ser atrativo para os jovens.

5.2. Capão Redondo

A referência jovens negras do Capão Redondo faria uma pessoa exigente de detalhes e que conhece bem a região selecionada, uma dos três espaços geográficos para o trabalho de campo desta pesquisa, faria o questionamento pertinente: Qual Capão Redondo? Tal questão tem sua validade de ser, porque de fato, o nome Capão Redondo pode insinuar pelo menos três ideias distintas. Se poderia estar se referindo apenas à jovens que residem no quadro que envolvem o território da primeira ocupação do Capão Redondo cujas bordas ou fronteira seriam de um lado as imediações do Parque Santo Dias e da EMEF Ricardo Vitiello, do outro lado estaria as confluências das Avenidas Solidariedade e Marmeleira da Índia com a Avenida Elias Maas. De forma mais ilustrativa seriam jovens residentes na região que abriga a atual estação do Metrô Capão Redondo que compõe a linha Lilás do Metro, o Centro Universitário Adventista (UNASP) e as áreas envolta, que abraça o conjunto de prédios populares construídos pela Companhia de Habitação de São Paulo (COHAB) conhecido como COHAB Adventista.

Outra noção geográfica do Capão Redondo aumentaria muito o universo da pesquisa porque deixaríamos uma área com média de 150 mil habitantes em média para uma outras com média de 600 mil moradores, uma vez que por esta demarcação as jovens poderiam residir dentro do território circunscrito da prefeitura regional do Campo limpo que se soma a região da Vila Andrade. No entanto, a ideia de Capão Redondo neste trabalho é a mesma que se sustenta a cara e a coroa da moeda do simbolismo cultural da região. De um lado está o movimento cultural e de resistência que se nutrem da poesia, da música, dos cursinhos populares, dos fórum sociais e de educação, da religião. Tudo isso em um movimento que transforma as palavras, ou melhor, a linguagem em manifestos indenitário, de luta por direito à memória, de tratamento digno para os vivos, por ninguém e nenhum jovem a menos, pelo respeito ao direito de velório e de sepultar seus mortos. Do outro lado, a outra face está a lógica sócio-espacial da cidade de São Paulo que caracteriza a periferia, o Capão Redondo, sob a base do modelo de ocupação urbana polarizada e desigual onde a linguagem técnica comunica desapropriações, pobreza, sofrimentos, tristeza, um coração ferido por metro quadrado.¹³

¹³ Um coração ferido por metro quadrado é um trecho da música "Vida Loka II" do álbum intitulado "Nada como um Dia Após o Outro Dia" de 2002 e do disco 1000 Trutas, 1000 Tretas e do DVD ao vivo homônimo de 2004.

O Capão Redondo da cultura abre os braços não só para acolher um população administrada por duas prefeituras regionais: Campo Limpo e M'Boi Mirim, cada qual com uma população em torno de 600 mil moradores, como também àquela gente da região de fronteira das cidades de Embu das Artes, Taboão da Serra, Itapecerica da Serra e Embu Guaçu. Todavia, na verdade essa extensão territorial já esteve unida no passado.

Segundo Mary Jane Spink (2018) como consequência da ambição catequética dos jesuítas em São Paulo do século XVII, foi a criação dos povoados derivaram-se das pequenas comunidades criadas pelos religiosos da Companhia de Jesus e colonos para “controlar e catequizar os nativos tendo a construção de uma capela como traço comum” (p. 91). Assim, surgiu a aldeia de Ibirapuera localizada as margens do atual rio Jurubatuba que por sua vez deu origem ao atual Distrito de Santo Amaro. Spink (2018) apresenta uma cronologia integrante da região que conta que em 14 de janeiro de 1686 a capela curada de Ibirapuera foi elevada a freguesia de Santo Amaro e esta, por sua vez, em 10 de junho de 1832 obedecendo o decreto da regência passou à Vila de Santo Amaro. Por intermédio da realização da primeira Assembleia da Câmara dos Vereadores se instituiu o legislativo que eleva a Vila Santo para a Cidade de Santo Amaro em 7 de abril de 1833. A cidade de Santo Amora nasce colossal porque se estendia do Córrego da traição que está canalizado abaixo da Avenida dos Bandeirantes, passando pela Vila Mariana, Saúde, Ipiranga, cursinho até a Serra do Mar, além das terras que hoje em dia abrigam os atuais municípios de Itapecerica da Serra, Embu das Artes, Embu Guaçu, Taboão da Serra, São Lourenço da Serra e Juquitiba (Spink, 2018).

A divisão espacial hegemônica tem como regra a lógica de que para se chegar no centro da cidade e aos privilégios sociais concentrado lá, como: emprego, distribuição de saúde, onde a elite da polícia age por um critério de educação e abordagem diferenciada, a mobilidade do pobre e periférico tem que ser como descreve a equipe do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular - CDHEP (2016):

Para sair ou chegar à Sul existem vários caminhos. Tem gente que está acostumada ao sofrimento diário de viajar feito sardinha nos busões que saem do fundão do Jardim Ângela Jardim, Santa Tereza, do Valo Velho, Embu Guaçu, trazendo milhares e milhares de trabalhadoras e trabalhadores para o metrô Capão Redondo e de lá para

regiões mais centrais da cidade. Quem percorre este caminho vê todos os dias a paisagem que conta um aspecto da história da região (p. 27).

O objetivo deste trabalho foi percorrer essa paisagem de gente acostumada penar quinem sardinha nos busões, onde os pobres estão mais expostos aos riscos das inundações, escorregamentos e a ação de esgotos a céu aberto em busca de narrativas de jovens negras para entender como elas lidam com seus conflitos e sofrimentos. Onde a “organização se faz entre as mulheres (homens) em torno da música, da dança e da arte, ali onde o meio lhe é hostil” (p. 66).

Fazer arte em meio a paisagem hostil é o desejo de Isa. Aos 17 anos de idade terminou o ensino médio nas escolas públicas e frequentou um cursinho pré-vestibular na região do Jardim Ângela. Estava matriculada em uma faculdade para fazer o curso de produção cultural. Seu sentido de futuro narra o desejo de ser artista, constituir uma família e trazer um acalanto no coração de alguém por meio da linguagem artística.

Isa: O que eu espero daqui para frente. Esse ano eu vou começar produção cultural na faculdade. Eu componho canto, toco teclado. Espero conseguir lançar um IP. Construir uma família. Tenho vontade de ter um filho. É isso aí. Eu gostaria de emanar coisas boas para todas as pessoas que estão à minha volta e que de alguma forma se sentem acuados ou com um vazio dentro do peito. De algum jeito eu espero poder impactá-las. Com a música, com todo tipo de arte. O curso de Produção cultural forma o produtor cultural. É aquele que.... ele vem pra cuidar da gestão de tudo de uma produção cultural, de todo o evento cultural. Ele cuida desde o nascimento do evento, o planejamento a captação de recursos, tudo. Você literalmente vai ser a cabeça do evento, vai ter que cuidar de todas as partes.

Carlos Eduardo: Mas essa parte sua de ser a própria artista? Como é que fica?

Isa: Essa parte, eu vou trabalhar junto à isso né? Porém, eu penso em me inserir no mercado da cultura pela profissão que eu pretendo me formar. Dentro disso, conseguir fazer que eu quero fazer, que é ser uma artista. Porém, pra mim não é tão importante chegar em muitas pessoas. Eu acho que a gente tem que ter um foco e saber que a gente vai chegar a aonde tiver que chegar. A gente vai alcançar

quem tiver que ser alcançado. Eu só quero trazer uma mensagem que possa causar de certa forma uma paz trazer. Trazer um acalanto para o coração de alguém. Que seja duas pessoas, três pessoas, uma pessoa só. Mas saber que quando eu morrer, um dia essa pessoa ela vai ter guardado essa mensagem sabe? Acho que isso é mais importante do que a fama em si sabe?

Isa é evangélica, mas se diz respeitadora de todas as religiões. Aprendeu esse respeito já no seio familiar que é formado por pessoas com várias expressões religiosas e na tradição da capoeira. Desde muito cedo frequenta uma roda de capoeira e se sente artista.

Isa: Ai desde pequena, desde os três anos de idade. Eu sempre fui muito ligada às Artes. Já gostava de cantar e dançar, porque eu danço também, eu jogo capoeira desde pequena. Com quatro anos minha mãe me colocou na capoeira. Na capoeira o que eu acho que vale mais ainda é o aprendizado que você ganha ali. Porque você entende muito mais sobre sua ancestralidade. Sobre sua linha dentro daquilo. Você entende a importância da arte né? Assim desde sempre. Desde que eu era pequenininha. Minha mãe fala que desde que eu era bebezinha, eu grudava na televisão e ficava lá dançando na frente da televisão e tal. Entendeu? Então, desde pequenininha eu fui muito ligada à arte. Isso me move muito. É algo que faz meus olhos brilharem. É uma paixão, na verdade!

Isa vê na figura de sua mãe uma guerreira reconhecendo nela seu incentivo. Narra que se não fosse sua mãe apoiá-la, não só por conselhos, mas também por acompanhá-la nos encontros dos movimentos de cultura. Sente não ter podido conviver com o pai em função da separação dos pais quando ainda não tinha completado dois anos de idade. Seu pai faleceu um ano antes de nosso encontro. Por isso Isa ainda se sentia dolorida, mas não tinha dúvidas do papel fundamental de sua mãe na sua criação.

Isa: Minha mãe sempre me incentivou em tudo. Só que teve coisas que ela falou: “pensa bem, porque as escolhas elas vão refletir no nosso futuro. Então, você pensa bem”. Meu pai morreu faz um ano já. Eu não convivi muito com meu pai né? Assim como muita jovens que têm os pais separados, quando os meus pais se separaram eu era pequena ainda, eu tinha um ano e pouco. Então, cresci só com minha mãe. A minha mãe sempre tentou me suprir da melhor forma possível. E assim, de alguma forma eu encontro na arte um refúgio entendeu? Eu encontro

na arte, na minha atividade, naquilo que eu acredito um refúgio. Uma forma de expressar, que mesmo que eu tenha crescido sem amor paterno, eu sei que isso faz falta. Isso faz falta. A gente pode falar: não isso não faz falta”, faz. Faz falta o amor paterno por mais que minha mãe ela tenha lutado. Entendeu? Foi só quando eu encontrei as artes. Quando eu foquei a minha fé em Deus, no Criador, que eu consegui me sentir preenchida entendeu? Com incentivo dela. Com eu me envolvendo com a arte e com minha fé tudo se juntou. Acredito que quando você entende a liberdade de Cristo, você quando entende a liberdade que você tem, esses paradigmas essas doutrinas essas caixas, você sai dessa caixa, você entende que tudo me é lícito, mas nem tudo me convém. Então, eu acho que é você e Deus. A gente tem que crer em algo. Entendeu? Seja em Yoá, seja em Ogum, seja em São Jorge, seja em Jesus Cristo. A gente tem que entender que quem é de axé é de axé, quem é de amém é de amém, tem que ter respeito porque na minha família tem essa diversidade, então tem que respeitar. Então, eu aprendi a respeitar.

Isa não pretende sair da região do Jardim Ângela. Pensa que sua formação em artes precisa estar a serviço da luta contra as desigualdades sociais e os sofrimentos que são experiências na periferia. Acredita piamente que por meio da arte se pode amenizar dores, ser um alento ou, até mesmo uma motivação política necessária para alterar a ordem das desigualdades e da opressão que se faz presente na região, em especial contra os negros, para um tempo de equidade. Acha que a educação, que os cursinho populares também tem esse papel na luta por um futuro melhor nas periferias.

Isa: Então, que a gente tem que derrubar muros né? A gente tem que ter o punho cerrado sempre. Porque para nós que somos negros, desde início a gente sabe que tudo sempre foi mais difícil. Porque pra a gente alcançar um bom emprego, a gente tem que lutar, estudar, estudar, estudar e olhe lá ainda, às vezes a gente nem consegue. A gente fica no subemprego e tem que se contentar com isso. Porque são criados muros pra gente. Da ponte pra cá tudo é mais difícil, porém, quando você tem punhos cerrados e você tem insistência e encontra força no seu interior. Eu acho que tudo é válido, que tudo te impulsiona para frente.

Carlos Eduardo: *Então, você acha que o bairro ao mesmo tempo que ele tem empecilhos né? Porque é um bairro de Periferia e pelo fato de sermos negros*

temos mais dificuldades, mas ao mesmo tempo isso é... mola propulsora pra buscar novos caminhos?

Isa: Hum, hum. Uma alavanca! Alcançar novos rumos e de certa forma abrir caminhos. Entendeu? Porque uma frase que carrego comigo é não desista! Porque existe alguém se inspirando em você. Então, às vezes, o que eu faço hoje talvez se reflita na vida dos meus filhos, na vida das pessoas a minha volta. Talvez eu abra um caminhos para eles. Então, eu acho isso muito importante! Por isso não penso em me mudar daqui, mas se eu, sei lá, me casasse com alguém que não é daqui, que não desse mesmo bairro, eu tentaria morar no meio sabe? Entre os nossos bairros. Eu vou morar no meio. Na verdade eu vim para cá eu tava com 12 anos. Eu sou do Alto do Riviera, mais do lado de lá ainda (risos). Porém, eu me sinto muita a acolhida aqui entendeu? Não quero sair daqui, porque depois de formada que me dedicar aqui, porque eu acho que é uma área que precisa de muito mais visibilidade nas questões culturais e em todas as áreas. Tipo, eu ia amar trabalhar por aqui! Conseguir inserir mais a cultura aqui dentro da periferia, porque eu acho muito importante.

Sumaia estava com tem 25 anos de idade quando se voluntariou para colaborar com a pesquisa. É a irmã mais velha. Suas irmãs são: Valéria com 20 anos e Márcia com 18 anos. Suas duas irmãs já ingressas no ensino superior. Se sente orgulhosa pelo fato de seus pais terem completado 23 anos de casados. Narrou que estudou a vida toda em escola pública e foi menor aprendiz. Desde criança sonhava com o direito. Então, estudou sozinha para o exame do ENEM e conseguiu uma vaga com bolsa para cursar direito. Fez a graduação ao mesmo tempo que trabalhava em empresa de telemarketing que teve que sair para poder fazer os estágios da faculdade. Segundo, seu depoimento, foi nos estágios onde pode realmente aprender um pouco mais do direito e se viu com oportunidade de crescer. Foi a partir dos estágios que pode atuar como mediadora e conciliadora no Tribunal de Justiça. Sonha com o magistrado mas sabe das dificuldades.

Sumaia: *As oportunidades dos negros são reduzidas em razão de questões históricas, do racismo estrutural, Se nós formos enumerar vamos passar o dia inteiro aqui (risos). Em razão de que a gente sempre acha que o negro é incapaz, que ele não é qualificado. É porque sempre que a gente consegue acessar uma determinada etapa ai viram e dizem: Oh! Precisa ter faculdade. Tudo bem.*

Quando tem faculdade. Agora precisa do mestrado. Tem mestrado. Agora precisa de doutorado. Tem doutorado, pós-doutorado, precisa agora do inglês. Não. Uma língua só não tá bom. Precisa de mais duas línguas. E assim segue. Então, sempre vai se colocando cláusulas de barreira para a gente não conseguir, para nunca ser o suficiente. Isso é institucional também viu! Para mim ser mulher negra é o ponto principal, porque antes de ser qualquer coisa eu sou mulher negra. Então, se eu chegar no fórum, por exemplo, primeiro eles vão ver a mulher negra e depois que vão ver a advogada. Então, eu vou ter sempre que precisar me impor duas vezes mais.

Carlos Eduardo: Então, quando você chega no fórum o que chega primeiro é a mulher negra. Né? E aí só depois que te enxergam como profissional? Então, o fato de ser mulher negra impede você de ter algumas oportunidades?

Sumaia: Se não perde oportunidade, eles querem subestimar o seu trabalho. Eu mesma tive oferta de trabalhar para ganhar R\$ 1000 por mês, enquanto que outras advogadas brancas foram chamadas para ganhar 2000, 3000, até mais! Então, a gente vê que é uma diferença muito grande. Então, a gente chega no fórum... já teve gente no fórum que me interrogou dizendo: Só advogado pode fazer carga. Aí eu falei. Mas eu sou advogada. Então, tem que se impor aos funcionários. Às vezes chega outros advogados que te olha com superioridade só pelo fato de você ser negra. Aí você tem que mostrar sua qualificação, não pode de jeito nenhum abaixar a cabeça. Aí depois que eles conhece seu trabalho, depois de todo um trabalho é que eles vão começar respeitar. Eu diria, nem respeitar. É tipo começa a tolerar. (Risos). Só tem eu de negra lá onde eu trabalho, mas também posso dizer que lá é inclusivo entre aspas. Porque eu digo isso? Quando eu era estagiária teve um caso de racismo praticado pelo conciliador, então, o juiz exonerou conciliador. Então, ele não tolera o racismo. Então, é uma coisa que não dá pra qualificar se tem racismo ou não, entendeu? Porque mesmo sendo mulher negra, mesmo com tudo isso eu já estou lá como conciliadora, eu consegui chegar e ultrapassar a barreira com possibilidades de subir e tudo mais. Eu vou subir mais um degrau esse ano. Então, eu não posso dizer que lá existe racismo. Eu estou vendo que se, pelo menos, ocorrer uma atitude racista, eu sei que eles vão combater. Então, é isso que eu posso dizer. É por esta razão, da possibilidade de subir, que a disciplina vai ser

minha palavra chave para esse ano. Por quê? todas as quartas-feiras eu vou trabalhar como conciliadora, aí eu vou ter que me programar para fazer o curso quando sair as aulas. Depois vai ter um mês que vou ter que ir todos os dias pra assistir as outras conciliações. Então, será um mês muito mais difícil. A reunião do pacto ocorre a cada dois meses em uma sexta-feira de manhã, então só vou ter que fazer alguns trabalhos no meio da semana. Aí tem a questão do grupo das mulheres do Brasil, do comitê que a reunião também é mensal. Então, dá pra se programar e fazer tudo. Terei correr atrás, para nas reuniões entregar os trabalhos. Como não é uma coisa assim todos os dias, tem como se organizar, se planejar direitinho para cumprir todas as metas.

Ângela estava com 18 anos narrou que era tímida. Quando era criança brincava e sonhava com a veterinária. No entanto, aos 10 anos de idade, seus pais se mudaram, então em uma nova escola mudou de perspectiva. Nesta nova escola percebeu que escutar as pessoas nos seus problemas conseguiria interagir e ampliar a rede de amigos. Desse modo, seu sonho passou ser psicologia. Todavia, encontrou dificuldades para se adaptar ao curso por causa das deficiências do adquiridas no ensino público. Sua consciência de mulher negra havia se dado recentemente aos 16 anos.

Ângela: Engraçado. Deixa eu falar para você. Eu tenho vergonha de admitir, mas eu me assumir negra aos 16 anos. Antes disso, quando se perguntava: você é negra? Principalmente naquelas provas da escola eu colocava moreninha, mulata. Não me assumia a negra. Eu usava aquela chapinha colada na cabeça. O cabelo escorrido! Não saia um fio fora do lugar! Então, aos 16 anos eu levei um pé na bunda. Foi coisa linda né? (Risos). Levei um pé na bunda do menino que eu gostava muito. Daí ele começou a ficar com uma menina loirinha do cabelo escorrido. Nossa, isso me magoou muito. Aí eu entrei naquela fase revoltada. Eu disse, quer saber? Não vou mais ficar com esse cabelo escorrendo. Aí teve um momento de adaptação. Eu fiquei dois meses, mais ou menos, sem fazer nenhuma alisamento do cabelo. Nada. Fiquei com aqueles dois dedinhos de raiz. Aí eu estava, tipo não me aceitando muito no espelho. O cabelo estava horrível, a autoestima estava horrível, estava tudo horrível. Estava doendo. Estava tudo indo de mal a pior. As notas na escola deu uma declinada. Aí eu estava falando com a minha prima Brena. Ela tem câncer. Aí ela me falou de uma instituição que trabalha com pessoas com câncer e achei interessante. Aí eu vi que eles aceitavam

cabelos com química e eu assim não quero mais alisar o cabelo eu não vou mais mudar para me aceitarem, não vou não vou não vou. Aí passou meio mês e eu fui em um salão em Itapetcerica eu cortei o cabelo até sobrar dois dedos só. Então, eu doei 18 cm de cabelo para instituição. Fiquei com o cabelo, tipo o do meu pai. (Risos). Aí que o negócio foi para o brejo mesmo, porque o menino que eu ficava parou de ficar comigo, porque ele falava não ficou bom com você, não combinou. O rosto deu aquela engordadinha porque o cabelo estava curto e, foi muito difícil. As pessoas olhavam para mim e se perguntavam: será que ela está doente, está com câncer? Porque que ela fez isso? Sabe? Foram muitos julgamentos. Muito complicado, mas quando já estava com uns três meses de cabelo cortado uma amiga minha que é cabeleireira falou para mim: olha nesse espelho. Na casa dela tem um parede de espelho enorme. Olha nesse espelho, olha como você é linda. E aí foi só naquele momento que eu consegui me enxergar do jeito que eu estava. Que eu tinha que aprender a me amar porque eu não estava me amando. Depois disso, que eu aprendi a cuidar do meu cabelo a pentear ele. Aceitar que eu sou negra. Moreninha não. Negra! E quando eu me dei o valor, que eu falei, olha eu não preciso ter aquele corpo magro que todo mundo fala que as negras tem que ter. aquela cintura fina. Eu não preciso ter esse cabelo liso.

Catarina Elizabeth tinha 21 anos. Estava no meu do curso de direito de uma universidade renomada. Suas narrativas girou em torno de sua infância. Narrou que brincava muito nas ruas do Jardim São Luiz, um bairro do distrito do Capão Redondo. Suas narrativas se iniciam quando Catarina Elizabeth tinha seis anos de idade porque nunca conseguiu esquecer que testemunhou por algumas o irmão de uma de suas amiguinhas bater na própria mãe. Na sua trajetória para conseguir ingressar na universidade, os cursinhos populares foram muito importante. Por ser filha de um homem negro e uma mulher branca relatou que sofre muito por estar em uma espécie de não lugar. Explica sua dor dizendo que estuda em uma universidade de elite. Lá na universidade sofre discriminação por causa da sua classe e sua cor. Aliás foi depois que passou a estudar nesta universidade que a duras penas percebeu sua negritude. Não comunidade as pessoas confundem os seus olhas puxados como se ela fosse descendentes de asiáticos. Desde muito cedo Catarina Elizabeth, por causa da separação dos pais, precisou trabalhar com sua mãe vendendo biscoitos caseiros e cuidar de sua irmã mais nova.

Catarina Elizabeth: *Porque eu acabei, como eu era muito nova quando a Amanda nasceu, eu acabei ficando muito de casa, você entendeu? Eu limpava a casa, E eu sempre tive essa preocupação de limpar a casa. Então, era muita minha vida essa. Quando a Amanda nasceu, eu estava com 10 anos, nessa idade a gente estudava de manhã. Então, eu ia para escola de manhã e quando eu chegava, eu deixava tudo limpinho e tal. Eu lembro que eu era muito asseada, muito asseada, muito asseada mesmo. Tanto que eu passava o dia menino, eu às vezes deixava de cuidar da Amanda para ficar mexendo com a casa. Eu colocava umas almofadas no chão, fazia uma caminha no chão sabe? Eu colocava ela (Amanda) lá ia mexendo com as coisas. Eu ia limpando tudo. Eu lembro quando dava umas quatro horas da tarde quando minha mãe chegava da rua já estava tudo pronto e tal. Ela sempre chegava, aquela coisa, fazer café, alguma coisa para a gente comer e tal. Já estava tudo ali. Então, eu quando muito nova eu já me sentia uma dona de casa entendeu? Uma pessoa que cuida, que já tem uma responsabilidade. E eu acho que isso foi decisivo para minha vida. Não acho que foi uma coisa ruim. Foi ruim por alguns aspectos, só que por outros, me amadureceu muito rápido sabe? Pensar nas consequências da vida e tal. Eu, por exemplo, não queria ter um filho tão nova, porque eu sabia como é, que dá um trabalho daqueles. Então, me amadureceu muito cedo. Até, eu não sei, a forma de cuidar você entendeu? Hoje em dia eu olho assim para trás e, eu falo, porque eu tenho um forte sentimento. Eu olho assim, puxa eu era tão nova. Eu não cuidaria da Amanda desse jeito, eu cuidaria melhor. Sabe? Às vezes eu guardo um sentimento assim. Eu num..., porque, por exemplo, eu por ser nova eu não tinha malícia. Eu era totalmente uma criança e, às vezes a raiva de não querer tá cuidando dela (Amanda) e deixar com alguém para poder ir ao mercado. Porque por exemplo, eu gostava de ir ao mercado. Sabe o que eu comprava Carlos? Eu nunca me esqueci. Eu ia lá comprar uma bolacha de chocolate. Todo dia Carlos! Eu vendia os meus biscoitos e depois eu ia lá comprar três, quatro pacotes de bolachas e eu comia tudo. Eu não sei como eu comia tanta bolacha recheadas. Bolacha recheada eu comia demais! (Risos). Eu deixava a Amanda com os outros para poder ir ao mercado para comprar algumas coisas, comprar o que eu queria porque minha mãe ficava fora o dia todo você entendeu? E eu tenho sentimento disso. Porque às vezes eu olho assim, meu, eu não sei se com que eu deixava era alguém de confiança. Eu era só uma criança. Por exemplo, eu deixava com vizinho, um velho. Eu prefiro*

nem pensar nesse tipo de coisa. Quando minha tia chegava ela gritava: não vai deixar com esse tipo de homem e tal! E eu por que? Ele falou que ficava.... Entendeu? Eu não tinha essa cabeça.... Ela era só um bebê. Ela não tinha nem um ano. Então, eu não sei. Às vezes eu fico com arrependimento, nossa eu cuidaria melhor dela se eu tivesse um pouco mais de idade. Eu não deixaria isso acontecer. Eu lembro que tinha umas mulheres da rua que já tinham filhos, elas ficavam horrorizadas quando passava e viam que eu deixei ela lá. Só que eu não entendia. Eu só queria sair para comprar uns negócios e tal, eu estava. Minha mãe tinha dias que ela chegava umas nove horas da noite. No normal ela chegava às quatro horas da tarde comia alguma coisa e depois saía novamente para vender mais biscoito. Então, ela ficava fora o dia todo. Eu não tinha consciência. Eu lembro que uma vez eu preendi o dedo da Amanda na porta. Só que foi assim. Eu só queria um tempo entendeu? Eu já ficava o dia inteiro com a criança. E aí minha mãe chegava à noite cansada e, eu só queria um tempo para ficar com a minha mãe para conversar sabe? A Amanda era criança. Ela ficava andando atrás. Ela era um bebê assim: não tinha uma gota de cabelo na cabeça. Ela era um bebezão! Ela estava aprendendo a andar segurando nas coisas. Então, eu acho que ela segurou assim na porta e deu risada e, eu: sai menina eu quero conversar, ficar um pouco com a minha mãe! Aí eu fui para fechar a porta e ela não saía, ela ficou ali parada. Eu não entendi porque ela estava ali parada e fui fechando, fechando a porta. Eu machuquei todo dedinho dela. Então eu era muito egoísta. Eu ainda tinha aquela coisa de criança. Eu ficava muito triste. De tudo eu cuidei da Amanda dos dez aos quinze anos.

Quando completou quinze anos para ajudar no sustento da família começou a trabalhar fora de casa. Na verdade, esse trabalho era no mesmo estabelecimento fabril que sua mãe também trabalhava. Assim, teve que mudar sua rotina em relação aos estudos. Passou a estudar a noite e trocou o cursinho pré-vestibular comunitário em um bairro distante para um cursinho em um bairro mais central. A troca de cursinhos implicou em ter que arcar com a mensalidade e o valor do deslocamento. Assim, para economizar, almoçava no restaurante popular “Bom Prato” porque o valor da refeição é de um real.

Narra que teve que parar de comer no Bom Prato porque certo dia ela estava na fila e percebeu que um homem não parava de olhá-la. No início pensou que pudesse ser alguém de uma igreja evangélica qualquer, porque como é evangélica se veste como as

jovens da igreja. No entanto, o homem começou a fazer caras e bocas. Começou a encará-la com um olhar estranho. Então, fez questão de deixar evidente sua desaprovação e desviou o olhar. Então, ele segurou no braço dela e começou a xingar e ameaçar de agredi-la. Ela pedia ajuda e as pessoas na fila não se moviam, fingiam que não estavam vendo. Nunca mais voltou ao restaurante, mas não poderia parar de frequentar o cursinho, porque precisava superar as dificuldades com o conteúdo exigido nos vestibulares. Sabia bem que se não estudasse muito, não realizaria seu sonho de chegar ao magistrado. Trazia consigo um sentimento de inferioridade em relação a sua capacidade intelectual porque um professor no segundo do ensino médio na escola pública rasgou sua redação.

Catarina Elisabeth: *Outra coisa, eu briguei com um professor. Porque tinha um professor, que tinha muito contato comigo. Eu mostrava interesse. Quando eu estava no primeiro ano do ensino médio, eu já mostrava interesse para aprender as coisas. Eu: “então, professor eu queria entender as coisas” (Risos). Eu me lembro Carlos, que eu tinha uma dificuldade de interpretação de texto. Ele detectou isso em mim no final do segundo ano do ensino médio. Ele falou assim: “eu já reparei que você não consegue ler um texto e entender o que está acontecendo no texto”. Olha só. Eu fiquei o ensino fundamental todo sem ninguém me dizer que eu tinha isso, para cuidar disso. E aí eu senti sérias dificuldades, atrasou muito minha vida. Quando eu cheguei no primeiro ano do ensino médio, aí que o professor foi me falar. Só que ele não tinha boa vontade para poder trabalhar isso comigo, porque são muitos alunos na sala e, eu exigia muito atenção dele. Querendo ou não, eu exigia muito atenção dele, porque eu gostava dele. Ele parecia com meu pai sabia? Sabe meu pai? Cabelinho baixinho assim e tal. Negro. Ele parecia com meu pai. Aí eu olhava assim: puxa parece com meu pai, está na sala de aula, participa da minha educação, vê as minhas notas. Meu pai nunca esteve presente na minha educação e na minha vida e, nem viu notas minhas você entendeu? Nada. Meu pai nunca participou de nada na minha vida escolar e nada. Aí eu ficava encantada, só que aí o professor... Teve o Saresp e tinha que fazer a redação. E aí, uma semana antes eu estudando, tentando fazer uma redação, pensa uma pessoa... eu tirava cinco, quatro na redação Carlos. Aí eu levei uma redação para ele corrigir. Eu cheguei lá com um pedaço de papel e tal e, aí ele pegou assim: O que que é isso Catarina Elisabeth? O que que é isso? Aí eu: “professor é para o senhor me ajudar e corrigir”. Então, ele pegou e*

rasgou a minha redação e falou que ele não iria corrigir. Porque se ele fosse corrigir todas as redações dos mil e duzentos alunos que ele dá aula ele não iria dar conta, então se ele não podia corrigir dos mil e duzentos, ele não poderia corrigir a minha porque seria um tratamento desigual. Ele rasgou, amassou e jogou no lixo. Tudo isso na minha frente, na frente de todos os outros alunos da sala. Eu gostava muito dele. O nome dele é Antônio. Eu tenho foto dele aí com outros dois professores. Quer ver? E aí aquilo me marcou, porque eu já tinha muita dificuldade de escrever. Eu tinha dificuldade de interpretação que me atrapalhava tanto em português quanto em matemática. Aí eu deixei aquilo para lá. Então um mês depois foi o SARESP você acha que eu conseguiria fazer uma redação? Eu chorei na mesa. Eu era a melhor aluna da sala. Eu chorei na mesa da prova.

Catarina Elizabeth conseguiu ingressar na faculdade de Direito de uma universidade tradicional de São Paulo. Narra que foi neste espaço que ela acordou para o fato de ser mulher negra. O tratamento das colegas de sala deixou isso evidente. Relata que a consciência de negritude veio no mesmo tratamento de desprezo, isto é interseccionalidade com a questão de classe social e de gênero.

Catarina Elizabeth: O pior foi quando eu cheguei na faculdade. Porque já na primeira semana eles delimitam muito as pessoas. Tinha lá um professor que eu odiei ele. Sabe por que? Ele no primeiro dia de aula, no primeiro dia heim? Ele... ele fez a gente falar, cada um! Quantas línguas falava. Ele falou assim: Eu quero que vocês falem agora qual escola você estudou. No primeiro dia de aula isso. Então, quantas línguas vocês falam e onde vocês moram. O que aconteceu o Carlos? Delimitou quais os alunos bolsistas e quem não eram. Foi no primeiro dia. Aí os alunos bolsistas estavam todos meio assim apreensivos, não queriam falar. E ele falava lá na frente não precisa ter vergonha. Não era uma questão de vergonha. E o pior que quando eu terminei de falar. Você fala alguma língua? Eu: só falo português. Português não conta. Onde você estudou? Jorge Dutra. Que colégio é esse? Colégio Estadual. Ele fez uma cara. Onde você mora? Zona Sul. Zona sul? Zona sul é enorme. É muito grande. Eu respondi: no Jardim São Luiz. Ahhh, então, gente vocês tem que ter compreensão porque agora está entrando uma nova modalidade de aluno na faculdade e vocês têm que ter aprender a conviver com gente diferente.

Juliana se disponibilizou em colaborar com a pesquisa tinha 29 anos as vésperas de completar 30 anos. É um mulher negra e homossexual mãe de uma menina de 11 anos. Está cursando o quarto semestre de serviço social e sonha criar uma ONG para proteção de animais e usar o serviço social para potencializar sua comunidade. Está animada com a construção de sua casa que está em estágio avançado. Sua futura casa está localizada no último bairro de São Paulo antes de chegar no município vizinho de Embu. Acredita que quando se mudar para sua “casinha” poderá também lá atuar na transformação social porque percebeu que no novo bairro existem problemas com álcool, com crianças perambulando nas ruas sem cuidados e idoso maltratados.

Relata que sua vida sempre foi de muita luta e de um forte ressentimento por não ter tido o amor paterno. A falta do apoio do pai obrigou sua mãe também estar ausente com a lida da sobrevivência delas. Por questões financeiras aos 10 anos de idade a mãe de Juliana precisou leva-la para morar com a avó no Estado da Bahia. Logo que completou 7 anos idade o avô faleceu e voltar para São Paulo foi necessário. A luta diária pela de sobrevivência impediu sua mãe de acompanhar o crescimento de Juliana.

Juliana: Quanto minha história eu vejo que é muita dificuldades né? Hoje com 29 anos estou cursando o quarto semestre de serviço social. Eu adoraria ter tido essa oportunidade há muito mais tempo, mas, com 17 para 18 anos engravidei e tive uma filha que atualmente está com 10 pra completar 11 anos. As dificuldades foram enormes né? Minha mãe precisava sair para trabalhar ficava 15 dias até um mês fora de casa trabalhando e deixava a gente aos cuidados de uma segunda pessoa. Não era fácil. Não tínhamos nossa mãe presente, mas era o que ela poderia oferecer. Então, porque eu não tive o apoio paterno, eu tive apoio de mãe, e na verdade, infelizmente, não que eu critique, eu até entendo e compreendo, mas foi um apoio ausente. Ela oferecia o que era cabível para ela. Naquele momento né? Ela foi ausente porque tinha que trabalhar e acaba me deixando com outras pessoas. Então, ela não participava do meu meio escolar, não ia nas reuniões da escola. Às vezes era o vizinho que ia nas minhas reuniões de escola. Às vezes ninguém ia. Então, tudo aquilo já é uma dificuldade quando você está na fase de crescimento, de amadurecimento. Acabou que eu era muito problemática. Que eu era muito frustrada na escola. Eu dava muito trabalho, tanto para os professores quanto para os colegas. Eu tinha muitas dificuldades de me relacionar. Hoje eu ainda sinto essas mazelas né? Hoje eu

consigo driblar bem melhor, mas eu sinto que algo foi tirado de mim. Com passar do tempo você sente que sempre vai faltar alguma coisa. Presença dos pais na vida da gente é algo que é muito importante, só que as condições que temos não ajudam. Por isso, eu era muito encenqueira na época da escola, porque eu queria que alguém me visse. Eu queria ser vista. Então, eu era frustrada.

Para Juliana ser lésbica e negra no Capão Redondo é ser invisível. Contou que certa vez precisou dos serviços bancários e ao tentar entrar no banco o segurança revistou sua sacola sem pedir permissão.

Juliana: Eu posso dar um exemplo? Em um determinado dia eu fui ao banco. No Banco Santander sabe? Próximo aqui do Bairro. Aí eu fui entrar, só que o segurança... Eu estava com uma sacolinha e o segurança, ele me parou e ele abriu a minha sacola. Então, assim. Eu acho que foi um abuso. Ele poderia: você pode abrir sua sacola para eu ver o que tem dentro por questão de regras? Enfim. Não pediu para abrir a sacola. Ele abriu a sacola e eu me senti violada de todas as maneiras. Me senti desrespeitada nos meus direitos. Por que? Só porque eu sou negra? Só porque minha roupa pode não ser tão interessante ou tão bonita quanto ele esperava que fosse? Então fiquei muito constrangida foi uma situação muito constrangedora para mim. É você ser uma pessoa invisível.

O sentido de futuro de Juliana está na formação profissional. “Assim que eu terminar a faculdade, eu quero fazer uma pós-graduação em direito e depois em psicologia. No campo pessoal, mais particular, é terminar de pagar meu terreno, construir lá minha casinha, viver com minha filha e adotar duas crianças”. (Juliana).

Indira tinha 24 anos. Viveu sua vida inteira na região do Capão Redondo, mas, alternou entre os bairros do Parque Santo Amônio e Jardim São Luís. Sua formação acadêmica é como advogada. Estava cursando mestrado e, este possibilitou conhecê-la a Espanha com seus colegas de pós-graduação. Seu maior desejo no período que se dedicou à esta pesquisa como colaboradora fora de prestar um concurso para a Defensoria Pública. Por ser oriunda da classe trabalhadora, todos seus estudos dependeu do transporte público paulistano. Tem-se aí sua principal motivação de pesquisa. Sempre desejou estudar a mobilidade urbana na ótica feminina. A mobilidade social de mulheres negras e a mobilidade acadêmica de mulheres privadas de liberdade internas do sistema carcerário de São Paulo.

Indira sempre estudou em escola pública e se muito estudiosa, mas narrou que seu ingresso no ensino superior foi marcado por uma grande dificuldade para acompanhar as disciplinas e se viu por várias com o desejo de deixar universidade. No entanto, relata que foi graças a solidariedade, duas colegas de curso, que hoje são suas melhores amigas, não perdeu a motivação de terminar a graduação. Começou trabalhar muito cedo ajudando a sua mãe vendendo guloseimas na escola. Disse que no começo sentia vergonha, mas depois se enxergava uma empresaria. O processo de separação dos seus pais quando Indira nem era alfabetizada ainda marcava suas narrativas com lágrimas.

Indira: Querendo ou não a fase do divórcio da minha mãe foi uma fase muito complicada pra mim.

Carlos Eduardo: você estava em que época da sua vida? Você era adolescente, era criança?

Indira: Eu acho que eu tinha uns Eu estava no pré. Era época do prézinho. Foi uma fase que eu fiquei... é por isso que eu não tenho muita coisa da minha imagem, da minha infância. Minha mãe fala que isso é errado porque, eu esqueci tudo que meu pai fez por mim e que ela também. Mas foi uma fase difícil. Tinha muita briga na minha casa. A Dona Francisca é nervosa, bem brava. Ela também enfrentou muita dificuldade isso, acho que me atingiu né? Ela. Eu tenho certeza Carlos, que ela me esqueceu no carro. Isso era muita coisa que ela tinha na cabeça. Minha mãe começou trabalhar né? Ela teve que fazer o próprio negócio dela. E enfim, foi essa questão do divórcio que foi uma fase que me marcou muito, porque ela teve que se virar para comprar uma casa. Meu pai queria forçar uma forma deles manterem o casamento, porque ela não ia ter como se virar. E aí foi quando ela conseguiu uma casa, mas foi tão difícil porque eu não tinha mais a figura dele. Era porque ela tinha... ele tinha falado que deixaria ela com a guarda, mas ao mesmo tempo ele estava astuto: ele dizia você não tem onde morar, então, não é culpa minha. Eu fui bonzinho. Eu vou ter que tirar as meninas de você. E aí ele..., ela não tinha como comprar a parte dele da casa que eles tinham construído, então, ele falava que não iria dar o dinheiro para ela e que não ia vender a parte dele para ela. Que ela é que tinha que se virar e comprar uma casa. Ai ela conseguiu comprar. E aí foi a fase que... foi bom. Porque a gente estava em uma turbulência grande. Porque todos os dias era faca.

Dona Francisca ameaçava assim, porque era a única forma que ela podia ameaçar: xingando, brigando. E ele rindo porque não ia ter negociação. Então, foi bem difícil porque eu presenciei tudo isso. Muita briga, muita briga para ver se resolvia. E depois deu certo porque ela conseguiu a casa. Mas eu já não tinha a figura dele. E aí foi muito difícil só ver eu, minha mãe e a Catarina Elizabeth em casa. Foi muito difícil, foi triste. A gente via falta de um homem em tudo assim. A gente precisava...em tudo. Pra fazer as coisas e para ajudar em tudo. Até que ela (mãe) casou com o Preto. Foi uma parte boa também e, ao mesmo tempo nova né? Experimentar tem um padrasto né? E ele tão quieto. Mas foi uma parte boa. E aí eu acho que já consigo me enxergar melhor.

Indira conta que os estágios da época da graduação foram muito importantes, mas que viveu momento estressantes, especialmente na ocasião de fazer o exame da ordem, porque ao mesmo tempo que estudava, trabalhava, ainda tinha o estágio em uma empresa Estatal. Sua maior causa de sofrimento era porque não se sentia parecida com seus colegas de estágio. Ela declara que foi aí que sua máscara caiu. Foi quando percebeu suas diferenças de gênero, porque o direito é de predominância masculino, raciais e de classe social em contraste com os outros estagiários filhos e filhas de promotores, juízes e desembargadores. Isso gerou certa tensão que provocou certa agressividade dela com as colegas de estágio

Indira: Depois fui a fase da OAB. Essa fase foi uma fase muito ruim, porque eu tinha que estudar para a OAB, eu tinha que trabalhar e eu também tinha que fazer a faculdade. Foi a fase mais difícil da minha vida assim. Foi muito terrível eu não vivi. Eu definitivamente ali morreria sem viver. Naquele tempo ali. Ainda bem que não se resume aquilo. Mas foi uma fase foi uma fase necessária. Eu vi muitos obstáculos, porque eu achava muito difícil. Foi uma fase muito ruim pra mim, porque eu vi que fiquei uma pessoa agressiva. Hoje tento me trabalhar. Porque foi bem na época que eu estava estagiando numa das empresas que eu achava que era melhor, mas depois eu vi que não era. Na Petrobras. Não era o que eu gostava, mas tinha o status. Meu pai tinha um orgulho de dizer que eu estava estagiando na Petrobras, minha mãe também. Mas não era onde eu gostava, eu não me sentia bem. As pessoas não me recebiam bem. Era diferente e, eu me tornei agressiva. Teve um dia que eu falei: nossa como estou mal com quem não precisava. Quando estava todos os estagiários estudando para a OAB

e, eu em tudo me sentia mal. Por que? Porque eu me chegava desesperada. Porque eu tinha ficado o dia inteiro trabalhando e chegava (em casa) correndo para comer e sair correndo para faculdade. Ai eu só tinha a noite pra estudar e o fim de semana e, quando eu chegava aqui em casa, minha mãe queria bater papo. Então, era super difícil eu conseguir estudar. Tinha épocas que eu ia direto para faculdade e nem ficava com ninguém, porque senão eu não estudava para prova. Aí chegavam as meninas e as outras lá e, falava: nossa estou muito preocupada porque eu acho que não vai dar certo, tá muito difícil, tá muito difícil. Aí eu perguntava: como vocês estão estudando? Ah, hoje meu pai sentou comigo. Meu pai sentou me explicou os procedimentos, não sei o que, não sei o que lá. Então, eu não entendia. Eu falava: nossa que bom que seu pai te ajuda. Ai a outra virava: Ah, minha mãe sentou comigo. Só mais tarde, aí que eu fui entender. A mãe dela é procuradora, o pai dela é promotor. Foi aí que eu vi uma realidade. Porque na faculdade que eu fiz de direito, todo mundo era igual a mim. Então, a gente falava as mesmas coisas. Os estágios que eu fiz, também eram estágios aqui do Bairro. Era mais tranquilo, não tinha tanta coisa de diferença assim de realidades. Ai quando eu fui para defensoria, eu amava. A única realidade diferente era os defensores. Mas eu atendia um público que falava a mesma língua que eu. Então, eu gostava. Mas quando eu fui lá (Petrobras) era diferente. Tudo era diferente. E aí pra mim foi o primeiro choque. Foi muito ruim e, eu recebia isso mal, porque eu não consegui entender, dizer porque eu estava tão agressiva. Mas eu era agressiva. Teve um dia que uma menina, ela era boa comigo, ela chegou falando que uma amiga dela estava com câncer. Aí eu estava de saco cheio, porque se ela se preocupava com o exame da OAB que ela não ia passar. E eu então?! Eu falava eu não vou passar nunca! Se ela tem todo esse substrato né? E aí eu virei e fiquei assim: nossa que triste sua amiga está com câncer né? Mas ao invés de eu ajudar ela, eu virei, eu fui muito ríspida. Eu falei assim: pelo menos ela que tem como ter um plano de saúde. Você já imaginou se é uma pessoa que tem que ir pelo sistema público de saúde? Nossa a menina ficou mal porque ela (amiga) estava mal mesmo. Saiu de forma natural. Foi onde eu percebi que eu estava super agressiva e eu não sabia bem o porquê. Depois eu entendi. Mas passou essa fase do exame da ordem eu refleti sobre como eu estava sendo, né? Nesse meio (Petrobras) e aí acabei seguindo o sonho da defensoria.

No epílogo da última entrevista. Já havíamos nos despedido. Já caminhava na direção de desligar o gravador Indira inclina a cabeça como quem busca algo no chão e, em seguida me olha com os olhos marejados. E me pede paciência e ouvidos para narrava o que lhe acabava invocar tamanha emoção.

Indira: Uma coisa que eu queria dizer. Foi o que promoveu muito a minha felicidade. Eu ter me formado na faculdade me alegrou. Mas nem tanto. Porque eu sabia que não era ali que eu queria chegar. Eu sabia que era um pouquinho mais. Só que eu também não tinha certeza o que eu queria seguir. Mas o que me marcou é porque quando eu me formei, eu inventei que eu queria um anel. Queria um anel de formatura, não sei que lá mais. Na verdade, não precisava de ter anel. Mas eu queria um anel, porque eu queria um presente do meu pai. Era só isso. Eu não queria da minha mãe ou de ninguém, eu queria do meu pai. Aí quando eu falei pra ele, ele ficou assim: não tá bom eu vou te dar um anel. Porque ele não vai negar nada né? Aí ele me deu um anel. Aí eu me lembro que eu fui pra Minas Gerais pra comprar esse anel, pra escolher. E lá em Minas eles mexem muito com ouro né? Pedras, esse negócios tudo. Eu nem ligo muito pra isso, só que eu queria um presente dele. Aí eu lembro que insisti e insisti. Ele é muito detalhista mais do que eu, me ajudou escolher. A gente foi na loja fez o anel. Foi muito legal. Me levou pra casa de um amigo dele né? Eu lembro que me marcou a aquilo. Aquilo realmente foi forte assim. O amigo dele ia dar uma pedrinha né? Pra pôr no anel. Quando meu pai foi me entregar... eu nunca vi ele chorar. Naquele dia ele chorou muito. Eu não entendi o porquê ele chorava. Eu fiquei sem graça, porque eu nunca vi meu pai chorar. Ele falou assim: nossa filha eu nunca....sabe? Eu não tenho o que dizer pra você. E ele começou a falar assim: eu nunca imaginei que uma filha minha iria se formar. E aí ele começou a chorar. E falou: eu fui muito ruim pra vocês né? Eu desestruturei e eu sei que vocês é isso por conta da sua mãe. Eu fiquei tão triste porque parecia que ele não fez parte da minha história. Infelizmente durante minha infância ele se ausentou muito e tudo que eu queria era só a presença dele. Ele me ajudava pagar a faculdade, livro tudo. Ele sempre foi assim, só que eu só queria que ele estivesse comigo e ele não esteve. Você entendi?

5.3. Goiânia e Arredores

Assim como, na gênese da organização histórica da cidade de São Paulo o símbolo da cruz conduzido por jesuítas na sua ambição religiosa de catequisar os nativos permite entender o Capão Redondo e a Cidade Tiradentes como efeitos das pretensões de urbanização da coroa portuguesa em “torno de uma capela como traço comum” (Spink, 2018, p. 91), o símbolo da cruz, também acompanha os bandeirantes na travessia da Capitania de São Paulo para o centro do Brasil na formação da Capitania de Goiás. Portanto, a mesma ideia da construção de um edifício religioso como traço comum, representação simbólica da política de urbanização e expansionista da metrópole lusitana, também serve de berço histórico e religioso para entender Goiânia, Anápolis, Trindade e Aparecida de Goiânia, onde vivem as jovens negras que colaboraram com esta pesquisa.

Coelho (2003) considera que o símbolo da cruz e a construção da capela eram prioridades no início das cidades no sertão goiano no século XVIII. Por sua vez Boaventura (2007) explica que a povoação de Goiás no final do século XVII e início do século XVIII obedece a uma nova e centralizadora política de ocupação e urbanização da metrópole portuguesa em decorrência à crise do açúcar no mercado internacional e a perda de colônias lusitanas no Oriente.

A autora insiste na ideia de que existia uma arquitetura, um planejamento no processo de ocupação e urbanização do centro do Brasil que respondia a necessidade da coroa portuguesa de reestruturar suas estratégias de povoamento em solo brasileiro. Para tanto, fortaleceu as explorações de territórios desconhecidos para além de Tordesilhas, inaugurou o Conselho Ultramarino, contratou especialistas para mapear áreas ignoradas, centralizou a economia e a administração das terras americanas. Pode-se asseverar, portanto, que foi uma estratégia administrada de ocupação e urbanização que leva ao ouro na região central do Brasil no século XVIII.

Segundo Lago (1988) ao longo das primeiras décadas do século XVIII, a região que compreendia Goiás foi paulatinamente ocupada por escravos constituindo a maioria dos trabalhadores na mineração de ouro e de diamantes. O incentivo para chegada dos escravos era basicamente porque o trabalho era muito penoso e tráfico de escravos africanos poderia ser intensificado em um prazo relativamente breve em resposta às restrições e obstáculos legais para transferências de pessoas livres de Portugal que ocorria em determinados momentos. O ouro também seduz vários agricultores do Rio de Janeiro

e da Bahia que transferem seus escravos para as zonas de mineração. A produção escravista significativa, por um outro lado, possibilitava um maior acesso à liberdade via manumissão e, portanto, mobilidade social, dos escravos na região das minas; por outro lado, os escravos continuavam sendo encarados como um capital à ser extrair o máximo possível de excedente ou rendimento, por esta razão, a expectativa de vida dos trabalhadores escravizados baixa tornando a taxa global de reprodução natural dos escravos negativa.

A duras penas vários negros conseguiram mobilidade social, principalmente, por meio do trabalho de mineração. Muitos desse negros se organizavam em irmandades religiosas católicas. O interessante que em várias dessas irmandades de pretos houveram mulheres no topo da hierarquia. Isto é, eram rainhas.

Segundo Mary Karasch (2012) os escombros da igreja inacabada de Nossa Senhora do Rosário, que seria a maior igreja católica do Brasil Central, sinaliza para a existência de uma comunidade católica em Natividade pertente à Capitania de Goiás. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos inicia as obras da igreja em 1786, mas não chega a concluir. Entre algumas possibilidades para o fato da igreja não ter sido terminada se consideram duas. Os escravos não concluíram o templo católico porque ocorreu a abolição da escravatura. Outra possibilidade proveniente da tradição oral é que por causa do declínio da mineração do ouro no fim do período colonial inviabilizou aos escravos angariar recursos para finalizar a obra.

Para Karasch (2012) pouco se sabe sobre o papel das pretas na comunidade católica envolta da igreja que seria construída em Natividade. No entanto, seus estudos possibilitou reunir documentos históricos em Goiás que contam alguma coisa a respeito das religiões de inspiração relativa as mulheres negras. Há registros documentais da prisão de negras sob a acusação de serem feiticeiras e adivinhas. Aparecem algumas mulheres negras aparecem nas reclamações de padres que se dizem incomodados com danças na igrejas de Goiás no período da noite. No século XIX as mulheres eram identificadas como curandeiras, como portadoras de talismãs, amuletos e bolsa de mandinga. Karasch (2012) apresenta a informação interessante que no século XIX as negras foram importante no combate e controle da varíola em Goiás por meio da inoculação de braço a braço: técnica que pode ter sido herdada da África.

Em relação a participação das negras nos ritos religiosos católicos Karasch (2012) apresenta as seguintes palavras:

Um dos primeiros relatos sobre negras que participaram de uma cerimônia religiosa católica foi aquele em que quatro mulheres levaram um andor com o Santíssimo Sacramento em procissão na cidade mineradora de Pontal. Os dois padres jesuítas que permitiram a participação das mulheres negras foram enviados à força e acorrentados da comarca do Norte (Tocantins) para o Rio de Janeiro. As acusações contra ele fora de que carregar o andor era uma alta honraria concedida aos brancos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, de elite e que os dois sacerdotes haviam tido certo relacionamento com quilombolas da redondeza.

O trecho nos permite inferir que na Capitania de Goiás, embora os negros pudesse uma certa mobilidade social, havia uma elite muito bem implantada que respondia firm e violentamente qualquer desafio ou enfrentamento dos poderes e dos valores hierárquicos tradicionais da capitania que privilegiavam os homens brancos e excluiu as negras e quilombolas, como bem nos lembra Karasch (2012).

A morte precoce, situação de desiguais dos negos e o trabalho até exaustão continuou mesmo depois de abolição dos escravos. Segundo Gomes e Ferreira (2008), a abolição da escravidão, em 1888, não alterou as condições de trabalho e de moradia dos escravos que viviam em Goiás. Entretanto, a comunidade negra ao longo do século XIX, sobretudo a partir de 1850, tornou-se extremamente miscigenada. O poder político estava nas mãos da oligarquia dos Caiado. No século XX, Getúlio Vargas da vazão a vários movimentos políticos e sociais, a chamada, Revolução de 1930. Destaco então, que uma dessas medidas que Getúlio Vargas foi o programa Marcha para o Oeste como o objetivo de ocupar a vasta extensão de terras desabitadas no interior do País. No caso de Goiás nomeou como interventor um que forte opositor dos Caiado: Pedro Ludovico Teixeira. Por sua vez, Pedro Ludovico decreta o fim de mais de 200 anos da Cidade de Goiás como capital do Estado. Altera a capital em duas etapas: primeiro escolheu um local que fosse próximo da cidade de Campinas, conhecida na época como “Campininha das Flores” (Amaral, 2011 p. 3). Após a escolha do local iniciou a construção da nova capital, Goiânia, em 1933, cujo decreto fora promulgado em 1937.

Haddad e Moura (2016) argumenta que Goiânia fora inicialmente planejada para abrigar 50 mil habitantes, mas hoje sua população a chega a média de dois milhões de habitante. Destaca que a Cidade de Anápolis era a maior cidade do estado de Goiás, por

esta razão, serviu de apoio durante o processo de construção de Goiânia. Lembra o autor que Anápolis foi ponto final da estrada de ferro Mogiana que serviu como receptáculo de pessoas, mercadorias e quase todo o material utilizado para a construção de Goiânia.

A cidade de Trindade é fruto da extinção de Campinas que, em 1909. Hoje Trindade possui 125 328 habitantes acomodados em uma área de 719 km². Talvez seja exagero afirmar que cidade gira entorno do santuário e festa do Divino Pai Eterno, entretanto, segundo Coelho (2003) os festejos do Divino Pai Eterno em Trindade, GO, resulta no trabalho temporário para desempregados, comerciantes informais e lojistas, como também algum tipo de auxílio aos mendigos cadastrados pela prefeitura.

Para Coelho (2003), a Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, GO, é um exemplo da criação desse universo de relações porque se juntam vários sítios no santuário, como da mesma forma ocorre a união de pessoas nos espaços considerados profanos onde se pode se entreter com a música e a dança, comer petiscos nas barracas de comidas e bebidas, e franquear a barraca de jogos: bingo, roleta, tiro ao alvo. Os festejos também proporcionam renda para as confecções e utilidades domésticas.

A cidade de Aparecida de Goiânia até 1922 pertencia ao município de Pouso Alto (atual Piracanjuba). Em 1958 passou a integrar-se ao Município de Grimpas (atual Hidrolândia), tornando-se distrito e, somente em 1963 passou ao título de município. Segundo o IBGE em a população de Aparecida de Goiânia era estimada 2016, o salário médio mensal era de 2.0 salários mínimos com a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 21.6%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 29.6% da população nessas condições. A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 13.08 para 1.000 nascidos vivos. Apresenta 35.7% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 86.9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 8.3% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

A travessia do Capão Redondo até Goiás que se deu basicamente de ônibus intermunicipal, enquanto que a circulação interna para os encontro com as jovens, vez foi feito de ônibus intermunicipal como no caso de Goiânia à Anápolis. De Goiânia à Trindade e Goiânia para Aparecida de Goiânia me utilizei do transporte público do município de Goiânia.

Ebony tinha 19 anos e estava fazendo letras na Universidade Federal de Goiás. Sente muito orgulhosa por isso. É única filha e terminou o ensino médio com 17 anos. Narrou que pretende ser professora porque acredita que com isso poderá ajudar pessoas que parecem com ela. Que lecionar na rede pública e continuar estudando, mas não pretende fazer doutorado, pós doutorado. Disse sempre teve consciência de sua negritude.

Ebony: Eu sou o preta. Eu já ouvi muitas pessoas muitas vezes eu ouvi que eu não sou negra. Eu me defendo como mulher negra ai tenho explicar o que aconteceu lá de trás (história do povo negro no Brasil), falo da questão do passado. Eu tenho que explicar lá de trás a questão da dos meus antepassados, Eu explico para eles entenderem que eu sou não o que eles querem que eu seja, que eu sou preta. Eu estou bem mais firme na minha palavra né? Moreninha eu sou negra e eu vou morrer negra, aceite vocês ou não.

Sente muito a falta do pai que faleceu ainda antes dela nascer. Quando criança passou muita necessidade material, mas considera sua infância feliz.

Ebony: *A minha infância foi..., não foi fácil né? Eu sou de 99, fim dos anos 90 né? Fui criada sem pai. Eu fui criada só pela minha mãe e pela minha avó, muito bem criada, inclusive, eu não tenho do que reclamar. Meu pai era negro, negro, negro. Negro preto! Minha já é parda. Ela já é bem mais clara. Então eu sempre tive na escola aquela questão assim: a reunião de pais né? Uai sua mãe é branca... você é filha da sua mãe? Já me fizeram essa pergunta. E eu quando era criança, eu era muito tímida, muito tímida, eu era fechada assim, quieta na minha. Eu não mexer com ninguém. Eu tinha medo de mexer com alguém, de conversar. Então, eu falava assim: não minha mãe. Você é adotada? Não eu nasci dele, inclusive de parto normal. Eu explicava. É porque o meu pai meu pai é negro, só que ele morreu. A questão de ter reunião dos pais, aquela*

coisa de dia dos pais, esses negócios na escola, eu sempre senti falta. Porque, poxa, poderia muito bem é... hoje eu teria maior orgulho de andar com ele na rua, porque ele era negro e eu uma filha negra dele. Todos os meus coleguinhas com os pais e eu sozinha. Eu ficava assim sem entender, mas eu tinha que entender porque, poxa, ele morreu então. E foi isso. A minha infância foi um pouco difícil, porque tinha dias de manhã, que não tinha....tinha só café preto para beber. Só café. Por exemplo, pão de queijo, uma bolacha. Tipo aquelas bolachas simples? Não tinha. Tinha vezes que já tinha um café pra eu tomar e minha mãe falar: toma isso aqui e vai pra escola. Tudo bem. Mas nunca faltou nada pra mim. Nada. Nem amor, nem carinho.

Joana tinha 19 anos e cursava geografia na Universidade Federal de Goiás- UFG. Fez questão de lembrar que entrou na universidade pública por causa das cotas e que por isso, tem participado de atividades e movimentos em defesa das questões de contas para negros e indígenas. É natural da cidade de Anápolis, mas vive em Goiânia com o apoio da família. É a primeira da família cursando nível superior.

Joana: Sou aqui de Anápolis, da cidade de Anápolis, criada aqui, num distrito daqui na verdade, bem humilde assim, simples diga-se de passagem e fui para Goiânia em 2017 para poder começar o meu curso, a minha família ficou toda empenhada em me ajudar e estou lá, mas dependendo de bolsa permanência, bolsa alimentação, PIBID e tudo mais. Há sou “PIBIDiana”. PIBID é o programa de iniciação à docência. É um programa federal, onde a gente tem reuniões e é um primeiro contato com a escola né, onde a gente faz projetos, faz oficinas com os alunos.

Pensa em fazer mestrado e trabalhar lecionando geografia. Quer estudar o tema da favelização. Deseja pesquisar a favelização, porque segundo Joana a favelização está em todos os lugares: Anápolis ou Goiânia.

Joana: Porque a favela está em todo lugar né? Todas as cidades do mundo passam por esse processo hoje em dia. Tem um autor que eu estudei, desculpa estou de férias não consigo lembrar, minha cabeça está em outra dimensão. Mas tem um autor que fala que a gente não vive uma mundialização, mas na verdade, a gente vive uma favelização. O mundo está passando por esse processo e, é uma coisa que eu almejo estudar e até porque conversa com a minha história de vida né? Como fui criada, o lugar de onde eu venho, as pessoas com quem eu vivo, as coisas que eu via acontecer com as pessoas que são iguais a mim, por morarem

no lugar onde elas moram, e porque são sempre as mesmas pessoas são direcionadas pros mesmos lugares dentro da cidade.

Considera difícil muito difícil estar na academia e na emitância porque os professores e as pessoas não acreditam na sua capacidade.

Joana: Dentro da academia, como eu almejo seguir uma carreira acadêmica, também é outra coisa que é um grande obstáculo, você não se enxergar dentro da universidade, e muita apropriação também cultural dentro da universidade, os esquerdistas, os esquerdistas não que é o termo errado, a esquerda branca, a esquerda branca ela ainda é muito doente aqui no Brasil, eles não conseguem enxergar que não somos todos iguais, por mais que eles conheçam toda a realidade, lute para mudar, seja pobre, não somos todos iguais, não podemos colocar todo mundo no mesmo saco, porque temos demandas diferentes e eles acham que é sei lá, isso é identitarismo, eles falam isso e aí a Djamila Ribeiro traz uma fala muito massa num congresso que ela foi, Djamila Ribeiro uma grande intelectual né? Ah que mulher né? Ela traz uma fala muito massa que não é identitarismo, porque o que que é o identitarismo, né? Porque o branco também tem uma identidade, infelizmente tenho que te contar: você (branco) não é, a sua cultura não é universal, as suas questões não são universais, você não é centro do mundo, vocês pensaram isso porque a gente passou por um processo que “engambelo” vocês e nos engambelo. Engambelo pra quem não sabe, é passou a perna, o famoso vocês foram enganados e nós também somos até hoje, vocês não são o centro do mundo.

Joana almeja unir a academia com a cultura. Pretende estudar favelização, mas dentro de uma pesquisa voltada as questões culturais.

Joana: Sempre discutindo, sempre trazendo autores negros, sempre trazendo músicos negros do Rap, do Hip-hop, vou sempre tentar estar unindo a música, o Rap. Até porque como eu quero estudar a cidade né, o Rap ele é um grande tradutor de sentimentos, da relação do favelado com a cidade, de como é brusca essa realidade. De como é brusca essa realidade, de como o favelado, de como a cidade não é pensada para ele, ele tem que ser mantido ali dentro da favela, dentro da periferia, dos bairros pobres e como eu disse sempre nos mesmos trabalhos e etc., É engraçado as pessoas acharem que o Rap não tem cor. Não é que o Rap não tem cor, é porque pessoas brancas comam desse bolo, mas saibam quem é o confeitiro, entendeu? O Sabotagem por exemplo, já li um artigo muito

interessante sobre como ele ajudou as pessoas da área dele. Nas músicas dele ele traz muito isso, que favela não é essa tristeza. Por exemplo, você me ajuda a continuar, porque você veio, se interessou pela minha história, pela minha vivência, e isso me ajuda a falar “ não estou aqui em vão , não é em vão eu ter chegado até aqui, e ainda tem muita coisa para fazer na minha triste graduação, mas é muito importante. Faço freestyle, brinco nas rodas com os amigos, até porque é fácil né, pra gente é natural. Eu tenho que melhorar bastante, mas é bom brincar. Na hora que você trava você “ah caralho” como que eu continuo? E depois você lembra uma palavra que rima e continua. É muito bom. Deixa eu pensar. Porque tem que ser freestyle, não pode ser...?

*“ eu vou mandar uma rima, mesmo sem batida,
achei muito interessante cê se preocupa com as mina,
é muito triste e também é diferente,
esse contexto aqui é muito inconsequente,
vou falar a verdade é muito triste
chegar num lugar e não poder se olhar,
com orgulho da sua cor, dos seus traços
e não ter nenhum rancor
da sua história,
não é fácil meu parceiro, agora a gente tá no corre ligeiro,
é muito fácil olhar e pagar pau, acreditar em meritocracia e tal,
mas não tem nada haver,
se não for mais por nós e tiver alguém pra conceder
um espaço, uma política pública e tal,
eu não quero me parecer marginal,
mas quem disse que ser marginal é ruim,
da onde eu vim tem muita gente assim, que é gente boa, coração aberto...”
É mas é isso, é na hora. Ah, tem que treinar mais. Mas obrigada, fiquei com vergonha, poderia ter sido melhor.*

Oudre tinha 20 anos de idade. É formada em técnico em enfermagem, mas sonha passa em odontologia na Universidade Federal de Goiás. Deixou as casas dos seus pais em Tocantins com 12 anos de idade para viver em um internato só para meninas mantida por uma instituição religiosa. Se diz muito tímida, mas julga que isto se dá em função de

ter vivido a vida toda interna com outras meninas num regime fortemente exigente e religioso.

Oudre: Meus pais se separaram logo quando eu tinha 7 anos. Foi bem difícil para mim porque, sei lá, eu era muito apegada meu pai e, eu fiquei com a minha mãe. Mas só que daí do momento que eu fui para a cidade, sai da roça e fui para a cidade com a minha mãe, graças a Deus, porque me ajudou bastante ter ido para o internato aos 12 anos. Eu fui para o internato. Eu fiz uma prova e fui para o internado só de meninas em Brasília, o qual me ajudou bastante em relação aos estudos. Em relação a... Tipo eu conhecer mais aprender, Eu sair né? Com 18 anos eu sai delas e hoje eu tô aqui né? Fora me descobrindo. Descobrimo um pouquinho sobre mim mesma e o que eu quero. Eu acho que qualquer jovem negra, ou qualquer jovem tem aquela coisa, aquele sonho assim, imagina muitas vezes em mudar o mundo, em fazer a diferença, mas para mim, como menina negra eu começo a perceber nessa idade que eu estou agora, o quanto que é difícil para mim ser né? Por mais que eu sonhe como tantas outras meninas, como tantos outros jovens é difícil pra mim, como mulher e ser negra né? Que é diferente. Muitas vezes o caminho que eu escolho vai ser negado, eu vou ter que batalhar mais em relação de uma menina branca. Então, mas eu sei que não importa as dificuldades que eu vou enfrentar eu quero vencer. Por exemplo, eu fiz o Enem eu tirei uma nota assim boa, assim consideradamente boa e vou usar minha nota. Eu queria entrar na fazer odontologia, mas só que devido o tempo que o curso é, pela manhã, tarde e noite eu não entrei porque eu preciso trabalhar. Então até essa questão, de gente conseguiu uma nota e a questão do curso que a gente escolhe se a gente não tem uma renda é bem difícil para gente.

Maysa tinha 29 anos quando começamos nossas entrevista, porém, completou 30 durante o processo de esquisa. É casada e tem formação em serviço social. Não está trabalhando fora porque no período de nossas entrevistas em adquiriu síndrome do pânico. Estava fazendo tratamento com um psiquiatra e uma psicóloga. Seu sonho era voltar a trabalhar e continuar estudando. Aos 16 anos recebeu a visita de um homem se dizendo seu pai. Narra que foi um choque porque a vida toda as pessoas, inclusive sua mãe afirmavam que Maysa era filha do atual companheiro de sua. Contou que sua reação foi de agressividade e desconfiança, mas depois que sua mãe lhe contou a verdade até hoje vive uma mescla de amor e ódio por seu genitor.

Maysa: *Minha mãe conheceu meu pai no Tocantins ela tinha 28 anos e ele 22 anos. Minha mãe conta que já da primeira vez ela ficou com meu pai ela engravidou. Ela já criava cinco irmãos porque minha avó já falecida, ela faleceu com 49 anos por picada de cobra. Então, de treze irmãos, ela sendo uma das mais velhas, só ela que quis cuidar dos cinco irmãos, porque minha avó pediu no leito de morte que não separassem os filhos. E foi a primeira coisa que meu avô fez. Doou eles todos no Pará e, aí foi uma luta muito grande pra minha mãe tomar todos. Ela até foi ameaçada de morte. E aí ela conseguiu ficar com esses cinco. Ai dois outros tios ajudaram. Assim, mas ninguém quis. Então ela já vinha batalhando com esses meninos, com essa luta em Araguaína no Tocantins. Depois eles mudaram para Barrolândia também no Tocantins. Daí uns cinco anos de lutas com esses os meninos, pá, vem a Maysa! Ela (mãe) engravida. E aí a família do meu pai não aceita, porque naquela época moça solteira não tinha futuro né? Então ela era vista não como heroína, mas como uma vagaaa...mãe solteira. Se já tinha cinco filhos e porque mais um? Então, a família do meu pai foi totalmente contra e, aí surgiu o aborto. Aí ela (mãe) falou que não iria abortar porque achava crime e também né? Que não. Aí eles (família do pai) desapareceram da cidade. Então, minha mãe fala que se eu fosse homem ela iria me dar para um casal de vizinhos, porque eles tentavam ter filhos várias vezes, só que a mulher não podia ter filhos. Já tinha tido uns três abortos, então minha mãe falou eu tendo eu te dou. E aí ela foi muito paparicada por esse casal. Foi muito bem assistida nessa gravidez, mas passou a gravidez inteira chorando e, aí hoje ela até acha que esse meu amor, esse meu jeito de ser tem essa culpa dela ter passado a gravidez inteira chorando. Uma ex-patroa dela aqui em Goiânia oferece para ela vir para Goiânia para ter o parto aqui para ser assistida. E aí começou a trabalhar na churrascaria eu com dois anos de idade ela conhece o pai do meu irmão. Nasce o meu irmão claro dos olhos verdes e eu vou ficar um pouco mais de canto. Minha mãe tem que mudar para fazenda porque na cidade já estava muito caro. A gente muda para fazenda e vai mudando e trocando de casa, de fazenda. Até que em um dia eu tenho que ficar em uma dessas fazendas porque para onde minha mãe, meu padrasto e meu irmão iam não tinha escola e aí eu tive que ficar com pessoas que eu nunca havia conhecido na vida. Nunca tinha visto. Eram quebradores de Pedra da Bahia que estava morando em Tocantins. Eu passei um ano inteiro com essas pessoas. Depois vou para casa de outra e*

sempre era aquele sofrimento quando eu ia ver minha mãe. Eu chorava desesperada porque não queria ir embora e tinha que ir. Com cinco, seis, sete anos eu moro na casa de uns amigos dela. Também foi um ano. Depois eu mudo na casa de outra amiga onde foi melhor. Naquela primeira casa eu até fome passava, não penteavam meus cabelos. Agora diferente, essa amiga dela já cuida de mim direitinho. Já lavava e cuidava dos meus cabelos.

Rainha das Matas estava com 23 anos. Narrou que viveu a metade da vida em Aparecida de Goiânia, mas porque seu irmão mais velho acabou se envolvendo com mas companhias seu pai resolveu se mudar para Goiânia.

Rainha das matas: Sempre foi minha mãe fazendo os rolês com a gente. Meu pai cantava Rap na época e dançava pop. Então, às vezes eu ia com cinco anos pro baile com ele, porque às vezes eu tentava fazer o back vocal, ele me colocava pra cantar. Então eu cantava com ele nos bailes, só que minha mãe odiava né? Porque ele não ajudava a cuidar da gente, só me levava pros bailes. Porque querendo ou não, de certa forma dava uma grana maior por trabalho dele, porque se tem uma criança cantando, alguém cantando, além do cache dele, que já era pouco, eu também ganhava uma graninha. Só que minha mãe descobriu. Ela veio me contar isso depois, porque eu de pequena não sacava muito. Aí ela descobriu. Foi quando eu parei de ir pros bailes com meu pai. Porque ela descobriu isso. E aí depois a gente se mudou para Goiânia porque os meus irmãos e se envolveu com droga e tal e aí a gente se mudou para Goiânia pra realmente fugir, tentar fugir disso. Um cantor de rap, o cara falou pro meu pai que eu era muito tímida muito tímida, aí ele pegou e me escreveu no teatro. Aí eu comecei a fazer teatro vou fazer com irmã com nove, dez anos mais ou menos. Com doze anos eu fiz um teste para dança que não passei, mas com quatorze pra quinze anos eu conheci um cara que vende CD no terminal, inclusive foi meu primeiro professor de dança e tal. Era aqui na Caju (casa da Juventude). Foi quando eu comecei a praticar dança. Então, eu comecei fazer dos nove, dez anos e a dança entrou aos quatorze, quinze anos mais ou menos. Na real em sempre trabalhei com isso. Desde que eu me conheço por gente eu só trabalho de teatro e dança.

Olivia estava com 24 anos. Nasceu na zona rural no interior de Tocantins. Quando completou seis anos de idade precisou deixar a casa dos pais para poder estudar, o que

na verdade demorou. Nas primeiras casa onde morou foi obrigada a trabalhar. Hoje em Goiânia está na área financeira mas sonha com o direito.

Olivia: eu nasci na fazenda malhadinha. Morei com meus pais até 6 anos, aí os filhos tinha que ir para cidade pra estudar e eu não foi diferente comigo. Eu fui para Dianópolis morei com quatro famílias para poder estudar e, geralmente não era, tipo assim, ah vou morar com você. Não era trocar. Faz limpeza, cozinha e troca você vai ter um prato de comida e um caderno para ir para escola. Isso começou com 6 anos. Eu lembro que eu morei um período com a minha tia. Com 15 anos eu fui morar com a minha irmã, que foi quando eu falei: “nossa eu vou eu vou começar a minha vida agora, vou ser responsável por mim, ninguém vai mandar em mim. O meu sonho era fazer 18 anos. Com quinze anos eu fui morar em Porto com a minha irmã começamos a comprar as coisas de casa e a gente não tinha nada. Eu tinha 180 reais no cofre e ela tinha algumas vasilhas que ela tinha comprado: a Rose minha irmã Rose. A gente começou. Cento e cinquenta era o aluguel o restante sobrou para comer. Passamos um mês comendo cuscuz e água. Tipo, eu fiquei um palito. Mas foi uma época maravilhosa. Eu estava toda empolgada, eu estou na minha casa, Tipo assim eu tô começando. Aí com 18 anos eu tive que vir para cá (Goiânia) porque a Marta precisava terminar a faculdade e meu pai estava muito doente. Aí eu precisei vir cuidar dele, para que ela pudesse terminar a graduação dela. Eu com dezoito anos fiquei quatro anos cuidando do meu pai. Peguei a fase dele, tipo a fase que ele lavar louça ainda e a fase que ele já estava acamado, que trocava fralda. Eu ficava o dia inteiro com ele. Mas assim. Ainda assim eu estudava na Caju (casa da juventude). Fiz alguns cursinhos lá: Projeto de vida. Eu sempre quis estudar, mas quando eu cheguei na Caju parece que tudo aquilo que eu tinha desde criança, que eu ia estudar tal, a Caju veio para fortalecer. Lembro quando eu sai de casa aos seis anos. A gente ia de pé, a gente chamava de Rodagem, a gente de pé para ele (pai) deixar a gente para pegar o ônibus. Nossa aquele momento foi tão difícil para mim, porque eu falei para minha mãe assim: “mãe e agora não vou ter mais você. Como vai ser isso, não vou ter uma mãe para me dizer tudo o que eu tenho que fazer? Tudo sabe? Foi muito difícil para mim sim. Eu lembro de tudo. Absolutamente tudo. Eu lembro o que eu comi quando eu sair de casa. Eu lembro quando eu cheguei na cidade que tudo era novo, eu não sabia o que que era maçã. Pra você ter uma ideia, eu sou vi uvas nos livros, porque a gente aprendeu a ler em casa, minha

mãe ensinava. A gente tinha um livro de gata borralheira e, a gente aprendeu ler neste livro que é uma adaptação da Cinderela dos Irmãos Grimm e minha mãe ensinou a gentes a ler, mas a gente via aquelas frutas. Mas eu nunca tinha visto pêssego, nabo. E nunca vi nabo, mas tinha no livro. Eu tenho curiosidade de ver nabo.

Antônia tinha 28 anos e trabalhava como professora da rede estadual de ensino. É graduada e tem mestrado química. Narra que não conheceu seu pai e que se sente muito triste com a morte de sua mãe em 2014, sem que está pudesse ter presenciado sua formatura. Sua mãe era uma mulher muito guerreira que sofria preconceito por ser mulher negra e mãe solteira. Conta, que sua mãe foi a pessoa que mais a apoiou para estudar. Conta com muito ressentimento que foi vítima de racismo por professores do departamento onde fez o mestrado.

Antônia: tenho 28 anos sou professora da rede pública de ensino do Estado de Goiás. Sou natural do Maranhão de cidadezinha à seiscentos quilometro da capital. Eu vivi a minha vida toda eu uma casa de taipas, você conhece? Um professora da universidade me apoiou muito a fazer mestrado e doutorado. Aí eu gostei muito da linha de pesquisa da Universidade Federal de Goiás. Então, me mudei para cá. Pretendo tentar o doutorado ainda esse ano. No segundo semestre. Agora ser mulher negra e nordestina aqui em Goiânia é muito difícil. Eu já passei por episódios constrangedor. Por conta da cor nem tanto, mas por ser mulher nordestina. Por ter vindo do nordeste, tipo algumas pessoas que trabalham com educação mostraram realmente seu lado xenofobia. Pelo fato de eu vim do nordeste, a impressão que eu tenho, que pelo fato ser mulher negra vinda do interior do Maranhão eu deveria estar em uma posição de inferioridade o me sentir assim, mas como eu não me sinto, eu tenho impressão que isso irritou muita gente. Quando eu defendi minha dissertação de mestrado e publiquei as fotos no facebook e alguns professores vieram para mim e disseram que eu estava me sentindo muito. Que eu não deveria estar com aquele ego todo. Disseram que eu estava me achando superior aos outros professores, sendo que eu não escrevi nada sobre isso. Aí meu professor respondeu essas pessoas e a professora que estava na minha banca também respondeu. Edu fiquei assim chocada, porque assim veio de colegas de trabalho. Aconteceu outro episódio de alguns outros professores ter fazer o comentário comigo: porque que você se sente tanto, se o maranhão fosse tão bom assim, por que tem tanto maranhense aqui em Goiânia?

Me disseram: você é muito hipócrita e falando palavras de baixo calão que me deixou muito chocada. Nossa é muito difícil. Já foi julgada pelo fato de vim do Nordeste, pelo gosto musical e pela forma de falar. Eu acho que seja por isso que incomodo muita gente.

Simone é irmã caçula de oito irmãos. Tinha 22 anos com o sonho de ser enfermeira. Nasceu e foi criada em Alagoas. Sua vinda para Goiânia não por vontade, mas apedido de seu pai porque seu irmão se envolveu com más companhia. Em Alagoas de um filho que teve aos catorze anos de idade. Hoje se encontra em um novo relacionamento. Diz que não foi discriminada em Goiânia por causa da sua cor, mas por causa do sotaque nordestino. Sua maior dificuldade é lidar com o transporte público e com os médicos que consideram frios.

Simone: Eu tenho 22 anos sou negra o nascida em Maceió Alagoas. Nascida na roça e criada na roça. Estou em Goiânia faz quatro anos. Eu tenho um sonho desde criança de me tornar enfermeira. Ainda tenho e vou continuar a batalha por essa conquista. Vim pra Goiânia pra trabalhar e estudar. Tenho sete irmãos comigo oito. Sou a caçula. Vim terminar o ensino médio aqui em Goiânia, no ano passado, inclusive, terminei ensino médio. Eu gosto de lá (Alagoas), mas eu estava com muitos planos e, lá é muito difícil de você crescer. Quem tem o ensino fundamental é muito complicado. Tem que ter algum curso superior, alguma coisa assim. Aí eu vim pra cá estou dando andamento e evoluindo, porque aqui é mais fácil as coisas. Morar na roça não é fácil né? Eu inventei de casar cedo. Casei com treze anos e tive meu primeiro filho com quatorze anos. Eu tenho sonho de fazer enfermagem e ter minha cozinha. Quando eu cheguei aqui não foi fácil porque as pessoas riam do meu jeito de falar e tudo. Só que agora eu sei que não riem de mim mas do jeito que falo, mas antes eu pensava que era de mim. Ai eu ficava chateada agora não mais. Eu gosto daqui, mas os ônibus. As pessoas aqui não tem educação. Elas te empurra, te aperta. Os médicos não te olha no olho. Perguntam o que você tem anota e pronto. Tudo frio.

6. DISCUSSÃO DO RESULTADOS

Este capítulo foca nas análises do material coletado proveniente das narrativas das jovens negras pesquisadas. Pretende-se, portanto, organizar as principais reflexões. Para a análise dos dados obtidos, foi utilizada a Técnica da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Para a autora, a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Neste sentido, tem por objetivo a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, por isso, “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 2011 p. 34). Desse, as narrativas das jovens foram analisadas a partir das gravações e o diário de campo classificadas de acordo com as seguintes categorias: Conflitos Sociais; sofrimentos; relações étnico-raciais; de gênero; classe; luta por reconhecimento intersubjetivo e social e elaboração de sofrimentos. Com esse procedimento, acredito, possibilita ao leitor a devida aproximação do conteúdo analisado provenientes das narrativas das jovens que compõem esta investigação.

6.1. Conflitos

As narrativas das jovens demonstram que há nelas a consciência de que a mobilidade social é muito difícil. Portanto, narraram suas aspirações como algo lançado ou arremessado para o futuro expressando o mundo interior constituído no contexto social no qual se realizam como pessoas. O conteúdo de suas narrativas sugerem, assim, determinantes sociais comuns impostos socialmente por seu gênero, sua cor da pele, sua região, onde vivem. São uma descrição de conflitos sociais que insistentemente se convertem em retardamentos ou impedimentos para a mobilidade social delas, tais como: não ter moradia, dificuldades para conseguir ou ganhar salários justo nos empregos, terem que migrar com ou sem garantias de lugar com seis, com dez, com doze anos de idade. Mesmo com tudo isso, narram sonhos, desejos de serem juízas, promotoras, defensoras públicas, dançarinas, artistas, conselheiras. Querem cuidar das feridas de quem padece doente, de quem sente dor de dente. Não se vêm impedidas, mas, atrasadas. Enquanto o verdadeiro sonho vem devagar com muitas amarras ainda do passado,

estudam contabilidade para um dia serem advogadas, se dispendem da odontologia para buscar trabalho. Como disse Sumaia: “precisa ter faculdade, tudo bem. Quando tem faculdade. Agora precisa do mestrado. Tem mestrado agora precisa de doutorado. Tem doutorado, pós-doutorado, precisa agora do inglês. Não uma língua só não tá bom, precisa de mais duas línguas, então, sempre vai se colocando cláusulas de barreira para a gente não conseguir, para nunca ser o suficiente”.

Como já mencionado neste trabalho para que Honneth (2007) a liberdade da auto realização depende de pressupostos que não estão à disposição do próprio sujeito, já que ele só pode alcançá-la com a ajuda do seu parceiro de interação. Considerando as palavras de Honneth não tenho como discordar de Cardoso (2013) que considera tem algo de muito fecundo no aprender na olhar as histórias vividas por mulheres negras e das classes trabalhadoras, que sempre encontraram formas de lidar com as adversidades, porque aprendemos com os encaminhamentos e resoluções de conflitos pelas mulheres em seu cotidiano.

6.2. Sofrimentos

Para algumas das jovens negras periféricas que compuseram este trabalho seus sofrimentos estão em ser abandonadas: *“Eu fiquei tão triste porque parecia que ele não fez parte da minha história. Infelizmente durante minha infância ele se ausentou muito e tudo que eu queria era só a presença dele* (Indira). Enquanto que para outras em ter que abandonar. O sofrimento vem por causa da violência de dentro de casa: *“E nesse tempo que eu saí de casa, foi porque, eu saí porque eu queria que minha mãe saísse de casa por causa do meu pai...ele falou que ele rasgou o vestido dela na cama querendo sexo com ela”* (Carina).

Mas também da violência da rua: *A imagem era um corpo no chão que ficou com lençol em cima e o sangue passando assim no chão.* (Dandara). O sofrimento vem com de ter que migar para continuar sonhando: “Porque que você se sente tanto, se o Maranhão fosse tão bom assim, por que tem tanto maranhense aqui em Goiânia?” (Antônia). E também do deboche: *“Quando eu cheguei aqui não foi fácil porque as pessoas riam do meu jeito de falar e tudo”* (Simone). Olívia chegou a dizer em uma das entrevistas: Eu sou aqui forte mas todas as noites eu choro de dor. Para Ângela Davis (2013) a ideologia burguesa com seus ingredientes “racistas tem o poder de dissolver as reais imagens de

terror para a obscuridade e insignificância, e desbotar horríveis choros de sofrimento de seres humanos em murmúrios pouco audíveis e depois em silêncio”.(p.10)

6.3. Ser Negra

A posição de se declarar jovens negras tem consequência. Para as jovens negras que compuseram este trabalho a consequência principal é a experiência do racismo, em todas as suas esferas. A é uma esferas importante como relata Maria: *Tinha um menino na sala que era bem branquinho. Uma vez a gente ia dançar na festa junina. Aí ele falou que só ia dançar se fosse comigo. Ela (professora) falou que não ia dançar com ele porque eu era feia pra dançar com ele...que não havia princesas que se pareciam comigo... e ficava falando coisas pra mim sabe?*

O sofrimento que Maria ainda carrega consigo veio por ter sido chamada de feia pela educadora responsável de alfabetizá-la pro mundo. O que permite pensar que crianças tanto a branca: o menino que queria dançar e a menina estavam sendo letrados com o intuito de lerem o mundo. A lição que vem dali estrutura a sociedade, portanto, o racismo é estrutural. Assim, o racismo não um desvio de caráter, não é uma doença, mas Carlos Moore (2007) também nos ajuda compreender que o racismo é uma estrutura de origem histórica que vem ser perpetuando, as custas da exclusão. Por ser estrutural nenhum não branco escapa a ao dia de sua nomeação pelo branco porque segundo a professora não existem princesas que se pareçam com Maria.

Como consequência uma da outra, ao nomear de “Negro” o africano, os europeus inventam a raça e racismo (Mbembe, 2019). O legado da invenção do negro pela nomeação branca se aprende ainda criança na escola. Sumaia: *Eu acho que a escola é um dos principais fatores que faz as pessoas abandonar os estudos. Porque é um lugar extremamente racista, não é acolhedor. Eu mesmo já fui vítima de racismo dentro da escola, pela própria professora, então eu não vejo como um lugar acolhedor acho que muitas pessoas, por todo um ambiente que você não faz parte, não pertence pode ser uma das causas de evasão escolar.*

Segundo Mbembe (2019) baseado na diferença da cor da pele, a raça, se subjugou homens e mulheres a relação forçada de servidão. Homens e mulheres foram transformados em objetos de uso. Como consequência disso até hoje Oudre no ajuda a entender na sua narrativa propriedades. Pra mim, como menina negra, aí às vezes, eu

começo a perceber nessa idade que eu tô, o tanto que é difícil pra mim ser, né? Por mais que eu sonhe como tantas outras pessoas, como tantos outros jovens, é difícil pra mim como mulher e ser negra né, que é diferente, que muitas vezes o caminho que eu escolho vai ser negado, eu vou ter que batalhar mais em relação a de que uma menina branca.

6.4. Ser Mulher

As questões de gêneros ficam bem evidentes nas narrativas das jovens negras entrevistadas. Elas apresentam os cabelos como um marcador de pertença à um grupo étnico. Assumir os cabelos crespos para as jovens está ligado a se assumir como mulher negra. Dandara Ambrósio: *“Essa questão de ser mulher vem a questão do cabelo também né que é uma coisa muito forte gente assim pensando enquanto mulher né porque eu não aceitava o meu cabelo crespo e não aceitava de jeito nenhum quando criança”*. Todas as jovens se referiram aos seus cabelos, ou melhor a aceitação dos seus cabelos como a marca principal das suas feminidades negras. Mas isso, não se dá por acaso e nem sem luta ancestral. Silva (2012) nos ajuda na reflexão quando aponta que o processo diaspórico imprimou aos africanos e seus descendentes astúcia e criatividade para driblar o poder dominante que buscava escravizar o corpo e a mente. A autora nos convida à um passeio por muitas história e espaços culturais de coletivos negro para resgatar tais histórias. E com isso sinaliza para o significado social? dos conteúdos dessas muitas histórias de quem tem corpo negro, cabelo crespo, lembranças de sofrimento, humilhação e violência física e simbólica protagonistas. As narrativas da jovens negras entrevista dialogam com a referência de Silva (2012) de que o cabelo crespo em seus variados formatos e penteados: Tranças, Dreadlock, Black Power ou soltos em “cabelo armado”, são vistos e divulgados como marcos de afirmação diante do padrão eurocêntrico, como “Black atitude”, porque também vêm nos seus cabelos uma espécie de “Black atitude”. Talvez a diferença é que as jovens da pesquisa não usam o termo em inglês que como a autora, mas a palavras “empoderadas”.

Outro aspecto é o fato de que o no caso das jovens o gênero também se constrói para cada uma delas por meio da experiência comunitária. Elas não sonham para elas sozinhas, mas outras mulheres também. Se dedicam à lutas de emancipação das mulheres, especialmente aquela mulheres se se parecem com elas, nas histórias ancestrais, e nos conflitos e sofrimentos de ontem e de hoje. Collins (1998) afirma que para as mulheres

afrodescendentes o conhecimento adquirido nas opressões interseccionais de raça, classe e gênero fornece o estímulo para elaborar e transmitir o conhecimento subjugado. As jovens negras periféricas narram esta mesma pretensão de lutarem contra a opressão aprendendo juntas, articulando as instituições parceira: de cultura, saúde, direitos humanos, etc. Não de hoje que espaços comunitários se resultam dos esforços e das lutas de mulheres articuladas com apoio de instituições presentes nas comunidades

6.5. Ser pobre

As jovens entrevistadas, têm diferentes escolaridade. Obtive narrativas de jovens ainda por concluir o ensino médio, até quem estava cursando ou concluído o mestrado. Uma delas já conseguiu viajar para fora do país. Todavia, são da classe trabalhadora. Como as narrativas nos guiam as jovens possuem a ciência que são parte da classe trabalhadora ao ponto de conceberem que suas lutas como sendo de gênero e classe. Conto também, pode-se receber nas falas de Joana: *universidade, os esquerdistas, os esquerdistas não que é o termo errado, a esquerda branca, a esquerda branca ela ainda é muito doente aqui no Brasil,* e da Carina: *É uma... sei lá. De todos eles serem assim militantes, desconstruídos eles parece que não conhece outras pessoas sabe?* Um forte advertência que o fato de quem vive na pele de classe social não apagou o racismo ou a opressão de gênero do nosso cotidiano.

6.6. Luta por reconhecimento

Neste ponto da discussão, considerando que para Axel Honneth (2003) o reconhecimento na sua maior expressão acontece quando indivíduos e grupos são realmente aceitos nas relações com o próximo (amor), na prática institucional (justiça/direito) e na convivência em comunidade (solidariedade) e que a negação ou a falta de respeito destes elementos provoca o conflito social, já se torna possível dizer que as jovens entrevistadas estão em luta por que reconhecimento.

As falas, por exemplo, das jovens: Isa: *Então, que a gente tem que derrubar muros né a gente tem que ter o punho Cerrado sempre porque para nós que somos negros desde início a gente sabe que tudo sempre foi mais difícil. Porque para a gente alcançar um bom emprego a gente tem que lutar, estudar, estudar, estudar e olhe lá ainda,* Joana:

É importante lembrar que nesse momento em que a gente vive que eu entrei por cota, e estou lá defendendo essa questão. Enfim, a UFG está vivendo um momento muito triste em relação a isso, mas a gente tá lá lutando por isso; possibilita a análise generalizada para toas as vinte participantes, que estão, dentro dos limites e realidades específicas de cada uma delas, lutando contra as ameaças e ações concretas de não reconhecimento dos seus direitos, das diferenças culturais, de gênero, de raça e, de orientação sexual, não somente no âmbito individual, como também no âmbito de suas comunidades. O que permite a análise de que há entre elas padrões e reconhecimento.

6.7. Elaboração de sofrimentos

A elaboração, na concepção de Adorno (2008), não significa “encerrar a questão do passado” e se possível for riscá-lo “da memória”, mas ao contrário, significa manter ativa a memória, porque o “gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça (p. 2). Portanto, a elaboração dos sofrimentos para as jovens negras das periferias de Goiânia e seus arredores, assim como do município de São Paulo se dá no convívio com seus familiares, mesmo que a distância. Lutar por um futuro que rompa com o ciclo perverso das desigualdades, da pobreza, dos despeitos de direitos, do racismo, que juntos, que interseccionalizados, em escala industrial fabricam dores e sofrimentos, além da longevidade drasticamente diminuída, imprimiu nas famílias jovens entrevistadas a necessidade de serem elas as escolhidas para receber todo o poio, inclusive material, para que elas estudassem, por exemplo, de todos os outros membros familiares. Em busca de uma vida melhor, com a promessa de retornar para buscar quem ficou, ou ajudar os que ficaram quebrar o ciclo também, jovens se laçaram ou ainda irão, com o perdão da expressão “pôr o pé”, se lançando à migração, ou melhor dito a diáspora negra interminável.

É oportuno uma explicação do termo. Para tanto, busco auxílio nas reflexões de Laryssa da Silva Machado (2017) que negrita que o termo “Diáspora Negra” foi elaborado e passou a ser utilizado nas últimas décadas. Explica a autora que o termo ganhou relevância quando a historiografia mundial revelou as redes existentes na história que por muito tempo foram ocultadas fazendo saltar personagens que por séculos ficaram sem voz. No caso do povo negros escravizado suscitaram personagens agentes da história, tendo suas relações e estratégias reveladas.

Diz Machado (2017):

A Quando se pensa em imigração relaciona-se a ideia àqueles povos que, por problemas enfrentados como guerras, crises financeiras e políticas, dentre outros, resolveram sair de seu território. Mas esquece-se de uma série de imigrações forçadas que aconteceram ao longo da história. A vinda dos africanos para a América é um exemplo deste tipo de imigração. Por isso, historiadores e representantes do movimento civil negro passaram a utilizar o termo “Diáspora Africana” ou “Diáspora Negra” para se referirem a vinda forçada dos africanos para trabalharem como escravos.

Os deslocamentos das jovens negras periferias, segundo suas narrativas, se dá por causa da proteção de ente familiar ameaçado pela violência e pelo vício. Elas saem de casa por causa da violência doméstica, mas também para trabalhar e estudar. Algumas com seis anos de idade: *“morei com meus pais até os 6 anos, aí os filhos tinham que ir para a cidade para estudar e não foi diferente comigo,[...] E aí a gente ia de pé, a gente chamava de rodaige, pra pegar o ônibus, nossa, aquele momento foi tão difícil pra mim, porque eu falei pra minha mãe bem assim: “mãe e agora? Eu não vou ter mais você, como que vai ser isso?” [...] E tipo minha mãe virou pra mim quando eu disse isso, que eu vou fazer sem você, ela falou: “minha filha, no mundo você vai encontrar muitas mães”* (Olivia).

Assim, a elaboração está nas próprias expectativas: de vencer os conflitos e as dores; de um futuro melhor. Mas, para a elaboração acontecer não dá para esquecer o passado, ele precisa estar presente e vivo para ser possível, até que se possa voltar, o encontro de várias outras mães, irmãos, tios, primos, amigos de infância e lugares de pertença que o mundo permitir.

A elaboração, então, se faz por via da arte, da cultura. Elas elaboram dançando, cantando, nos papéis que representam no teatro, nos coletivos de mulheres, na poesia. Algumas delas na bíblia.

Segundo suas narrativas:

Joana: *as perspectivas são ruins, mas você (jovem negra) é como uma flor né? Você vai ali, nossa, resistindo e tal, e se você tiver pessoas que te ajudam, isso fica mais fácil. Pessoas iguais a você (pesquisador), por exemplo. Você me ajuda a continuar, porque você veio, se interessou pela minha história, pela minha vivência, e isso me ajuda a falar pra mim mesma: “não estou aqui em vão, não é em vão eu ter chegado até aqui, e ainda tem muita coisa para fazer na minha triste graduação, mas é muito importante.*

Luciana: *Assim, está sendo bom este momento dessa pesquisa, de poder voltar nessas histórias sabe? Então pra mim eu me sinto honrada de participar deste projeto. Saber que minha história vai ser escrita em algum lugar é importante.*

Olivia: Eu gostaria de agradecer pela oportunidade, pelo espaço que você nos deu de falar sobre a gente. Porque não é em todos os lugares que você tem essa oportunidade. É parabenizar. É um excelente trabalho, muito relevante e, com certeza vai trazer muita esperança pra muitas jovens negras e jovens negros também pra que procurem desde a universidade, para que busquem também o que você está realizando. Para que tenha esperança de conseguir o mestrado e o doutorado tão sonhado para muitos de nós.

Por meio das próprias palavras das está pesquisa também serviu de elaboração de sofrimento.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que foi concluído ao seguir o caminho de compreender se os conflitos sociais e sofrimentos estão mediados por suas próprias narrativas de jovens negras residentes nas periferias de São Paulo e de Goiânia e entorno. E se nelas elaboram conflitos e sofrimento que o mundo e o futuro lhes reserva. Consideramos que houve a mediação de marcadores interseccionalmente ligados, de raça (negra) gênero (mulher) e território (periferia). Essa medição surgiu nas categorias: conflitos, sofrimentos, ser negra, ser mulher e ser pobre.

As orientações, a reuniões do Fórum em Defesa da vida, assim como, as reuniões do Fórum de pesquisadores no bairro do jardim Ângela, muito cedo me indicaram que

para dar conta do objetivo de buscar as narrativas de jovens negras periféricas como protagonistas para a compreensão de como lhes chegam, de que ordem são seus conflitos e sofrimentos, assim como, investigar se há elaboração para os mesmo conflitos e sofrimentos, a opção por um método que permitisse a inserção nos espaços geográficos onde vivem suas histórias era fundamental.

Sobre o método, tratou-se de uma pesquisa de característica qualitativa porque tal método permitiu a inserção do pesquisador nos próprios espaços geográficos, lá onde vivem suas vidas, alimentam esperanças. Foram ouvidas em muitas entrevistas cada uma, nos seus territórios e apresentadas ao pesquisador por lideranças e técnicas significativas nas suas vidas. Por meio da relação com o pesquisador seus versos e expressões edificaram coisas, consequências, tarefas, além de comunicarem desigualdades, mas principalmente, a arquitetura do futuro, a elaboração do sofrimento para que as dores não se tornem dogmas.

Muito cedo ficara negritado, portanto, que para a devida colusão de tal objetivo de pesquisa, mesmo se tratando de um pesquisador que divide com elas o tom da pele negra e a geografia periférica, o caminho inevitável era o de me referenciar; de me inserir nos cotidianos e nos espaços onde subjetivam o ser feminino negro, que na maioria das narrativas, se dão no enfrentamento da realidade desumana da pobreza, das discriminações e dos assédios, do racismo, do machismo e do abandono.

Ao oferecerem suas palavras, para um homem negro, permitiram o eco que realizou um trabalho intelectual e prático de humanos com humanas colaboradoras em dialogo. Por este dialogo essas jovens diferentes em vários aspectos, a começar pelo bairro onde vivem, laços sociais estabelecidos, como fazem para ganhar a vida, idade, origem econômica, periferias distintas localizadas nos extremos da zona leste e da zona sul do município de São Paulo e dos extremos da cidade de Goiânia em Goiás, também narraram vertentes das vidas delas que se repetem para quase todas elas: a incerteza do futuro, a esperança nos estudos, a migração sem garantias do retorno ao lugar de partida ou a migração sem garantias de não voltarem para o lugar de onde vieram, a descoberta de sua negritude de forma tardia com opróbio e humilhação na escola de alfabetização ou na renomada faculdade, a descoberta de serem mulheres negras por conta dos cabelos crespos. Algumas dessas vertentes estão imbricadas nos modos marcantes da historicidade do corpo feminino negro no Brasil.

O rebaixamento, a desvalia da estima social resvalada de forma considerável nas suas narrativas despontaram o modelo de vida que elas vivem e esperam para o futuro. Revelam que por não desfrutarem ou não terem seus valores sociais reconhecidos em suas características culturais, de status resulta em retardamento ou no impedimento para a suas autorrealização promovendo a luta por reconhecimento. Assim, quando as jovens negras moradoras nas periferias de São Paulo e de Goiânia narram seus cotidianos rodeados de desrespeito expõem, também, que encontraram nas suas formas de se posicionam na esfera das interações com o próximo, na esfera da prática institucional de justiça e direito, assim como, na esfera da convivência em comunidade mecanismos de elaboração de sofrimento onde as mais diversas comunicação artísticas se destacam.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. W. (1986). **Capitalismo Tardio ou Sociedade Industrial?** In: COHN, Gabriel (Org.). Adorno. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.

_____. (1995). **Educação após Auschwitz.** In: Educação e emancipação. (Tradução de Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 119-138.

_____. (2009). **Dialética negativa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Albuquerque, F.; Burity, V. (2008). **A exigibilidade do direito humano à alimentação adequada através de estratégias de populações urbanas empobrecidas.** In: BEZERRA, C. V; Costa, S. M. A. (Org.). Exigibilidade do direito humano à alimentação adequada: experiências e desafios. Passo Fundo: IFIBE, 2008. p.145 - 171.

Alves, H. P. F.; Alves, C. D.; Pereira, M. N. e Monteiro, A. M. (2010). **Dinâmicas de urbanização na hiperperiferia da metrópole de São Paulo: análise dos processos de expansão urbana e das situações de vulnerabilidade socioambiental em escala intraurbana.** In: Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 141-159, jan./jun.

Alves, J. A. (2011). **Topografias da Violência: Necropoder e Governamentalidade Espacial em São Paulo.** In: Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume 22, p. 108-134.

Alves, M. A. e Galeão-Silva, L. G. (2014). **A crítica da gestão da diversidade nas organizações.** In: Revista de Administração de Empresas. [online]. vol.44, n.3, pp.20-29. ISSN 0034-7590. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902004000300003&script=sci_abstract&tlng=pt > acesso em 25/03/2018.

Amaral, A. P. (2011) **Campininha das Flores: narrativas de um drama social.** In: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. Disponível em <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1878>>. Acesso em 30/02/2018

AMCEU II – **Estatuto e Regimento Interno. Goiânia, 1979.**/ CENCE - Encontro Nacional de Casas do Estudantes - Relatório Nacional, 2006. Disponível no arquivo da coordenação da casa.

Bardin, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Prol e Acabamento, 2011.

Batista, L. E.; Escuder, M. M. L. & Pereira, J. C. R. (2004). **A cor da morte: causas de óbito segundo características de raça no Estado de São Paulo, 1999 a 2001.** In: Revista de Saúde Pública/ Rev. Saúde Pública vol.38 no.5 São Paulo. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000500003>>. Print version ISSN 0034-8910

Bernardino-Costa, J. e Grosfoguel, R. (2016). **Decolonialidade e perspectiva negra.** In: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016 <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf> .

Benjamin, W. (1984). **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus.

_____. (1994). **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política (7ª ed.).** São Paulo: Brasiliense

Boaventura, D. M. R. (2007). **Urbanização em Goiás no século XVII.** Tese de Doutorado apresentada ao programa de urbanismo da FAU-USP. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-090028/.../Tese.pdf>. Acesso em 20/07/2018

Brah, Avtar (1996) **Difference, Diversity, Differentiation. Cartographies of Diaspora: Contesting Identities.** Longon/New York, Routledge, 1996. pp.95-127.

Cabruja, Teresa; Íñiguez, Lupicínio e Vázquez, Félix. (2000). *Cómo construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad*. In: *Anàlisi* 25. Disponível em <<http://www.geocities.ws/visisto/Biblioteca/Cabruja.pdf>> acesso em 18/06/2018.

Camurça, Silvia. 'Nós mulheres' e nossa experiência comum. *Cadernos de Crítica Feminista*, ano I, n 0, dez 2007. Recife: SOS Corpo, 2007.

Cardoso, Cláudia P. (2012). *OUTRAS FALAS:FEMINISMOS NA PERSPECTIVA DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS*. In: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>>. Acesso em 28/02/2019.

Chiziane, P. (2007). **Balada de amor ao vento**. 2. ed. Lisboa, Caminho.

_____. (2018). **O alegre canto da perdiz**. Porto Alegre, Dublinense, 2018.

Coelho, T. O. (2003). O comércio varejista periódico na Festa de Trindade, GO: suas transformações... *Boletim Goiano de Geografia*, 23 (2): 243 - 267, jul./dez.

Collins, P. H. (2000). **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**, Second Edition pp. 221-29 (2000)

Correia, A. P. S. (2014). **Mulheres da Periferia em Movimento: Um Estudo Sobre Outras Trajetórias do Feminismo**. Dissertação de Mestrado. Escola de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo – UNFSP.

Crenshaw, K. (2002). **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. [s.l.]: Estudos Feministas. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em 10 de nov. de 2016.

Davis, Â. (2013). **Mulher, Raça e Classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto. 1ª publicação na Grã Bretanha pela The Women's Press, Ltda. Em 1982.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016

FERNANDES, Florestan. (1972). **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo, Difel.

Fernandes, V. B. e Souza, M. C. C. C. (2016). **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. In: *Revista do Instituto de Estudos brasileiros* nº 63 - abr. (p. 103-120). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf>>. Acesso em 20/03/2018

Flick, U., Von Kardorff, E. e Steinke, I. (Orgs.) (2000). **Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick**. In: U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke, (Orgs.), *Qualitative Forschung: Ein Handbuch* (pp. 13- 29). Reinbek: Rowoh

Flick, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de U. Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009

FPSP - **Fórum Brasileiro de Segurança Pública** (2016) <
<http://www.forumseguranca.org.br/>>

Fraser, N. (2013). **Fortunes of feminism: from state-managed capitalism to neoliberal crisis and beyond**. Verso. London . New York

Freyre, G. (1957). **Sociologia: Introdução ao Estudo dos Seus Princípios**. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

Fry, Peter, Maggie, Yvonne, (2002). **O debate que não houve: a reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras**. Enfoques – Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, p. 93-117.

Gamboa, S. S. (2007). **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Ed. Argos, 196 p.

Gil, A. C. (1987). **Métodos e técnicas de pesquisa sócia**. São Paulo: Atlas.

Gomes, F. e Ferreira, R. (2008). **A miragem da miscigenação**. In: Novos estudos CEBRAP, no.80. São Paulo Mar. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100010>. Acesso em 20/04/2018

Gonzalez, L. (1982) **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: Luz, Madel T. (Org). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina. Rio de Janeiro, Edições Graal.

Guerreiro, A. R. (1957). **Sobre a crise brasileira e a sociologia no Brasil**, In: Guerreiro Ramos, A. Introdução Crítica à Sociologia Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Andes, 1957. 205-216 p.

Guimaraes, A. S. A. (2004). **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. In: Revista Antropologia, vol.47, n. 1, p. 943.

Haddad, M. B. e Moura, R. (2016). **Dinâmicas de expansão do arranjo urbano-regional Brasília-Anápolis-Goiânia**. Cadernos Metrópole. [online]. Vol.18, n.36, pp.583-603. ISSN 1517-2422. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3613>>. Acesso em 15/03/2018

Hegel, G. W. F. (2011). **Fenomenologia do espírito**. 4ª Edição. Editora Vozes.

Heringer, R. (2002). **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas**. In: Caderno Saúde Pública, vol.18. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000700007>> . Acesso em 20/05/2018

Honneth, A. (2003). **Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Ed. 34. São Paulo.

_____. (2007). **Sufrimento de indeterminação: uma atualização da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Editora Singular, Esfera Pública.

_____. (2009). **Autonomia descentrada**. In: Honneth, A. Crítica del agravio moral: Patologías de la sociedad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Bell hooks, “Black Women: Shaping Feminist Theory,” 1984. In Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform, and Renewal; An African American Anthology, edited by Manning Marable and Leith Mullings, 544-550. New York: Bowman & Littlefield Publishers, Inc., 2000.

HOOKS, Bell; A teoria como prática libertadora. In:_____ Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Cap.5, p.83-104.

Hooks, Bell. (2000). Black Women: Shaping Feminist Theory, 1984. In Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform, and Renewal; An African American Anthology, edited by Manning Marable and Leith Mullings, 544-550. New York: Bowman & Littlefield Publishers, Inc., 2000.

Hooks, Bell. (1992). Black looks: race and representation. South End Press. New York. Disponível em:< <https://aboutabicycle.files.wordpress.com/2012/05/bell-hooks-black-looks-race-and-representation.pdf>> acesso em 10/07/2018

Hooks, Bell. (1984). Feminist theory from margin to center. South End Press. Social-United States. Disponível em<https://diyworkshop.noblogs.org/files/2015/10/Bell_Hooks_Feminist_Theory_from_Margin_to_CenteBookZZ.org_.pdf> . Acesso em 30/05/2018

HOOKS, Bell; A teoria como prática libertadora. In:_____ Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Cap.5, p.83-104.

Karasch, Mary (2012). Rainhas e Juízas – As negras nas irmandades dos pretos no Brasil central (1772-1860). In: Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. Giovana Xavier, Juliana Barreto e Flavio Gomes Organizadores.

Kojéve, A. (2002). **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto/EDUERJ, 2002.

Lago, L. A. C. (1988). **O surgimento da escravidão e a transição para o trabalho livre no Brasil: um modelo teórico simples e uma visão de longo prazo**. In: Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro p.317-69 out./dez.

Lopes, F. (2005). **Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde**. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(5):1595-1601, set-out.

Machado, L. S. (2017). **A Diáspora Negra e a presença de africanos escravizados em Itapemirim – ES (1860-1870)**. In: Mosaico, volume 8, número 13. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/69652/70316>>. Acesso em: 21/12/2018.

Maio, M. C. (2004). **Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX**. In: Monteiro, Simone (org.) Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. p. 15-45.

Marcuse, H. (1997). **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.1.

Mattos, H. M. (2004). **Marcas da escravidão: biografia, racialização e memória do cativo na história do Brasil**. Tese apresentada na Universidade Federal Fluminense.

Melo, R. (2011). **Teoria crítica e os sentidos da emancipação**. In: Caderno CRH vol.24 no.62 Salvador May/Aug. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000200002. Acesso em 12/02/2017.

_____. (2014). **Da teoria à práxis?** Axel Honneth e as lutas por reconhecimento na teoria política contemporânea. In: Revista Brasileira de Ciências Política. Disponível em < <http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/12888>>. Acesso em 01/07/2015.

Mbembe, A. (2018). **Crítica da Razão Negra**. 1ª edição. N-1 edições.

_____. (2018). **Necropolítica**. 1ª edição. N-1 edições.

Montero, M. (2004). **Introducción a la Psicología Comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos**. Buenos Aires: Paidós

Moore, C. (2007). **Racismo & Sociedade – Novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições.

Nascimento, A. (2004). **Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões**. In: Estudos Avançados 18 (50). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019>. Acesso em 21/05/2018.

Novikoff, C. (2010) **Um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa**. In Rocha, J.G. e Novikoff, C. (orgs.). Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242.

- Osório, R. G. (2004). **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. In: Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade. Organizadores: Joaze Bernadinho e Daniela Galdino. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Racionais MC's (2002). Vida Loka Parte I. In: Álbum Nada Como o dia após o outro dia. Gravadora Casa Nostra.
- Ribeiro, D. (2017). **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, Justificando. 112 páginas. Coleção: Feminismos Plurais.
- Ricoeur, Paul. (1996). **O perdão pode curar?** Tradutor: José Rosa. Lusosofia:press. Disponível em: < http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf > Acesso em 13/12/2017
- _____. (1997). **Tempo e narrativa**. Campinas: Papius, v. 3
- Sant'Anna, D. B. (2016). **O imperativo da beleza no Brasil**. Disponível <<http://journals.openedition.org/confins/10741>> ou <<https://journals.openedition.org/confins/10741?lang=pt>> acesso 13/12/2017
- Santos, B. S. (2007). **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** (trad. Mouza Benedito). São Paulo: Boitempo, 128p.
- Santos, M. (1978). **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp.
- Silva, A. V. M. (2007). **Kalunga**. Editora da UCG, Goiás.
- Silva, C. R. R. (2016). **Orgulho crespo: corpo (des) constrói-se a (in)diferença, o Estigma**. In: Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 463-476, Mai.-Ago.
- Silva, T. O. G. e Ferreira, G. S. (2017). **E as mulheres negras? Narrativas históricas de um feminismo à margem das ondas**. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 25(3): 530, setembro-dezembro. Disponível em< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41527/35156> > . Acesso em 20/04/2018.
- Sousa Neto, M. F. (2008). **Os ventos do Norte não movem moinhos**. In: Boletim Goiano de Geografia, v. 28, n. 2, p. 15-32.
- Souza, J. (2000). **Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira**. In: Tempo Social vol.12 no.1 São Paulo May. Disponível em< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702000000100005>. Acesso em 10/10/2018.
- Souza, N. S. (1983). **Tornar-se negro; as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. Edições Graal. Coleção Tendências; v. 4.
- Spink, P. K. (2018). **Viver em área de risco: fluxo sobre vulnerabilidade social**. EDUC. 232 p

Spink, P. K. (2003). **Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. In: Psicologia & Sociedade. On-line version ISSN 1807-0310, Psicol. Soc. vol.15 no.2 Porto Alegre July/Dec.

Xavier, J. T. P. (2010). **Afrodescendente: identidade conquistada**. São Paulo: Salesiana, 2010.

Young, I. M. (1990). **Justice and the Politics of Difference**. Princeton: Princeton University Press.

_____. (1995). **Throwing like a girl and other essays in feminist philosophy and social theory** Response and commentary Human Studies Princeton University Press. PP. 463-469.

_____. (2005), **"Five faces of oppression"**, in Cudd, Ann E.; Andreasen, Robin O., *Feminist theory: a philosophical anthology*, Oxford, UK Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing, pp. 91–104